

Aída Curi

14 de julho de 1958



OURO PURO EM MINA DE TREVAS

Escrito pelo seu próprio irmão:
Monsenhor Maurício Curi.

AÍDA CURY

OURO PURO EM MINA DE TREVAS

Mons. Maurício Curi

AÍDA CURY

OURO PURO EM MINA DE TREVAS

5^a Edição.

1^a edição 1960 – 10.000 exemplares Edições Paulinas SP

2^a edição 1961 – 10.000 ex. Edições Paulinas SP

3^a edição 1975 – 5.000 ex. Editora Ave Maria SP

4^a edição 1979 – 5.000 ex. Editora Ave Maria SP



Aída Curi

PREFÁCIO

Falar ou escrever a respeito da vida de Aída Curi exige de qualquer interlocutor honesto uma série de virtudes, visto que deve enfrentar a grande contradição entre a pureza e a violência.

A primeira, assim como o amor, vem sofrendo no curso das últimas décadas não só um flagrante desgaste e equívoco quanto ao seu verdadeiro conceito, como uma falsa concepção dos seus agentes, muitas vezes considerados seres anormais, originais, excêntricos ou mesmo desequilibrados. É, sem dúvida, uma interpretação do mundo consumista e hedonista, marcado pelo egoísmo e individualismo, no qual vivemos e que baliza o homem segundo critérios absolutamente materialistas.

A violência, por sua vez, lamentavelmente tem sido a característica que vem marcando comportamentos e relacionamentos, gerando uma sociedade doentia, insegura, temerosa e muitas vezes sem perspectivas. Não só no Brasil, mas em todo o mundo, autoridades e governos se preocupam com o aumento da criminalidade violenta, cuja espiral ascende rapidamente, e as soluções mais mirabolantes são apresentadas à sociedade, desde o endurecimento das penas, passando pela revisão do sistema educacional, a criação de novas estruturas de lazer para adolescents da periferia, à guisa de prevenção da delinquência.

No entanto, alguns poucos e perseverantes *heróis* ousam disseminar os ideais que realmente constróem uma sociedade justa e solidária, e para tanto, não basta que a Constituição Federal o proclame com todas as letras e convoque os seus cidadãos à prática de tais virtudes – justiça e solidariedade.

É preciso que os homens, que cada homem se convença que depende exclusivamente do seu comportamento individual justo, solidário, respeitoso e digno, o reflexo na sociedade, desejada como justa, solidária, respeitosa e digna.

Aída Curi e os personagens da presente obra "*Ouro puro em mina de trevas*", ora em sua 5ª edição, lançam ao leitor deste início de século um grande desafio – a opção pelo caminho das virtudes ou a adesão à proposta da violência. Violência essa que

inclui sintomas visíveis de corrupção a todos os níveis, que permeia as páginas dolorosas segundo as linhas que se seguem à cruel morte de Aída, mas que também tem aumentado e desfigurado os poderes públicos.

Cabe ao leitor, a cada leitor, fazer a sua escolha, após a leitura de verdadeiros documentos que ilustram a presente obra, fazer a escolha da sociedade que deseja e do comportamento individual que a vai plasmando no seu cotidiano.

Munir Cury

Procurador de Justiça aposentado do

Ministério Público de São Paulo

Afife L. Kaial Cury

Advogada

O CASO AÍDA CURI.



No dia 14 de julho de 1958 ocorreu um dos mais horrendos crimes do Brasil. Em Copacabana, no Rio de Janeiro, por volta das 9 horas da noite, um corpo cai na Avenida Atlântica em frente ao edifício de 12 andares n. 3388. Aída Curi, (muitos escreveriam Aída Cury), nome da mocinha de 18 anos, iria se tornar conhecida em todo o Brasil e até mesmo em outros países. Seus pais, Gattás Assad Curi e Jamila Jacob Curi, eram originários da cidade de Saidnaia, na Síria, e faziam parte da Igreja Melquita Católica. Aída tinha quatro irmãos, Nelson, Roberto, o Autor e Waldir, todos hoje ainda vivos. Quando estes eram pequenos, Dona Jamila ficou viúva. Deixando Belo Horizonte, onde nascera Aída (Av. Santos Dumont, 436), foi para o Rio de Janeiro, sendo recebida pelas bondosas senhoras Alice e Flora dos Santos Moreira, e permanecendo durante muitos anos na escola por elas dirigida, a Escola Moreira, no Riachuelo, bairro da zona norte do Rio. Quanto a Aída, receberia formação esmerada num colégio de freiras espanholas, da congregação Filhas de São José, o Educandário Gonçalves de Araújo, pertencente à Irmandade do Santíssimo Sacramento da Igreja da Candelária. Sempre foi a primeira em tudo. Deixando o Educandário, após haver completado dezoito anos, preparava-se para um concurso que iria decidir de seu futuro. Estudando em Copacabana, caíra nas malhas

de um grupo de jovens da Rua Miguel Lemos deste bairro, sendo vítima de uma "curra", uma prática criminosa em que a vítima era atraída com blandícias para em seguida ser levada à força a fim de ser submetida aos atos escusos do grupo. Custou-se a encontrar todos os culpados, respaldados por gente influente e poderosa; e o Processo Criminal, com suas vicissitudes irregulares e escandalosas, foi acompanhado pelas famílias brasileiras, de Norte a Sul do Brasil. Até hoje, muito resta a esclarecer.

São inúmeras as pessoas que desejam saber o que realmente aconteceu e quem era Aída Curi. Este fato foi e continua sendo emblemático neste último meio século de vida social de nossa pátria. Muitos foram os jornalistas que em artigos ou reportagens publicados em revistas ou jornais interpretaram a seu modo o fato criminoso sem consultar a família da vítima ou agindo até contra a vontade da mesma, deturpando os fatos com informações imprecisas e falsas e, às vezes até, sem querer, conspurcando a honra de Aída . E o que é mais: sendo interpelados por nossa família não se retrataram. Mesmo um importante canal de TV, em programa de grande audiência, teve a ousadia de exibir um filme, sem levar em conta a oposição da família e até uma Notificação judicial feita antes do programa. E deturparam os fatos, imaginando a sua ida com um dos acusados, pouco antes, a outro edifício. O autor do filme fazia entender ainda que, em seguida, ela subira ao alto do "Edifício Rio Nobre" porque quis, além de mostrá-la no terraço do prédio como ingênua, deslumbrada diante da praia de Copacabana, e tendo reagido somente quando os assassinos tentaram o ato sexual. Apresentam ainda a intervenção de um segundo para livrá-la do primeiro. Caso tivesse havido a intervenção de um segundo agressor para salvá-la do primeiro (como ocorre na "técnica da curra" e apareceu no dito filme), Aída não cairia nos braços do segundo (?!), pedindo socorro, segundo a interpretação do filme. Pura imaginação dos artistas! Após tanta traição e violência, tinha Aída em mente uma coisa só: executar a promessa que havia feito à nossa mãe, três dias antes: "Eu morro, mas ninguém há de me encostar um só dedo!".

Preferiram eles crer na versão suspeita dos assassinos e no ouvi-dizer popular, desprezando a persuasão íntima da família no tocante ao crime assim como as provas incontestes dos Autos. Tentarei, portanto, resumir em poucas linhas o fato criminoso, expondo a convicção de nossa família, baseado nos Autos do Processo que tivemos em mãos e nas informações obtidas seja pessoalmente ou através de parentes, amigos, conhecidos ou entrevistados, relevando de igual forma algumas incógnitas do crime.

Anos atrás, quando ainda não se dera a prescrição legal dos 20 anos, tentei o reexame do processo. Não podendo, todavia, contar com o testemunho das pessoas por mim entrevistadas, fui obrigado a abandonar a causa. A principal delas me havia revelado, no escritório mesmo de nosso advogado, pormenores que poderiam diluir dúvidas, apontar novos culpados, enfim elucidar o crime. Sendo esta pessoa por nós solicitada para comparecer em Juízo, recusou – se terminantemente, por motivos que ignoramos. Deveria ela ser interrogada no processo de queixa-crime a que respondi e do qual, mais tarde, eu seria absolvido. Esta ação judicial fora contra mim intentada por iniciativa de uma das testemunhas por mim acusada e interpelada publicamente.



Praia de Copacabana.

O FATO CRIMINOSO.



O edifício mais alto é o edifício do crime.

A violência sexual era prática freqüente na Zona Sul do Rio. Os autores destes atos eram encorajados, de um lado, pela inércia da Polícia e, de outro, pela impunidade, caso fossem presos.

Segundo os comentários ouvidos então, outras moças já haviam escapado das malhas deste mesmo grupo de jovens que se reuniam na esquina da Rua Miguel Lemos, perto da Escola Remington onde Aída estudava Datilografia.

Eu mesmo fui informado de duas outras tentativas dos envolvidos na tragédia de minha irmã. Uma delas aconteceu exatamente um dia antes, quando a moça conseguiu, à porta do edifício Rio Nobre - contou-me ela mesma - desvencilhar-se das mãos do agressor, que queria puxá-la violentamente para dentro do prédio. Minutos antes, passara de lambreta um dos colegas do agressor, parando e falando a este alguma coisa.

Foi-me ainda revelada uma segunda tentativa. Um senhor que conhecia todos os envolvidos disse-me numa conversa: "Eu mesmo já salvei uma sobrinha desse mesmo grupo".

A violência física propriamente dita teve início na porta do elevador social (o qual era raramente usado pelos moradores do prédio), para dentro do qual a inditosa Aída havia sido puxada. O detalhe desta primeira agressão, isto é, quando é introduzida no elevador à força, foi revelado à nossa família por nada menos que quatro testemunhas que preferiram na ocasião guardar o anonimato. Aída sente o pavor da agressão e da traição, reage, grita ("Bem que eu ouvi uns gritos", diz alguém à nossa mãe quando esta chega ao local na noite do crime), mas o elevador já está em movimento. Para no 12º andar e, segundo as primeiras notícias do jornal carioca "O Globo", na edição de 16 de julho de 1958, foi dentro do apartamento 1201, ainda em construção, cheio de entulhos e às escuras, com o piso ainda não taqueado, que Aída continuou a se defender das investidas de dois ou três agressores, tendo ela mesmo num primeiro momento tropeçado nas peças de madeira (esquadrias) (fls. 241). Também tropeça a pessoa que com ela se encontrava: "os dois tropeçaram em um pedaço de madeira" (fls. 445v). É que "o apartamento estava em obras e às escuras"(fls 92v).

Os repórteres de "O Globo" que visitaram o apartamento 1201, detectaram certos indícios que os intrigaram, tais como: em uma das vidraças, marcas de dedos finos, de alto a baixo; vários sacos vazios de cimento, estendidos à guisa de leito. Pelo chão, dezenas de pegadas, cuja incidência aumenta em torno do leito improvisado. Ainda observando a grande vidraça, vêem na parte inferior da parede mancha que supõem ser de sangue.

O fato de que a luta se passou no apto. 1201, como pensamos nós, não é de todo estranho aos Autos. Era um apartamento desabitado e em construção. Um Comissário de Polícia, na inspeção do prédio, "desceu com o doutor "X" ; porque se discutia se ela, a moça, teria caído do décimo segundo andar ou do oitavo andar, e sabia-se que o décimo segundo andar não estava ainda taqueado e portanto a marca do chão deveria ter ficado na sola da sandália; olhou, mas dadas as condições do momento com luz muito precária, não formou um juízo seguro a respeito" (fls. 183).

Referência intrigante surgiu quando se falou do oitavo andar. Mais de uma vez este pavimento será citado (fls. 16v. 46, 195v, 246). Havia o porteiro subido com a polícia pela escada até ao sétimo andar e daí ao oitavo, "onde se encontrava fechada uma porta, por isso que voltaram ao sétimo...". (fls.23v)

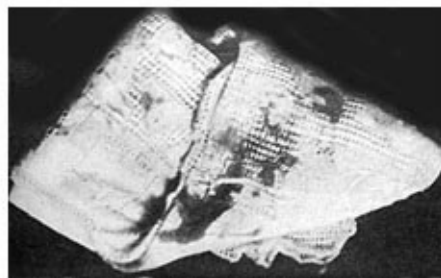
Noutro trecho, um dos depoentes notou que o elevador estava passando pelo oitavo andar e foi ao térreo. Nesta descida "houve uma demora fora do comum" (fls. 442v).

Duvidava-se a princípio de que o arremesso do corpo fora da janela deste apartamento, tanto que foi mesmo examinado: "as chaves do apartamento 801 foram localizadas em poder do porteiro e no seu interior nada de anormal foi constatado" (fls. 91).

Falou-se naquela época que um destes apartamentos era usado para fins desonestos. A pergunta do Comissário de Polícia a um seu colega que já se encontrava no local é significativa: "se conhecia no prédio a existência de casas suspeitas" e a resposta do outro Comissário de Polícia não foi afirmativa, mas "acho que não" (fls. 181v). Esta resposta vaga causa estranheza pois havia um só apartamento por andar, sendo alguns apartamentos ainda não ocupados. Ademais, habitava ali, no sétimo andar, um Coronel-Aviador, e era o síndico do prédio um Coronel do Exército, que já fizera o seu nome no prestigioso posto de Chefe do Dops (Departamento de Ordem Política e Social).

Aída perde os sentidos em conseqüência da tenaz mas desgastante resistência. Seu corpo em estado de completa inanição é transportado à cobertura do prédio, sendo utilizada para isto uma escadinha em caracol que do 12º andar conduz ao terraço; é colocado em seguida sobre o peitoril e lançado à Avenida Atlântica. É reveladora e importante no Processo a pergunta feita ao porteiro do edifício por um dos envolvidos : "*no dia em que a moça foi jogada* (o grifo é do Autor), você não desceu pelas escadas ?" (fls. 26). Poucos instantes depois de seu corpo haver tocado o solo, são vistos ao lado da vítima a bolsa, o caderno e o livro que lhe pertenciam. Dentro da bolsa foram encontrados o lencinho manchado de sangue e os óculos despedaçados. O lenço fora usado para limpar o sangue que brotou do lábio superior em conseqüência de uma

bofetada. O lençinho indica ter sido usado estando dobrado, conclusão a que chegaram os peritos pelo processo da justaposição das manchas.



O lenço cheio de sangue.

O lençinho dobrado e abundantemente manchado de sangue dentro da bolsa era uma das provas da resistência de Aída, contra os interessados em fazer crer que todos os indícios de agressão encontrados em seu corpo não eram senão consequência da queda... Estavam, no entanto ali, a caracterizar igualmente a luta dos rapazes para a imobilização da vítima, os longos e vastos rasgões da saia e da anágua, bem como o violento arrancar do porta-seios, as unhas profundas no busto (lado direito) e a equimose no lábio superior, produzida por esbofeteamento (fls. 353). Mesmo na ausência de provas como estas, a violência ficou sobejamente provada durante a reconstituição do crime : a bofetada, o rasgamento das vestes... Nem faltou um ato de anormalidade sexual, quando um dos agressores procurava "colocá-la de costas para si" e "a moça procurava repeli-lo"; (fls 49 e 397 v); "fazia tentativa de virá-la, de modo que a moça ficasse de costas para ele, que a moça não deixando..." (fls 397); um dos participantes da luta "viu que um dos culpados lutava com Aída e que se esforçava por subjugar-la e imprensá-la.... e estando prostrado nas costas de Aída, tinha as mãos ou uma das mãos na altura do seio da moça (fls. 93v). Foi mesmo aventada a hipótese de que teria sido este ato - seguido de uma "gravata" a fim de subjugar a vítima - o momento em que perdeu os sentidos ou teria sido asfixiada ... Mas nunca foi isto provado, embora se dissesse então, e ficou registrado na imprensa, que a Perícia tinha encontrado marcas de "tentativa de estrangulamento".

Poucas foram as palavras proferidas por Aída durante a luta (pelo menos é o que nos referem os réus em seus depoimentos durante o Processo): "*Deixem-me ir embora*" e "*Eu sou virgem*".(fls. 197v e 45). Era devota de Santa Maria Goretti, menina italiana de 12 anos, mártir da castidade. Aída escreveria com sangue o que havia registrado em seu caderno de notas pessoais: "Antes morrer que pecar". Um dia depois do crime, na sede do Instituto Médico Legal, secção de necrópsias, procedeu-se ao Auto de exame cadavérico do qual participaram os médicos legistas, doutores Mário Martins Rodrigues e Rubens Pereira de Araújo, indicados pelo Diretor do Instituto Médico Legal, Dr. Jessé de Paiva. Após acurada inspecção do cadáver no qual detectaram equimoses, escoriações e vestígios evidentes de sevícias diversas, foi colhida e distendida em lâmina, para pesquisa de espermatozóide, substância retirada dos condutos vaginal e ano-retal (fls. 60 v), assim como foram examinados fragmentos de tecido de malha de cor negra. No dia primeiro de agosto os médicos legistas deram as conclusões das pesquisas : Negativo. (fls. 172).

Durante o exame cadavérico, procedeu-se a outras análises meticolosas, tendo sido retirado material para detectar a presença de barbitúrico ou tóxico, (fls. 65), bem como para pesquisa e dosagem de álcool (fls. 172). Nenhum destes elementos teve a sua presença comprovada.

Ficaram evidenciados o homicídio qualificado, o atentado violento ao pudor, assim como a tentativa de estupro. Sobre o último ponto, lemos a análise pertinente de um dos juízes do Processo: "... De nenhuma valia, no caso, a conclusão do laudo de fls. 172, negativa quanto à existência de espermatozóide, quer nos condutos vaginal e anal da vítima, quer em suas vestes, porque é de mister, nem o orgasmo viril, nem a "immissio seminis", e sim a "immissio penis in vagina", e esta não se consumou, ao que tudo indica, embora a vítima fosse dotada de hímen complacente (auto de fls. 59). Se tivesse havido desistência voluntária dos agentes de atingir a meta optata (desejada), sobraria de tudo, como resíduo, o crime de atentado violento ao pudor. Mas, o que os autos revelam é que a desistência do estupro não foi voluntária, e sim resultante da tenaz resistência da vítima; admito, portanto, a existência da tentativa de estupro". Juiz Astério Aprígio Machado de Melo (fls. 380). Ficou assim claramente demonstrado que não houve estupro. *Aída morreu virgem.*

O CONTEXTO SOCIAL DA ÉPOCA.



Uma cena comum no Rio de Janeiro, no ano de 1958.

Vale lembrar que, nos anos 50, filmes de violência e rebeldia eram exibidos no Brasil e atingiam a psicologia malformada de alguns adolescentes do Rio, exemplos "O Selvagem", com Marlon Brando, e «Juventude Transviada», com James Dean.

O Rio de Janeiro vivia momentos inquietantes com o fenômeno da “juventude transviada”, protagonista também das famosas "curras". Esperava-se da Polícia reação pronta e mais severa. As famílias da zona sul estavam praticamente desamparadas. Duas ou três semanas antes da morte de Aída, precisamente no dia 27 de junho, um mendigo tinha morrido em Copacabana...incendiado por mãos criminosas de um jovem do bairro, correndo rumores de que o culpado fazia parte do mesmo grupo que dias depois iria atacar Aída (fls. 130 v). Nenhuma notícia, nos periódicos de então, sobre uma séria sindicância ou mesmo simples pesquisa policial com referência à autoria deste revoltante crime!...

Notemos ainda de passagem que a "Cidade Maravilhosa" ainda era a Capital do País , o assim chamado "Distrito Federal". A construção da nova capital Brasília (urgia inaugurá-la em 1960!) parecia absorver toda a atenção do Governo...

Para tornar mais dramático ainda o quadro social, a droga já se instalara em Copacabana. Não seria uma suposição infundada que alguns dos implicados neste crime já estivessem sendo aliciados por este vício. Falou-se na época que teria havido entorpecente no caso e inclusive que «bocas de fumo» existiam bem próximo ao local do crime, uma delas sendo frequentada por implicados na morte de Aída.

É quase impossível conhecer toda a profundidade da degenerescência moral do grupo que tentou arrebatar a honra e a inocência de Aída. Ao que tudo indica, era o submundo da libertinagem!

AS INCÓGNITAS DO CRIME.

Muitas questões ficaram sem resposta até os dias de hoje:

- 1- Deu-se realmente o fato, segundo se dizia, que Aída já era seguida há algum tempo pelo grupo, com objetivos inconfessáveis?
- 2- Tratava-se de uma "curra" planejada há tempo, tendo por mira Aída ? O artigo definido usado por um dos depoentes, interpelando o menor culpado, pode ser indicativo: ["X" está com a menina e querendo saber se você tem um lugar para ele ir...] (fls. 12v). Não diz está com uma menina mas com a menina.
- 3- Quais os elementos do grupo que fizeram a apresentação de Aída na noite do crime? Falou-se que esta apresentação fora feita por um deles que já conhecia Aída ou sua colega. No entanto, não foi este rapaz incriminado, tendo sido somente testemunha no Processo. Ainda no mesmo contexto, pergunta – se: a quem pertencia o chaveiro jogado ao chão, com o objetivo de atrair a vítima? Ficou claro no Processo que outros rapazes das imediações da escola pudessem conhecer Aída (fls. 31) e que ao sair da Escola, fosse acompanhada de algum rapaz, também ali matriculado (fls. 449).
- 4- Teriam estado lá em cima, na hora da luta, outras pessoas que faziam parte do grupo, além dos dois que sendo maiores foram julgados pelo Tribunal do Júri e do menor implicado que não foi a julgamento, mas recolhido ao Juizado de Menores? Um dos envolvidos afirmou "conhecer os hábitos da turma, de quererem participar dos

encontros amorosos dos companheiros" (fls 51). Comentou-se na época que, além destes três, outras duas ou três pessoas também subiram... Quais delas estiveram lá escondidas na hora do assédio criminal? Um dos implicados, o quarto personagem condenado, declarou que, no momento da queda do corpo, esteve na entrada do prédio procurando pelo porteiro (fls. 12 v). O porteiro não foi ali encontrado. Esclarece mais o mesmo declarante: "no preciso momento em que entrou, a moça caiu" (fls. 410). Desde algum tempo, estava matriculado na mesma escola de Aída, e no mesmo horário, isto é, das 18,00 às 19,00 horas. Dois dias após o crime (!), na quarta-feira, lá se achava na aula, neste mesmo horário (fls. 14). Esteve presente quando o chaveiro foi jogado ao solo, no início do encontro fatal, e prontificou-se a procurar o lugar para onde seria levada a vítima.

5- De quem partira a ideia macabra de arremessar o corpo? Duas hipóteses foram levantadas na época : teria sido por iniciativa dos próprios rapazes, supondo que estivesse morta, ou a conselho de moradores e frequentadores do prédio? Em ambos os casos, o objetivo era o de simular o suicídio.

6- Quem lançou o corpo e quais as pessoas que neste momento se achavam presentes no terraço?

7- Quais as autoridades que se achavam no apartamento 201, no segundo andar do prédio, residência de um dos culpados, jogando cartas (fls. 90v), no exato momento da luta? E tendo sido imediatamente notificadas do que havia acontecido no alto do edifício, que providências tomaram? Consta nos Autos que ao menos um Delegado aí se encontrava no momento da queda do corpo (fls. 181v e 443v). Foi levantada a hipótese de que ao menos uma das Autoridades subiu no momento em que Aída se encontrava inanimada no alto do prédio.

8- Como explicar o molho de chaves caído no piso da entrada de serviço diante da porta da cozinha do apto. 1201 (fls. 91)? Puro esquecimento dos autores do crime ou para fazer crer que a subida fora feita pelo elevador de serviço e não pelo social, com o fim de culpar a vítima de conivência com os assassinos? Da mesma forma, como explicar que a porta principal do apto. 1201 foi encontrada pelos peritos fechada por um obstáculo de madeira (fls. 147)? Não visavam os culpados sugerir que a subida fora pelo elevador de serviço e não pelo social? Mas a observação da perícia sobre o

interior da entrada de serviço, desmascara a farsa: "Seu interior, no entanto, nada revelava que pudesse levar à conclusão de ali ter estado a jovem (fls. 91).

9- Quem desceu do alto do prédio para colocar o livro e a bolsa de Aída ao lado do cadáver na Avenida Atlântica? O Sr. Leonil Faria Neves declarou à nossa mãe que viu Aída cair sem os livros, e no instante em que ela caiu os livros não estavam ainda no chão. Afirmou-lhe isto quando mamãe estava na Policlínica Geral do Rio de Janeiro para tratamento de dentes. Disse morar à rua Taperuá, 319, na Penha. Foi sem dúvida este senhor uma das primeiras pessoas que viram o corpo cair, ou já caído, pois afirmou ainda que estava um rapaz muito nervoso um pouco distante do corpo e que atrás dele vinha uma senhora que exclamou: coitada! E em seguida compôs as vestes de Aída que estavam revoltas.

10- Quem seriam e por que não foram procuradas e interrogadas as pessoas, aparentemente alheias à urdidura da "curra", vistas entrando no elevador na noite do crime?

Declara um dos implicados que, tendo encontrado a porta do 12º andar fechada, desceu, e ao abrir a porta do elevador social, no andar térreo, deparou com "Z", interpellando-o (...) que essa conversa com "Z" foi um tanto dificultada porque uma senhora entrava no elevador" (fls 19 v.). Já o relatório apresentado nos Autos do Processo por dois detetives da Divisão de Polícia Técnica se refere a "duas senhoras" (fls 92v).

De outra vez, uma das testemunhas arroladas revela o que o próprio porteiro, por ele interrogado se conhecia a vítima, lhe respondeu; "que não, e, que momentos antes, haviam subido duas moças" (fls 33), sem precisar qual dos dois elevadores foi por elas usado, nem tampouco se os rapazes já se encontravam com Aída lá em cima... O porteiro quando, inquirido, afirma apenas que eram moradoras do apartamento 901 (fls.401). Lamentamos que não tenha havido uma investigação mais acurada com referência a estas "duas moças" que haviam subido ou àquela senhora que dificultara a conversa entre "X" e "Z". Às vezes pequenos fatos podem determinar novos rumos na história contada pelos fautores de um delito, mormente neste Caso, pois foi comentado que não só rapazes mas moças também tiveram atuação delituosa neste crime.

SUICÍCIO OU HOMICÍDIO?

Desde o início, foi descartada a hipótese do suicídio, quer pela Perícia Criminal quer por todos os que conheceram Aída. E aqui cabe uma pergunta ainda: por que a Perícia Criminal só foi avisada três horas após o crime, mais precisamente às 23, 50 horas (fls. 143)? Que teriam feito os interessados neste espaço de tempo com o objetivo de despistar a Polícia da verdadeira e única versão do crime, o homicídio, e fazer crer que a morte se dera por autodeterminação da vítima?

Como explicar a presença de um Comissário de Polícia e de um Delegado, amigos íntimos da mãe do menor implicado, no apartamento desta, no segundo andar do Edifício Rio Nobre, até altas horas da noite no dia do crime? (fls. 378v). Era voz corrente que a família do menor assim como estas autoridades eram en-tão muito ligadas ao Chefe de Polícia do Rio de Janeiro, o General Amaury Krueel, que posteriormente seria guindado ao posto de Comandante do Segundo Exército, sediado em São Paulo.

É um fato consignado nos Autos que a primeira notícia partindo do apartamento do menor envolvido e informando a Delegacia do 12º Distrito Policial era a de que se tratava de um suicídio (fls. 182). No entanto, um de nossos entrevistados já havia alertado a Delegacia, imediatamente após o crime, que não se tratava de suicídio, mas que três rapazes haviam estado com a moça lá em cima. E deu os nomes.

A exclusão da hipótese de um simples suicídio e ponto final coube inicialmente a um homem impoluto, o perito criminal Seraphim da Silva Pimentel. Este, após haver examinado o corpo ferido brutalmente, durante o assédio sexual de que foi vítima,



O perito Seraphim da Silva Pimentel examinando o corpo de Aída.

ordena a detenção do porteiro do edifício Rio Nobre, contrapondo-se, desta forma, àqueles que se valiam de todos os meios para fazer crer, desde o início, que se tratava de um simples suicídio... Visavam ainda os autores do crime ocultar a prática dos crimes anteriores ao homicídio (o atentado violento ao pudor e a tentativa de estupro). Este perito afirmou-nos que se não fosse ele, o crime ia morrer no nascedouro... Sofreria este profissional experimentado e correto extrema pressão moral a fim de escamotear a verdade, mas permaneceu inabalável... Mais tarde, seria afastado do Processo e substituído por alguém ligado à família de um dos implicados... Quanto ao porteiro, que fora detido na noite do crime, um dia depois estava já de volta ao edifício, acompanhado do padrasto do menor (fls.399). Houve intervenção direta deste último, que era alta patente militar e síndico do prédio, instando com a Polícia para que "assim que estivesse pronto o porteiro fosse devolvido ao trabalho" (fls.194). Dizia-se que este último teve advogado caríssimo pago por este militar. E, o que é mais, a um certo momento do processo, contou com 3 advogados ao mesmo tempo!... É forçoso concluir que com ele (por certo não o único), estava a chave do mistério do crime!

A hipótese do suicídio foi descartada definitivamente pelos peritos quando estes constataram na parede externa do edifício, entre o parapeito do terraço e a janela do 12º andar, partículas ínfimas de couro. Examinando as sandálias de Aída, verificaram os peritos que no bordo do pé esquerdo havia sinais de forte raspão em superfície áspera. É que Aída, ao cair, raspou com a sandália a parede do edifício. Ao cair, o corpo não sofreu nenhum impulso horizontal, caso em que não haveria no parapeito o arrancamento recente de reboco das quinas.

Foi grande o esforço para colocá-la no parapeito do terraço, mesmo porque a mureta havia sido construída "em plano inclinado para dentro" (fls. 144). Maior ainda foi o esforço para em seguida descer o corpo verticalmente rente à parede. Concluíram os peritos "que o corpo foi provavelmente escorregado de pé", tendo em vista "o repuxamento da blusa para o alto e as escoriações em faixa, apresentadas pelo cadáver na face lateral e direita do tórax, sendo que um só agente poderia ter levado a cabo tal empreitada" (fls. 334).

Existe um detalhe referente a um dos culpados, por sinal lutador de jiu – jitsu (fls.95v e 200v). Este relata que, após ter visto do alto a moça estirada na calçada, "sentiu as pernas dobrarem e também o corpo e quase também caiu na rua..." (fls.46); e

que "sentiu uma sensação esquisita; que o depoente se dirigiu até ao 12º andar segurando nas paredes" (fls. 442v). Não poderia este detalhe significar que este jovem havia feito um esforço gigantesco, como o descer o corpo (ou ajudar a descer) verticalmente rente à parede do edifício? É apenas uma suposição nossa, a qual não consta nas investigações dos peritos nem da Polícia.

No entanto, este mesmo jovem não exclui esta possibilidade, quando se dirige ao porteiro com esta recomendação: "você não diga que fui eu que atirei a moça (o grifo é do Autor) e nem que assisti a ela se atirar" (fls. 371). O próprio advogado deste jovem não exclui o fato, quando diz ao porteiro: "se fosse o menor que matou a garota ou a jogou (...), com ele não havia nada porque era menor e com o segundo envolvido também, porque era rico ..." (fls.400).

O fato vem confirmado, ou ao menos sugerido, pelo porteiro: "vendo "X" com a moça, saindo antes dela ser atirada" (fls. 372v). Finalmente, é o mesmo menor que, talvez por um lapsus linguae, confessa a sua presença no terraço quando da queda do corpo: "que depois da queda de Aída o depoente não mais viu "Z"; eis que se encontrava no terraço do edifício Rio Nobre" (fls. 455v).

Os peritos precisam mais: a altura do parapeito do terraço era de 1.06 metros por 29 cm de espessura; a vítima tinha 1.63 metros, não podendo pois, cansada e exangue, galgar o parapeito, mesmo não tendo consigo o livro e a bolsa, que deveriam estar caídos no local da luta. Os ditos objetos foram colocados ao lado da cabeça da vítima, na Avenida Atlântica, ou arremessados do alto, após o lançamento do corpo (esta última hipótese foi a adotada pelos peritos às fls.149). Aída caíra de uma altura de 42,35 metros, a uma velocidade de 102 quilômetros, 207 metros e 60 centímetros por hora. A cabeça do cadáver encontrava-se a uma distância de 3,40 m da parede fronteira do imóvel, o que demonstra que o corpo fora lançado, pois em caso oposto (projeção espontânea) a referida distância seria muito maior" (fls. 150 e 347).



O parapeito do terraço de onde foi lançado o corpo.

Existe outro ponto nos Autos, do qual muito se falou. A discordância nos horários referidos pelos réus e testemunhas, com a finalidade de justificar a sua ausência no momento das agressões ou do lançamento do corpo, criando destarte seus próprios álibis, leva-nos a duvidar da veracidade dos depoimentos. Mas ao mesmo tempo, deixa-nos a liberdade de supor que o fim da luta deu-se bem antes do arremesso do corpo. Muito tempo fora empregado para decidirem os autores deste inominável delito o que fazer com o corpo inanimado no apartamento, e também quem deveria imediatamente deixar o prédio (visto não habitar ali).

Com referência a este último item, lembramos aqui as considerações do Curador Cordeiro Guerra no Parecer sobre a Impronúncia, na hipótese de que X tivesse descido antes do arremesso do corpo:

"É preciso compreender que, para prevalecer a defesa do suicídio, logo excogitada, X deveria desaparecer do Edifício quanto antes, pois o porteiro e o menor podiam explicar a sua presença no local, pelo emprego e pela moradia, X, não. Se X saiu antes, não foi por desilusão ou arrependimento, mas porque já fora deliberada por todos três a simulação do suicídio, ou seja, atirarem a vítima do alto do terraço, isto é, o homicídio; porque a vítima já chegara ao estado de inconsciência que lembrava a morte (...) Assentindo na solução destinada a esconder os crimes anteriores, assumiu ou

não o risco consciente de provocar a morte da vítima ? Concorreu ou não, de algum modo, para o homicídio?"

Da mesma forma, deviam os culpados escalar alguém para levar os pertences de Aída caídos ao chão do local da luta e colocá-los ao lado do corpo que seria lançado... Cuidariam os réus, outrossim, de um lado, de apagar qualquer indício que, no apartamento ou no terraço, pudesse levar a Polícia à certeza de um homicídio e, de outro, deixar sinais suficientes (molho de chaves no chão da porta da cozinha assim como a porta da sala principal, onde se penetra pelo elevador social, trancada com madeira por dentro) para fazer crer à Polícia, além do suicídio, a convivência de Aída, indo com os assassinos pelo elevador de serviço.

Inúmeros detalhes permaneceram na obscuridade pois a nenhum dos implicados interessava revelar nomes de pessoas que por sua vez pudessem comprometê-los ainda mais.

O atentado violento ao pudor e a tentativa de estupro ficaram ainda evidenciados pelas marcas e contusões em seu corpo provocadas por objeto contundente (foi recolhido durante as investigações um anel com a efígie de São Jorge usado por um dos implicados); um dos agressores, concluem os peritos, fez uso de um anel. Na face direita de Aída, foram encontradas equimoses circulares ou melhor ovaladas, de 14 milímetros de diâmetro. Pois bem, o anel do porteiro media exatamente 14 milímetros de diâmetro. Determinou o Juiz que o tal anel fosse submetido à perícia (fls. 401). Um porteiro das imediações do local do crime relatou-me que o porteiro do "Rio Nobre", pouco antes da morte de Aída, havia espancado uma sua amante nos fundos do Edifício. Conseguiu em seguida despistar o guarda que o queria prender.

O porteiro afirmou ter descido do prédio às vinte horas e trinta e cinco minutos, enquanto que a sua testemunha, em flagrante contradição, declarou ter o porteiro chegado ali onde ele estava às vinte e uma horas (fls. 401v), por conseguinte 4 minutos após a queda do corpo. A participação do porteiro no crime não pode ser negada. Revelou ele mesmo, em seu primeiro depoimento, que estava com o dedo anular da mão direita ferido. No entanto, havendo recebido da Polícia a guia para apresentar-se ao Instituto Médico Legal para fins de exame de corpo de delito, foi desaconselhado pelo advogado do menor implicado a ir a este Instituto. Se, como o porteiro afirmou em

seguida, este ferimento fora causado no momento em que forçou uma das portas do décimo segundo andar, durante a vistoria do prédio pelos policiais, por que não foi imediatamente ao Instituto para o exame de corpo de delito?



O sutiã rasgado de Aída.

Ficaram ainda registrados arranhões em uma das mãos e no peito, à altura de uma das clavículas (fls. 50). Por outra parte, o Auto de exame de corpo de delito apurou escoriação alongada na região supra-clavicular esquerda e outra escoriação, esta irregular, na face posterior do cotovelo (fls. 83 v). Estas escoriações, segundo se supôs, teriam sido conseqüência da resistência da vítima. Entretanto, a segunda escoriação, a do cotovelo, fica sugerindo ainda a sua participação - provavelmente junto com um segundo implicado - na descida do corpo verticalmente rente ao peitoril do terraço. Ao menos foi mais que uma simples "presunção" a sua presença no terraço, durante a cena final em que o corpo é arremessado do alto. O álibi, passado em branco no primeiro depoimento, um dia após o crime, e apresentado por ele em interrogatório posterior, foi contradito por mais de uma testemunha. Assim também a sua declaração, referente às escoriações em seu corpo, alegando ter sido batido por um policial, não convence, sobretudo sabendo-se que o síndico do prédio em que trabalhava era nada menos que um Coronel e Diretor do Dops, além de pai adotivo do menor implicado. Esta autoridade telefonou mais de uma vez ao 12º Distrito Policial, onde estava sendo interrogado o porteiro. De fato, afirma o porteiro, "sempre ouviu comunicações telefônicas que um funcionário daquele Distrito transmitia ao interrogado, dizendo que o Coronel se interessava pelo interrogado e dizia que devia ser solto logo (fls. 400 v e 401).

Já nos referimos pouco antes ao anel usado pelo porteiro, objeto recolhido durante as investigações.

Além deste anel, é provável que outros objetos tenham sido usados para dominar a vítima. Escoriações e feridas punctiformes foram também detectadas no corpo de Aída (fls. 59v e 60). Não teriam sido estes ferimentos causados pelo "soco inglês", peça metálica usada para aumentar a contundência dos socos? Este detalhe da agressão, que ficou registrado em jornais da época, foi-nos revelado por um dos nossos entrevistados, que obtivera esta informação de um amigo que havia estado com um dos culpados na mesma noite do crime, Citemos ainda os ferimentos profundos no seio, podendo ser provocados por unhas ou dentes (fls. 146), ferimentos que jamais foram satisfatoriamente explicados. O exame das arcadas dentárias de todos os culpados, que nunca foi feito, poderia muito esclarecer. Um destes somente foi submetido a este exame.

A ferocidade dos atos para subjugar a vítima fora ainda demonstrada pelas lesões brutais e vexatórias, sendo a primeira ferida profunda localizada em um dos mamilos, e a segunda consistindo na “rotura cruenta do meato urinário, interessando a parede vaginal” (esta última agressão é referida às fls. 60 v).

Estaria apenas inconsciente ou estava já morta quando o seu corpo foi lançado? Os peritos concluíram que no momento da queda era pouca a intensidade de reação vital ... (fls. 204), adotando a hipótese de que estaria ela, nesse instante, apenas em estado de exaustão física. No entanto, a segunda hipótese até hoje é objeto de especulação...

Finalmente, a não-apresentação da suéter, com certeza manchada de sangue, usada naquela noite por um dos implicados, foi também um dos expedientes usados pela Defesa.

Estas e muitas outras interrogações ficaram pendentes, aguardando a confissão da verdade por algum dos envolvidos, a fim de tranquilizar a própria consciência e dar satisfação à nossa família e à Sociedade.



O perito examina a anágua rasgada e ensanguentada de Aída.

“UM MAR DE LAMA”.

Jamais se poderá aquilatar o jogo de influências para o acobertamento dos criminosos e o grau de conspiração do silêncio para a deturpação da verdade. O combativo jornalista e repórter brasileiro David Nasser terçou armas, ameaçado em sua incolumidade física, a fim de que as forças ocultas não prevalecessem... O advogado Dr. José Valladão, representante da mãe da vítima como parte assistente no processo-crime instaurado contra os responsáveis pela morte de Aída, convicto da sua inocência, não titubeou em proclamá-la, alto e bom som. Haveria ele de enfrentar os advogados de defesa dos acusados, que em sua torpe e solerte trama para livrar os seus clientes da prisão, assacavam toda sorte de calúnias e reticências sobre a virtude da vítima. A técnica da defesa dos acusados consistia em colocar toda a culpa sobre o menor implicado, tendo em vista que este não se sentaria no banco dos réus, em seguida fazer crer a todo custo a aquiescência de Aída às solicitações dos culpados e finalmente provar que se tratava de um suicídio.

Falou-se da atuação de altas patentes das Forças Armadas e de figuras importantes da Polícia assim como de próceres políticos influentes, todos ligados aos implicados, ou parentes dos mesmos. Personagens de posição elevada atuaram na defesa dos implicados. Um Senador do Estado de um dos réus seria auxiliar de seu advogado; um outro, louvado jurista brasileiro, àquela época recém – aposentado ministro do Supremo Tribunal Federal, defenderia o réu, ao preço da sua honorabilidade e de seu próprio nome, já consagrado pela Ciência do Direito em nosso País... A primeira pessoa que um dos réus procura após o crime é a parente de um Senador, visto serem estreitas as relações de amizade entre as duas famílias (fls. 568v). Um parente desta senhora, advogado e filho de um Delegado, orientará por sua vez uma das mais importantes testemunhas no Processo. Cartas de solidariedade à família do réu serão enviadas por um deputado estadual e pelo próprio Governador do seu Estado (fls. 426). Dizia-se ainda que o porteiro do prédio, que ficara foragido durante vinte anos, até que fosse prescrito o crime, fora protegido por alta patente das Forças Armadas.

Era voz comum ademais que testemunhas, em número expressivo, que teriam muito para esclarecer, nunca foram ouvidas, foram afastadas para bem longe ou silenciaram com medo de represálias...

Quanto às testemunhas que foram ouvidas no Processo, é lícito perguntar-nos se foram honestas e verazes. Infelizmente não é de praxe levantar a vida pregressa de cada uma para termos certeza de sua idoneidade...

É fácil imaginar o perigo corrido por quem quisesse dizer a verdade num crime onde tantas forças poderosas atuaram.

O medo de falar obstruía as vias que nos permitiriam saber toda a verdade: "No dia do julgamento, relata nossa mãe, uma senhora dela se aproximou e disse ter sido empregada da irmã de uma importante testemunha no Processo. Revelou-nos que, no dia seguinte após o crime, foi posta na rua, sem ter para onde ir. Esta empregada tinha uma filha de seis anos em uma escola interna da Prefeitura. Ela ficou de voltar para se apresentar a nosso advogado, mas, segundo eu soube, era amiga de um guarda e este não deixou que ela voltasse para falar".

Contou – me também um jornalista que, a fim de entrevistar uma outra testemunha, fizera uma longa viagem ao interior do País. Lá chegando, foi abordado por 2 homens que o ameaçaram, obrigando-o a voltar imediatamente para o Rio.

Atribuiu-se ao Promotor Maurílio Bruno de Oliveira Firmo, que atuou neste caso, a expressão “um mar de lama”, referindo-se ao que se passou durante o Processo.

Resta igualmente misterioso o porquê da impronúncia dos réus por um dos juízes do Processo, após a condenação dos mesmos a altíssima pena pelo Tribunal do Júri, presidido pelo juiz Octávio Pinto. No dia em que foi exarada esta sentença de absolvição dos dois culpados previamente condenados, o Brasil acordou sobressaltado!...

A impronúncia motivou uma série de reprovações pelo Brasil inteiro, inclusive uma declaração, pela Imprensa, do Eminentíssimo Senhor Cardeal-Arcebispo do Rio de Janeiro, Dom Jaime de Barros Câmara que por sinal conhecera pessoalmente Aída, e com ela se havia entretido mais de uma vez, por ocasião das visitas que fazia periodicamente ao Educandário Gonçalves de Araújo, em São Cristóvão, o colégio de freiras dirigido pela Congregação das "Filhas de São José", onde Aída havia permanecido doze anos.

Para tranquilidade do povo, o renomado e douto Curador João Baptista Cordeiro Guerra, insigne mestre de Direito, reduziria a pó as razões da Impronúncia, mandando os implicados a novo julgamento, onde um deles foi condenado finalmente a 8 anos de prisão, enquanto o segundo não foi julgado por estar naquele momento foragido.

UM APELO

Não resta dúvida que o esclarecimento dos detalhes da «Curra», bem como a denúncia e elucidação dos pontos obscuros do Crime e do Processo, são de suma importância para que venham à luz ainda mais a inocência e a pureza de Aída. *A nós não interessa absolutamente condenar ou acusar quem quer que seja, sobretudo após tantos anos passados.* É importante saber também que nossa mãe antes de morrer perdoou a todos, em nome de seus quatro filhos, Nelson, Roberto, Maurício e Waldir. A

carta data de 29-9-1975 com a conclusão "Com o perdão de todos os meus filhos". Assinado Jamila Jacob Curi. O leitor deste relato poderá imaginar a grandeza deste gesto, visto Aída ser filha única, e ela, mãe amargurada e perseguida pelas imagens da resistência desesperada da filha tão meiga e carinhosa. Queremos, sinceramente, dar aos culpados, que também já tiveram uma longa existência sofrida, a possibilidade de recomeçarem uma vida nova, purgando pelo arrependimento o passado negativo, fazendo doravante somente o bem, logrando assim a paz e a serenidade para eles e para as suas famílias tão provadas também.

Tudo o que relatamos acima é ainda ocasião de um apelo a todo e qualquer conhecedor de fatos, jamais explicados ou suficientemente esclarecidos, para que digam o que sabem. Será um benefício para a sociedade que assim ficará ciente de que a verdade um dia vem à tona, que a mentira e o erro não têm a última palavra...

O conhecimento dos fatos bem como a reação popular, sem extremismos nem condenações e julgamentos, mesmo após meio século, são necessários para que casos como este não se repitam. E mais ainda : que as novas gerações saibam que o Brasil tem memória e que assistimos a um Crime e a um Processo em que vigorou a corrupção e imperou a impunidade assegurada pelos grandes que deveriam salvaguardar a paz das famílias.

O autor destas linhas deseja que fique patente a todos a sua inteira isenção de ânimo bem como fique conhecida a atitude de perdão incondicional da família; outrossim faz votos que os leitores tenham estes mesmos sentimentos. Temos em Cristo a orientação fundamental : « Sede misericordiosos, como o vosso Pai celestial é misericordioso ».

Cairo, 14 de julho de 2008, no 50º aniversário da morte de Aída.

14 DE JULHO DE 1958.



Último retrato, poucos dias antes da morte.

- NÃO SE PREOCUPE, MAMÃE. SE ALGUÉM SE APROXIMAR DE MIM COM MÁIS INTENÇÕES... EU GRITARIA... EU LUTARIA ATÉ MORRER... MAS NINGUÉM HÁ DE ME ENCOSTAR UM SÓ DEDO. NUNCA IREI PERMITIR QUE A SENHORA SE ENVERGONHE POR MINHA CAUSA.

Para dar um tom solene a estas palavras pronunciadas com voz pausada e grave, dois ou três dias antes de morrer, Aída havia se levantado da poltrona da nossa pequenina sala de estar. Postara-se diante de mamãe, com uma atitude que surpreendia, ela que de ordinário era tão meiga e de voz tão doce. Dava ela a entender, pelo tom de voz, que não admitia que pensassem algo de menos nobre, que atitude menos definida e heróica pudesse ter, se lhe acontecesse cair numa cilada.

Os tempos eram ruins no Rio, naquele fim da década de 50. E mamãe sentia-se na obrigação de advertir minha irmã, que fazia poucos meses apenas havia deixado um colégio interno de freiras:

- Cuidado, minha filha ! Não confie em ninguém. Aqui fora devemos desconfiar de tudo e de todos. Não queira imitar as mocinhas que se dizem modernas.

Os jovens de hoje ignoram por certo o que foi a segunda metade da década de 50 com a explosão súbita da permissividade e da inversão de valores, mormente em uma pequena camada da juventude do Rio.

"Rock'n roll", "playboys", "blue-jeans", as "ondas", os "embalos", as "bocas" de tóxicos, as célebres "curras"... e tantos outros vocábulos que se iam incorporando ao nosso idioma.

Os protagonistas dos tremendos crimes sexuais e aventuras desastradas vinham sendo largamente focalizados pela Imprensa em fotos chocantes e fatos estarrecedores sob a conhecida epígrafe "Juventude Transviada". Aceito por uns, rejeitado por outros, o termo caracterizava uma minoria desorientada mas suficiente para levar a intranquilidade aos lares.

Aída, embora não podendo saber até onde chegava a maldade humana, tinha consciência dos perigos a que toda moça está exposta. Prova disto é a carta datada de 20 de setembro de 1957. Escrevia a um de nós, seus irmãos, poucas semanas antes de deixar o Colégio em que estudava:

"Estou muito contente porque irei para casa em dezembro. Pretendo ajudar a mamãe o máximo que puder. Agora ela precisa descansar, porque está muito cansada e eu quero ser um apoio para ela.

Peço-lhe que não se esqueça de rezar por mim, principalmente nestes últimos meses, a fim de que eu nunca deixe de ser uma moça digna, e para que eu não esqueça minhas obrigações, pois você não ignora as tentações por que hei de passar nesta nova fase da minha vida".

Após doze longos anos com as freiras, despedia-se delas, prometendo levar-lhes, como prova de gratidão, o primeiro salário de seu trabalho.

Mamãe fazia questão que Aída fosse uma moça instruída, a fim de conseguir boa colocação. Em outubro, tudo correndo bem, deveria fazer um Concurso para trabalhar numa autarquia.

Os seus dias voavam, literalmente tomados por compromissos. Não tinha momentos livres. Assim é que, no pouco tempo que passou fora do Colégio (sete meses

apenas), não contraíra amizade alguma; sua vida dividia-se entre as aulas e o trabalho na loja de nosso irmão Nelson, na rua da Carioca.

Havia entrado para a Cultura Inglesa de Copacabana (Av. Atlântica, 4228) e tomava aulas particulares de Português. Aprendia também Datilografia na Escola Remington da Rua Miguel Lemos, em Copacabana, das 18 às 19 horas.

Seu horário era realmente corrido. No dia da sua morte nem lhe havia sobrado tempo para jantar ou tomar um pequeno lanche.

- Aída, coma alguma coisa antes de ir para a aula.

- Mamãe, estou em cima da hora...

E Aída saiu para lutar pela vida e... pela sua virtude.

Nunca chegava em casa depois das 20 horas. Naquela tarde de 14 de julho, mamãe ainda lhe falou:

- Olha, volta logo para não perder a novela.

Acompanhavam a novela radiofônica intitulada "Aqueles olhos negros".

Naquela noite, contudo, Aída demorou a chegar. Mamãe, em casa, ficara sentada, esperando a filha que jamais havia demorado tanto. Pouco mais de trinta minutos era o suficiente para se ir de Copacabana até em casa. Morávamos então na Rua Marquês de São Vicente, n.º 11 apt.º 201, na Gávea. A primeira meia hora ainda se explicaria por um atraso de condução... ou dificuldades no trânsito... Os minutos iam passando. E Aída não aparecia.

Por volta das 22 horas, chegou Nelson, meu irmão mais velho, e surpreendeu mamãe neste estado de profunda aflição. Procurou acalmá-la, saindo imediatamente de carro para localizar Aída. Dirigiu-se à Escola Remington, onde ela estudava. Nada. Pensou em um possível atropelamento e resolveu passar pelo Hospital Miguel Couto, próximo de nossa casa. Talvez tivesse dado entrada ali alguma desconhecida, vítima de um acidente...

Quando, porém, dobrava a esquina da Rua Miguel Lemos com a Avenida Atlântica, em frente ao n.º 3388, deparou com um grande ajuntamento de populares.

- Não, não pode ser!... Impossível!... - pensou ele, como a querer afastar o doloroso pressentimento.

Saltou, aproximou-se, abriu passagem na multidão, e deu com uma cena horrível: Aída jazia morta, estatelada no chão, a cabeça numa poça de sangue que tingia a calçada. Imaginando o abalo que sofreria nossa mãe deparando com tão lancinante e dantesco quadro, a sua reação imediata foi a de providenciar assistência médica para socorrê-la quando ali chegasse.

Em casa, mamãe ainda espera.

Meu irmão Roberto despertou casualmente pelas 23 horas e estranhou as luzes da sala acesas.

- Mamãe, vai deitar. Já é tarde.

- É que Aída não chegou!...

Mamãe disse isto com a voz embargada pela angústia que começava a se apoderar dela. De repente, soou a campainha.

Mamãe correu ao postigo. Com certeza seria alguém trazendo a notícia de algum acidente... um atropelamento... Eram dois rapazes desconhecidos.

- O senhor Nelson está?

- Não. Quem deseja falar com ele?

- Somos uns amigos da Rua Miguel Lemos. Desejaríamos...

- Qualquer coisa sobre a minha filha?

- Não é nada não senhora. Era uma palavrinha só com o Seu Nelson... Somos uns amigos da Miguel Lemos...

- Ele saiu um pouco. Querem deixar recado?

- Não, obrigado. Voltaremos então mais tarde.

O coração de mamãe disparou. Eles haviam falado Miguel Lemos... Era justamente o nome da rua onde Aída estudava...

Roberto abriu a janela do seu quarto e notou um carro de reportagem parado à porta de nossa casa.

- Mamãe, estes rapazes, na certa, são repórteres.

Roberto já ia abrindo a porta para ir ter com eles, quando mais uma vez soou a campainha.

- Mamãe, deixa que agora eu atendo.

Os repórteres, que haviam escondido o fato à mamãe, contaram então toda a verdade a Roberto.

- Mamãe, a senhora fica... - disse ele, preparando-se para sair.

- De maneira alguma. Vou também.

O carro da reportagem levou-os em direção a Copacabana. No trajeto, os repórteres foram comentando o caso em voz baixa, e mamãe apenas conseguiu perceber que se tratava, quando muito, de um acidente.

No local, a multidão dos curiosos aumentara. Amparada por Roberto, mamãe caminhou até ao centro da aglomeração, e olhou, estarrecida.

- Morta? ...

- É minha filha!...

O que foram os primeiros instantes que se seguiram, só é capaz de compreendê-lo quem é mãe. Se ao menos pudesse ouvir uma palavra que fosse dos lábios de sua filha, ou sentir seu hálito quente, na hora da agonia! Mas nem isso! Mamãe prorropeu num pranto convulsivo. Ficou ali estática. Como que petrificada. Mas não desfaleceu. De nada sabia ainda: se a idolatrada filha fora atropelada ou de que acidente morrera. Para mamãe tudo era um enigma. E de que adiantava, agora, saber a causa da morte?!... De uma coisa estava certa: Aída, sua ÚNICA filha, não existia mais para os seus carinhos!

Eu e meu irmão menor, por ocasião do acontecimento, estávamos estudando em São Paulo, na cidade de Jundiá, num seminário. No dia seguinte é que recebemos a notícia. O padre Reitor, após preparar meu espírito, deu-me a notícia da morte de Aída,

dizendo que um recorte de jornal que lhe caíra nas mãos dava a versão de um possível suicídio. Eu sabia que esta interpretação do fato era absolutamente absurda. Eu conhecia bem minha irmã. E quando ele me falou que a Polícia procurava os suspeitos, imediatamente me veio à mente a figura de Maria Goretti. Muitas vezes havíamos, eu e ela, trocado ideias sobre a santinha italiana, mártir da sua honra. Eu tinha a mais absoluta certeza de que, ao se esclarecerem os fatos, a virtude de minha irmã se tornaria patente. E fiquei tranquilo. Naquele dia eu e meu irmão ajudamos a missa por alma de nossa irmã. O padre Alberto Betke que nos encaminhara para o Seminário e conhecia Aída, não teve a mínima dúvida sobre se devia ou não celebrar aquela missa, a despeito da versão primeira: o suicídio.

No dia do enterro, o féretro foi carregado por mocinhas que haviam sido suas colegas. Estas, ao chegarem ao cemitério, abrem, como de costume, o caixão para o derradeiro adeus. Estava bela, com o mesmo vestido de fustão branco, com barra de rendas, que ela havia escolhido com tanto carinho para o dia de sua saída do Educandário. Sua fisionomia -lembram-se bem as colegas - revelava grande paz, parecendo até esboçar um sorriso.

Uma conhecida murmurou:

- Deus sabe por que razão a escolheu... E eu que a vi ainda anteontem na igreja da Gávea comungando!...

Sete dias depois, estávamos toda a família reunida, no Rio, para a missa de sétimo dia, que foi rezada em nossa igreja católica melquita de São Basílio, situada na rua República do Líbano. A esta altura muita coisa já estava esclarecida: Monsenhor Elias Coueter, que depois se tornaria bispo dos católicos melquitas, celebrou a missa com paramentos brancos. Não esqueço as palavras que mais tarde proferiu, referindo-se ao sacrifício de Aída: "A morte desta menina vem provar mais uma vez que nós orientais temos sangue de mártires!"

A CILADA.

Só algum tempo depois é que viríamos a saber que Aída havia caído numa cilada armada por rapazes de Copacabana.

A "curra" era um fenômeno social com características brutais e desumanas. A "Curra" tinha a sua técnica, a sua malícia própria, uma gíria particular. A Imprensa da época descrevia o ato: três ou quatro rapazes, ou mais, conchavam-se no intuito criminoso de atrair a vítima, por meio de blandícias⁽¹⁾ e sofisticados ardis, e desonrá-la. Não era raro que se fizessem ajudar por alguma moça para a consecução de seus torpes objetivos. A Zona Sul do Rio tornara-se o ponto predileto das aventuras dissolutas de tais jovens.

O chefe de polícia do Rio, o General Amaury Krueel, tentou, após este crime, fazer algo para terminar com a explosão moral que já era, há muito, realidade em uma pequena camada da juventude, com repercussão negativa na tranquilidade dos lares. No entanto, esta repressão viera tarde... Muitas jovens já haviam sido antes infelicitadas em plena capital do Brasil!

Segundo dados colhidos nos Autos do Processo, os fatos que culminaram com a morte de Aída se sucederam da seguinte maneira:⁽²⁾

Terminada a aula do Curso de Datilografia na Escola Remington da rua Miguel Lemos, 44, em Copacabana, Aída sai em companhia de uma colega de Curso. Ambas aí estudavam no mesmo horário, das 18,00 às 19.00 horas. Dirigem-se, como de outras vezes, ao ponto do ônibus, quando Aída é abordada por rapazes que costumavam se reunir próximo à rua Miguel Lemos. Isto aconteceu por volta das sete e meia da noite. Aída contava na época 18 anos e a colega 36; quanto aos rapazes, o mais jovem tinha 16 anos e os outros entre 18 e 22, sendo que o porteiro do edificio do crime 27 anos.

⁽¹⁾ *As costumeiras blandícias da "curra" traduziram-se, no caso de Aída, em palavras e atitudes mentirosas, hipócritas e aleivosas, não sendo em momento algum por ela correspondidas.*

⁽²⁾ *O que segue deverá ser lido sob a luz do último capítulo intitulado "O Perdão". Digo isto para que fique bem claro que não existe de minha parte nenhum sentimento de rancor e nem sequer o mínimo ressentimento. Viso apenas colocar em relevo a honra de Aída e mostrar sua inocência. Os trechos em aspas são palavras textuais dos réus ou testemunhas em depoimentos em Juízo.*

O CHAVEIRO.

Atraída inicialmente por perguntas sobre um molho de chaves jogado ao chão por um deles, Aída, sempre correta e inocente em seus pensamentos, não desconfiou das segundas intenções dos que dela se acercavam. Um deles, para insinuar-se junto a Aída e entabular conversa, usou do estratagema de deixar cair um chaveiro. "Um dos companheiros do declarante lembrou-lhe a brincadeira da chave". Perguntando a Aída se lhe pertencia, "dizendo que ela era muito bonita", recebeu dela uma resposta seca e desconcertante: "que não queria conversa" (fls. 84).

OS ÓCULOS E A ALIANÇA.

Vendo-se desencorajado e frustrado em seu primeiro ensaio de abordagem e preterido por Aída, o rapaz decidiu empregar outro expediente. O Processo é sobrejamente claro no que diz respeito ao ato preciso: "O rapaz apossou-se da caixa de óculos de Aída"; "pegou rapidamente a caixa de óculos que Aída tinha em uma das mãos"; "tomou de Aída a caixa de óculos". (fls. 45, 84 e 185).

Aída pediu ao rapaz que lhe devolvesse esta caixa, insistentemente, no que não foi atendida; que o rapaz dizia: "Não, esses óculos vão ficar comigo e você também vai"; que Aída dizia "que precisava dos óculos para voltar para casa" (fls.448). E à sua colega dizia "que só iria embora com os óculos". (fls. 84 e 84v). Esta mesma colega relata que Aída disse a um dos rapazes que, por sinal, se achava matriculado na mesma escola da Rua Miguel Lemos: "você tem um amigo ladrão; me roubou os óculos" (fls. 84v). Nota-se, pelo tom de voz, que Aída parece estar pedindo auxílio a um conhecido seu. Ignorava, porém, que este último seria o mais interessado em arrumar o local dos seus últimos momentos...

Às insistências para que ele lhe devolvesse a caixa de óculos, o rapaz respondeu que "não a entregaria a menos que lhe desse Aída um beijo". A determinação e atitude

de Aída são claras. Segundo um dos presentes, "Aída não deu nem quis dar o beijo pedido" (fls. 516).

Em vão procuraria ela reaver seus óculos. Não se tratava de uma simples e inocente brincadeira: se lhe fora arrebatada a caixa de óculos e lhe era recusada a devolução, o motivo é óbvio: "era para que ela não se fosse logo embora". Arrebatando-lhe a caixa de óculos, o rapaz tinha em mira forçá-la a ficar com ele. Tanto é isto verdade que a referida caixa não é devolvida; voltaria à baila novamente quando estavam todos no alto do prédio.

Além dos óculos, foi-lhe tirada igualmente uma aliança de metal amarelo. O declarante afirma que "havia apanhado da bolsa dela" (fls. 21). Perguntada em seguida se era casada ou noiva, deu aos rapazes uma resposta evasiva: "que era noiva de um moço pobre" (fls. 21). Não seria esta resposta uma referência a uma escolha sua, bem diferente, a opção espiritual com que sempre havia sonhado, a sua consagração a Deus na vida religiosa? E se não fosse exatamente isto, ao menos estaria se referindo, com esta expressão, ao próprio Cristo com quem, de certa forma, já estava comprometida.

Observe-se que os óculos, assim como a tal aliança, não serão devolvidos a Aída nem antes nem depois da subida: permanecem em poder dos agressores (fls. 16, 370 e 442).

O estojo com os óculos estaria nas mãos de um dos agressores no momento mais acirrado da luta lá no apartamento. "Entregou ao declarante um estojo de couro, com os óculos...dizendo : olha o que eu tomei dela" (fls. 16 e 45).

Ainda no mesmo momento o que havia tirado dela a aliança de metal amarelo entregou-a ao colega: "que tirou de um dedo de sua mão, dizendo pertencer à moça" (fls. 16).

Os óculos com os vidros despedaçados dentro do estojo estavam na bolsa colocada ao lado da cabeça do cadáver. Dentro da bolsa foi igualmente encontrada a aliança.

A BOLSA.

Mas a história da coação não pára aí. Além da caixa de óculos, foi-lhe tirada também a bolsa (fls. 405 v). E Aída pedia ao rapaz "que lhe devolvesse os óculos e carteira", "pedia a sua bolsa". Apoderando-se também da bolsa, o rapaz apelava para um recurso extraordinário, vendo baldados seus esforços anteriores. Ali dentro estavam, além dos pertences íntimos da vítima, o dinheiro (fls. 7), sem o qual não poderia voltar para casa. Forçavam-na assim a ficar com eles, uma vez que se mostrara arisca e desconfiada, não correspondendo quando o rapaz, passando por ela, "falou qualquer coisa "; e após ser seguida nem lhe dera atenção ao haver aquele atirado ao chão o chaveiro, respondendo-lhe secamente "que não queria conversa".

AS MANCHAS DE SANGUE NO LIVRO.

As manchas de substância vermelho-escura assinaladas no livro que Aída tinha consigo são de sangue humano, referem os peritos. A afirmação é evidentemente baseada em prova científica: "segundo o positivou a reação de soro-albumino precipitação, segundo Uhlenhuth".

As tais manchas são apontadas na bolsa, no lenço e ... no livro. Nesta publicação, "Corografia do Brasil", do Instituto de Aposentadoria e Pensões dos Industriários, viam-se diversas manchas de sangue nas capas, nas páginas números 128 e 129, bem como no borda longitudinal (fls. 213).

Não consta dos depoimentos que este livro também tenha sido arrebatado das mãos de Aída, no entanto uma das testemunhas do fato, por mim entrevistada, fez referência a este objeto, dizendo que também o livro fora parar nas mãos de um dos réus.

Assim sendo, Aída viu-se espoliada de tudo o que tinha consigo naquela noite. E estas manchas poderiam ter sido causadas durante a agressão no alto do prédio. Pode-se facilmente deduzir que o livro, assim como a bolsa, não podiam ficar esquecidos no local da agressão, no alto do prédio, por quem estava interessado em fazer crer o suicídio...

FICOU FORÇADA OU PORQUE QUIS?

Ainda segundo os Autos do Processo, neste preciso momento, e quando Aída, indo em busca dos seus pertences, óculos e bolsa, já se encontrava bem próximo ao edifício Rio Nobre (fls 84 v, 405v e 406), ou, mais precisamente, em frente ao edifício do crime, segundo declaração de fls 12 v., afasta-se a colega, que depois seria testemunha no Processo. Embora sendo somente testemunha, foi ouvida em Cartório da Delegacia Especial de Polícia da Divisão de Polícia Técnica, acompanhada de Advogado, sendo este filho de um Delegado. Falou-se que o Diretor desta Delegacia Especial era amigo do pai do advogado.

Dissera a colega para os rapazes que deixassem Aída às 8 horas no ponto do ônibus (fls. 19). No entanto, sabia ela "que Aída dizia sempre que tinha ordens de sua mãe para chegar no máximo em casa às 20,00 horas" (declaração da mesma colega fls 449). Interpelada sobre sua conduta, respondeu que não sabia se Aída ficou "forçada ou porque quis" (fls. 447v). Entretanto, Aída lhe havia dito "que precisava dos óculos para o dia seguinte de manhã" (fls. 84) e "que só iria com os óculos" (fls. 84v). Já esta frase deveria fazer a colega compreender que não houvera a anuência de Aída. "Quando a declarante se despediu, "X" ainda estava de posse da caixa de óculos" (fls. 84v). O Mal campeava naquela sinistra noite de 14 de julho ! Diga-se de passagem que esta colega havia conhecido Aída três ou quatro meses antes (fls. 31v) e que no dia seguinte após o crime, na terça-feira, segundo informações por nós obtidas, já estava de novo freqüentando o Curso (!).

Aída , agora sozinha, tenta por todos os meios recuperar os objetos dela tomados. Em sua ânsia de retomá-los , e estando já às portas do prédio do crime, residência de um dos culpados, não desconfiou um segundo sequer das reais intenções dos rapazes, intenções que estavam bem longe de tudo o que ela poderia imaginar...Não se fale em "ingenuidade", mas desconhecimento completo do grau da falsidade e da perversidade dos jovens já afeitos a este gênero de violência sexual. De fato, a « curra » já estava em andamento.

A PROCURA DO LOCAL.

Enquanto Aída procurava reaver os seus objetos, um dos rapazes do grupo se ausentava a fim de providenciar um lugar para onde pudessem levá-la, sem que disto ela nem por sombra se apercebesse. Pela leitura atenta dos Autos, podemos afirmar, com segurança, que, em momento algum, Aída suspeitou das reais intenções dos rapazes. Cuidaram sempre estes de mantê-la afastada todas as vezes que confabulavam: "A moça ficou um pouco afastada"; "deixando Aída um pouco afastada"; "esta se conservou distante, não tendo ouvido a conversa". (fls. 406v).

O que jogara as chaves perguntara ao colega "se conhecia o apartamento para levar a moça", indo este ao encontro de um amigo que "utilizava o terraço do prédio para encontro com moças", o qual "sempre falava que levava mulheres ao terraço do edifício, e oferecia aos amigos". O lugar escolhido foi, portanto, o alto do edifício do crime, palco habitual de comportamentos devassos. Um dos rapazes obteve do porteiro as chaves do apto. 1201 que dá para a cobertura do prédio. O porteiro "tinha conhecimento dos encontros que se realizavam no terraço do Edifício Rio Nobre".

Mesmo mostrando decisão e clareza nas atitudes, tentava com bons modos reaver seus objetos. Acreditava que seria capaz de chegar ao seu objetivo sem fazer escândalo na rua, ou ofender os rapazes com maneiras rudes ou palavras ásperas. Não podia supor que jovens de boa aparência seriam capazes de tão alta traição e supina violência.

A AGRESSÃO E A RESISTÊNCIA.

A luta que se seguiu no apartamento ficou fartamente provada pelos peritos criminais. Pelo exame das vestes rasgadas, dos ferimentos no corpo e do lencinho manchado de sangue encontrado dentro de sua bolsa, concluíram eles que houvera agressão violenta para o domínio da vítima, não logrando, porém, os culpados este objetivo dada a sua resistência heróica e viril.

A luta foi confirmada, com abundância de detalhes, pelos depoimentos dos próprios réus no decorrer do Processo. Evidentemente não revelaram toda a verdade.

Confessaram ao menos o que lhes era de todo impossível negar. Mas isto já era o suficiente para termos uma ideia da insanidade dos atos praticados pelos agressores. A meiga Aída talvez até o último momento esperava que eles se apiedassem dela e a deixassem ir embora. Pedia, chorava, com certeza chamava pela mãe, soluçava, implorava, mas com o passar do tempo, tendo os perversos instintos desencadeados, e o brio humano ferido, os criminosos redobravam as atrocidades.

Um dos acusados depôs em Juízo que "a mesma se apresentava com o rosto avermelhado por causa dos tapas recebidos, e com um pedaço do vestido rasgado; que explica não saber onde o vestido de Aída estava rasgado porque apenas ouviu o ruído da fazenda que se dilacerava, quando o outro puxou as vestes (fls. 444v). O que havia puxado o vestido declara "que quando puxou o vestido da moça já o fez com raiva dada a série de situações dificultosas surgidas" (fls. 51v).

Um dos presentes à luta declara "que um dos culpados depois de agarrar a moça passou a agredi-la, e que a agressão consistiu em dar na moça algumas bofetadas e tentar levantar o vestido da mesma, e que ela repelia... (fls. 442). E continua: "Que Aída chorou na vista do depoente quando "X" bateu nela (...) demonstrando ao depoente que estava ofendida e machucada" (fls. 445v).

Foi revelado por um dos participantes da luta que "X" "procurava abraçar a moça e essa o repelia, tendo, a certa altura, ouvido a moça dizer que era virgem" (fls. 45). Declara este ainda que "um dos culpados insistia em possuir sexualmente a moça e esta permanecia na negativa, alegando ser virgem (...) tendo sacudido a moça com violência (...) que a moça freqüentemente chorava" (fls. 16).

Em acusações mútuas, os culpados deixaram bem claro que Aída se debateu energicamente, enquanto lhe sobravam forças.

"Concluem os peritos que no terraço do Edifício Rio Nobre, ocorreu um crime de origem sexual. (...) Posteriormente à prática do crime referido, e possivelmente para ocultar, ou assegurar a impunidade daquele evento criminoso, o agente (ou agentes) lançou sua vítima do terraço, localizado acima do décimo segundo pavimento, à calçada fronteira do edifício."

Seu corpo, ainda consoante conclusão dos peritos, antes de ser jogado, apresentava "estado de exaustão". O Instituto de Criminalística calculou "a duração dos

acontecimentos desenrolados no terraço em cerca de trinta minutos". Eram exatamente 20,56 horas, quando seu corpo tocou o solo, segundo mostrou seu relógio de pulso parado neste preciso horário, em consequência da queda.

Antes de concluir este capítulo, vale registrar aqui a conclusão a que chegaram os peritos Seraphim da Silva Pimentel, Murilo Vieira Sampaio e Joaquim da Silva Gusmão no "LAUDO DE EXAME DE ESTUDO RECONSTITUTIVO" (fls. 338).

a) Aída Curi, atraída ao terraço do Edifício "Rio Nobre", depois da luta, ou contensão enérgica, sofreu atentado violento ao pudor.

b) Consumado tal atentado, foi a vítima, em estado de exaustão, lançada do mesmo terraço, rente ao plano da fachada do prédio, indo cair sobre o passeio à frente do edifício, sem que possa ficar excluída a possibilidade da interferência de mais de um implicado neste lançamento (o grifo é do Autor).

c) Pelo desenvolvimento da cena de violência, e atendendo ao espaço de tempo decorrido entre a subida da vítima ao terraço e seu lançamento ao solo (trinta minutos), e ainda em face dos dados cronométricos obtidos, todos os implicados, ou estariam presentes ou um ou dois deles ter-se-iam retirado momentos antes do mesmo lançamento; entretanto, as violências praticadas contra a vítima foram de tal ordem e vulto, que não é possível admitir que tenham sido levadas a cabo no pequeno lapso de tempo decorrido entre tal retirada e o lançamento do corpo, o que leva à conclusão definitiva de que todos os implicados deveriam se encontrar no terraço – fosse como participantes, fosse como meros assistentes-, quando ditas violências foram praticadas". (o grifo é do Autor)

Aí estão os elementos do Processo que julgo indispensáveis para se ter uma ideia da morte heróica de Aída.

Dias após o crime, o laudo médico daria à nossa família, em meio a descrições pungentes, o único veredicto que nos consolaria: Aída morreu virgem! Ninguém havia tocado em seu corpo. Então nos lembramos do que ela havia prometido à mamãe, três

dias antes de morrer: *"Eu gritaria... eu lutaria até morrer... mas ninguém há de me encostar um só dedo..."*



A saia rasgada de Aída.

A DENÚNCIA.

No dia 18 de agosto de 1958, foi apresentada a Denúncia, contra três dos principais implicados, por Marcelo Maria Domingues de Oliveira, 5º Promotor Substituto em exercício de Promotor Público no Primeiro Tribunal do Júri. Ate-mo-nos aqui ao essencial deste Documento, que se encontra às fls.2-4 dos Autos.

"... empregando as violências que se acham comprovadas pericialmente, X, Y e Z constrangeram Aída à prática da conjunção carnal, rasgando-lhe as vestes, espancando-a, esbofetando-a, sem, entretanto, lograrem realizar seus intentos dada a resistência

oposta pela ofendida, e iniciando assim a execução do estupro que não consumaram por circunstâncias alheias às suas vontades.

Vendo baldadas as possibilidades de uma conjunção carnal, prosseguiram nas violências, atentando já agora contra o pudor de Aída, com a prática de atos libidinosos, também positivados pela Perícia, até se esgotarem as energias da vítima na luta desigual que ela travara em sua própria defesa.

Aproximadamente às 21 horas, tendo as roupas rasgadas, bestialmente seviciada e em estado de completa exaustão física, praticamente desfalecida, quando já lhe era impossível qualquer defesa, Aída Curi foi lançada do terraço ao solo da Avenida Atlântica e, assim assassinada como prova o auto de exame cadavérico de fls. 54/60 verso".



A cidade do Rio de Janeiro literalmente parou para acompanhar o julgamento dos acusados da morte de Aída Curi.



Grande multidão se reuniu diante do Primeiro Tribunal do Júri, durante o julgamento dos culpados pela morte de Aída Curi.



Os policiais procuram manter a ordem durante o julgamento.



Julgamento, fevereiro de 1960. O povo, reunido na frente do Tribunal, queria linchar os autores do crime.



Primeiro julgamento. O Juiz Octávio Pinto proclama o veredicto do Júri.

PRONUNCIAMENTO DA JUSTIÇA.

No que se refere ao Julgamento dos Réus, resumidamente apresento aqui alguns elementos.

Pela Denúncia oferecida em 18 de agosto de 1958 pelo Ministério Público, estava instaurada a ação penal contra os 3 principais envolvidos no crime, sendo que um quarto não fora denunciado por ser menor, sendo submetido a processo disciplinar perante o Juizado de Menores.

Quanto aos 3 maiores de idade, um deles foi condenado pelo Primeiro Tribunal do Júri a 37 anos de prisão e... absolvido num segundo julgamento (!). Esta absolvição que desapontava o bom senso e a humana consciência podia até colocar em xeque a instituição do Júri em nosso País e motivar o seu reexame!

Este réu foi, no terceiro e último julgamento, condenado a 6 anos de reclusão. Tendo o promotor recorrido da pena, esta foi aumentada para 8 anos. O segundo teve a sua pena fixada em 1 ano e 3 meses; e o terceiro, o porteiro do edifício, havendo sido condenado em primeiro julgamento, juntamente com o primeiro réu, a 30 anos de prisão, foi impronunciado em seguida. Cassada a impronúncia, fora contra ele expedido mandado de prisão. Ficou foragido. Se localizado, deveria submeter-se a novo júri. Há muito deu-se a prescrição que era de 20 anos.

O PARECER DO CURADOR CORDEIRO GUERRA SOBRE A IMPRONÚNCIA.

Por delegação especial do Procurador-Geral de Justiça do Distrito Federal, o Sr. Cândido de Oliveira Neto, fora designado o Curador J. B. Cordeiro Guerra, 2º Curador dos Registros Públicos, para opinar sobre o pedido do promotor em exercício no Primeiro Tribunal do Júri.

O promotor recorrera da sentença de Impronúncia dos três acusados, maiores de idade, quanto à autoria do crime de homicídio qualificado. A razão apresentada pelo Juiz "a quo" fora, pasmem os leitores, "por falta absoluta de prova". Da mesma forma recorrera o promotor da anulação do processo no que se refere ao atentado violento ao pudor e à tentativa de estupro. A sentença alegara "ilegitimidade de parte", isto é, o processo ficava anulado por entender o Juiz "a quo" devesse ser movida a ação por queixa da mãe da vítima.

Baseando-se no exame dos três alentados volumes deste Processo, Cordeiro Guerra elabora o seu Parecer em 26 páginas datilografadas.

Após refutar os álibis forjados pelos culpados para se subtraírem à acusação de homicídio, afirma em seu estudo a realidade dos crimes imputados aos réus; em seguida, levando em conta a diversidade dos atos violentos para conter a vítima e violá-la, conclui pela pluralidade de agentes; reconhece outrossim o ajuste entre estes últimos para uma defesa comum.



Cândido de Oliveira Neto

Judiciosamente analisa as de-clarções dos culpados. Estes apresentam apenas as versões que, aparentemente, menos os comprometam, versões atenuadas, menti-rosas, inverossímeis. E traz à baila, de modo pertinente, o dado incontroverso da psicologia judiciária: "ninguém oculta senão aquilo que o compromete".

Insiste ainda Cordeiro Guerra sobre o fato de que não existe no crime participação principal e participação acessória, auxílio necessário e auxílio secundário; todos os que tomam parte no crime são autores. E, por fim, deixa bem claro que os indícios de uma participação criminosa assumem particular relevo num processo.

Baseado no Auto de exame cadavérico, conclui: a vítima não se atirou do terraço, em virtude de síncope anterior, ou devido ao seu estado de exaustão (stress), pela simples razão de que estava com a circulação do sangue suspensa, o que provam as pequenas hemorragias encontradas pelos peritos.



Cordeiro Guerra

Na segunda parte do seu Parecer, o Curador discorre sobre o capítulo "Da anulação do processo". Logo de início impugna este ato judicial do autor da Impronúncia: "Sem embargo, o Dr. Juiz "a quo" não se deu por convencido, e impronunciou os réus da acusação de homicídio. A conseqüência fatal, artigo 81, parágrafo único, do Código de Processo Penal, era a sua incompetência para apreciar os crimes contra a liberdade sexual constantes da denúncia".

Passa em seguida o douto Curador a analisar duas outras razões que motivaram a decisão do Juiz da Impronúncia.

Rebate a afirmação da Sentença sobre a "falsa" miserabilidade jurídica da mãe e representante legal da vítima, assim como faz menção do atestado da autoridade policial (fls. 179) com referência ao estado de pobreza da genitora. Em seguida, considerando ter havido "crime complexo" no caso Aída Curi, afirma que a iniciativa da

ação em "crimes complexos" cabe ao Ministério Público, não sendo, por conseguinte, requerida a queixa dos representantes legais da parte ofendida, neste caso, a mãe de Aída. No entanto, esta "representou, oportunamente, invocando o amparo do Ministério Público, fls. 175, e fazendo prova de parentesco, fls. 176".

Fica, portanto, assim justificada a Denúncia. Retornem os réus absolvidos ao Tribunal do Júri. Arremata o seu arrozoado com a seguinte observação: "Ainda que não estivesse provada a pobreza da mãe da vítima, deveria ser reconhecida a legitimidade da ação do Ministério Público, consoante as lições dos Tribunais de Justiça e do Supremo Tribunal Federal".

ACÓRDÃO DA PRIMEIRA CÂMARA CRIMINAL.

Em 22 de junho de 1959, quatro meses depois da Impronúncia, esta com data de 6 de fevereiro de 1959, a Primeira Câmara Criminal do Tribunal de Justiça acata o Parecer do Procurador-Geral, Cândido de Oliveira Neto; reforma a sentença de Impronúncia e rechaça a anulação do Processo.

Transcrevemos aqui a introdução ao VOTO dos três juízes:

"Acordam os Juízes da Primeira Câmara Criminal do Tribunal de Justiça por unanimidade de votos, dar provimento ao recurso para o fim de se reformar a decisão recorrida e considerar-se válido o processo, na parte em que foi anulado pela mesma decisão, e, assim, é de serem pronunciados X, Y e Z, os quais deverão ser submetidos a julgamento perante o Tribunal do Júri, e na conformidade do parecer do Dr. Procurador – Geral, de fls. 874, usque 899.

Assim decidem, porque para a decretação da pronúncia basta que existam nos autos provas suficientes da materialidade do crime e indícios e circunstâncias suficientes da autoria. O processo, não se encontrando estreme de qualquer dúvida, não

autoriza a decisão de impronúncia, pois o peso das provas é de ser examinado pelo Corpo de Jurados e que formam o Tribunal do Júri, protegidas pela própria Constituição Federal em artigo 141, & 28. Tratando-se de crimes complexos – homicídio, atentado violento ao pudor e tentativa de estupro – cabe ao Ministério Público a iniciativa do processo, independentemente de representação da parte ofendida ou de seus representantes legais. A miserabilidade não pode ser posta em dúvida em face do atestado de miserabilidade passado por autoridade competente e como preceitua o art. 32, & 2º. do Código de Processo Penal. É fora de toda e qualquer dúvida que os crimes se sucederam após a formação de uma das famosas "curras" e cuja técnica se desenvolveu no emprego de blandícias e até o desfecho final da mais requintada violência e que determinou a morte da indítosa Aída Curi. A prova técnica veio desautorizar os pretensos álibis apresentados pelos réus, e, assim, possibilitou a indicação de seus autores. Afastada a hipótese de suicídio, a prova colhida nos autos positivou a materialidade dos delitos que são imputados aos réus. Os bem lançados fundamentos do Parecer do Procurador-Geral vieram desfazer, por completo, a argumentação que a decisão recorrida lançou sobre a prova produzida contra os réus.

Pelos fundamentos expostos é de serem os réus, ora recorridos, pronunciados nos termos dos dispositivos legais acima enumerados e para o fim de serem submetidos a julgamento perante o Júri".

Distrito Federal, em 22 de junho de 1959. Milton Barcellos, Presidente e Relator.
Alberto Mourão Russell. - Faustino Nascimento.

ESCLARECIMENTO IMPORTANTE.

Importa ainda esclarecer, em todo este crime, um pormenor de grande importância.

Muitos perguntam: Mas como e por que subiu?

Mamãe nunca pôde esquecer o que ouvira, momentos após a chegada ao local do crime. Estando ali, diante do corpo de Aída, escutou de uma senhora de preto, magra, clara, que estava a seu lado, a exclamação:

- *Essa moça nunca esteve aqui! Coitada! Bem que eu ouvi uns gritos!...*

E por essas palavras pronunciadas espontaneamente por aquela senhora, provavelmente moradora do prédio ou que lá se encontrava na hora do crime, mamãe ficou sabendo que Aída não subira por sua própria vontade, "por seus próprios pés". Por aquelas palavras só se podia concluir uma coisa: que Aída fora conduzida até o alto do edifício à força, que Aída fora levada no elevador aos gritos. (Veja os capítulos XXI e XXII).

Já pelo que foi até aqui narrado, é claro, fora de qualquer dúvida e, mais do que evidente, o fato real:

- não houve a tal busca de uma "compensação" dos anos passados no Colégio das freiras;

- Não se deu o tal "passeio de mãos dadas" com "X". A afirmação não passa de rematada invencionice!

- nem fora seduzida pela "lábria" de "X", devido à sua ingenuidade;

- menos ainda fora ela "cativada" e atraída ao alto do prédio por palavras mentirosas e insinuantes;

- nem houve o tal "deslumbramento" de Aída frente à praia de Copacabana vista do alto;

- nem sombra de aquiescência às solicitações despudoradas de "X" ou "Z".

Rogamos aos interessados na verdadeira história de nossa irmã que cessem uma vez por todas com este gênero de especulações, a fim de não perpetuar o calvário dos familiares da vítima...

Os próprios leitores poderão tirar as suas conclusões: o que houve unicamente foi abordagem malévola, pérfida trama, ludíbrio da boa fé e da confiança da vítima, hábil seqüestro dos seus pertences, sadismo e violência extrema, resistência sobre – humana extenuante e, por fim, homicídio a sangue frio.

A VIRTUDE ACIMA DE TODOS OS VALORES.

Ela reeditou o ato de Maria Goretti. Conhecia a história da santinha italiana e foi sua devota.

Era um santo do Oriente, João Crisóstomo, que se referia às mulheres mártires com estas palavras:

"Quanto mais frágil é o recipiente, maior é a graça; a primeira mulher pecou e morreu; agora, uma mulher morre para não pecar... Que desculpa darão os homens medrosos e fracos, quando as mulheres se comportam de maneira tão enérgica e viril?"

Como você foi corajosa, minha querida Aída!

Como nós nos orgulhamos de você!

Que coragem! Que resistência! Que virilidade!

Você, Aída, não vacilou um só instante em colocar a honra acima da sua própria vida, a virtude acima de todos os valores, o amor a Deus sobre todas as coisas. Eu sei o que a levou a esta atitude: para não envergonhar a mamãe, mas acima de tudo, tenho eu a mais absoluta certeza, para reescrever com sangue o que estou lendo em seu caderninho: "ANTES MORRER QUE PECAR..."



A sepultura de Aída encontra-se no Cemitério do Caju (bairro da Zona Norte do Rio),
Quadra 55 – Campa 21.490.

À MINHA IRMÃ, COM CARINHO.



A doação extrema de uma vida nunca é um ato isolado nem tampouco improvisado; pelo contrário, é fruto de longos anos de preparação nas pequenas doações do "momento presente" vivido com intensidade. A sua última oferta não foi senão o vértice de uma vida inteira dedicada a Deus e ao próximo. Houve como que um "crescendo" espiritual em sua existência. Parece mesmo que Deus a preparava, dia a dia, para o ato final.

Foi porque Aída amou a cada momento de sua vida que pôde dar a suprema prova de amor a Deus.

Aqui deixo fatos, experiências vividas por ela, testemunhos fidedignos de colegas e mestras. Há uma mensagem, a meu ver, valiosa, em tudo isto, que não deve ficar perdida. Pode ser para alguém um dom de Deus o tomar contato com esta moça. São 18 anos de intensa experiência espiritual. Apresento Vida, numa época em que se procuram jovens que vivam as suas ideias. Aída soube morrer por elas.

O que é feito no amor permanece. Não obstante os 50 anos decorridos desde a sua morte, a sua mensagem pode ainda ter eco em pessoas que anseiam por algo de profundo, de espiritual.

Sua vida inteira não foi senão um Canto de Amor e Ternura. Pelo menos é assim que eu vejo a sua existência. Era aquela menina de olhar inocente e semblante plácido a passar diariamente pelas ruas de Copacabana rumo às aulas. Era aquela menina - como as outras - mas que parecia guardar dentro de si um segredo. E este segredo era Deus, em Quem acreditava com convicção e do Qual vivia permanentemente. Seu olhar puro e cristalino revelava o profundo do seu ser: uma alma inocente.

Até naquele seu modo discreto de vestir, com esmero e bom gosto próprio da sua idade, refletia ela externamente a unidade profunda do seu ser. Quem a tenha conhecido concordará comigo na afirmação de que Aída revelava a todos os que dela se aproximavam algo da harmonia de Deus que trazia dentro de si. Era de uma candura sem par.

Sabia que o mundo era mau e dizia mesmo detestá-lo. Todavia acostumara-se a ver nos outros unicamente o lado bom e positivo, sendo incapaz de condenar, de julgar, de criticar alguém, e até de supor em seus semelhantes intenções menos corretas.

Passou por este mundo sem empanar o brilho da sua consciência. Hoje, quando me recordo de nossas conversas, tenho a impressão de já ter falado com uma criatura cheia de Deus.

Sei que você, Aída, entenderá a homenagem de seu irmão. É um livrinho apenas. Escrevi-o com carinho.



Saidnaia, centro de peregrinação na Síria, berço da família. Igreja e convento de Nossa Senhora de Saidnaia. Vê-se à direita a igreja melquita católica de Santa Sofia.



Interior da igreja de Santa Sofia.



Os pais de Aída.

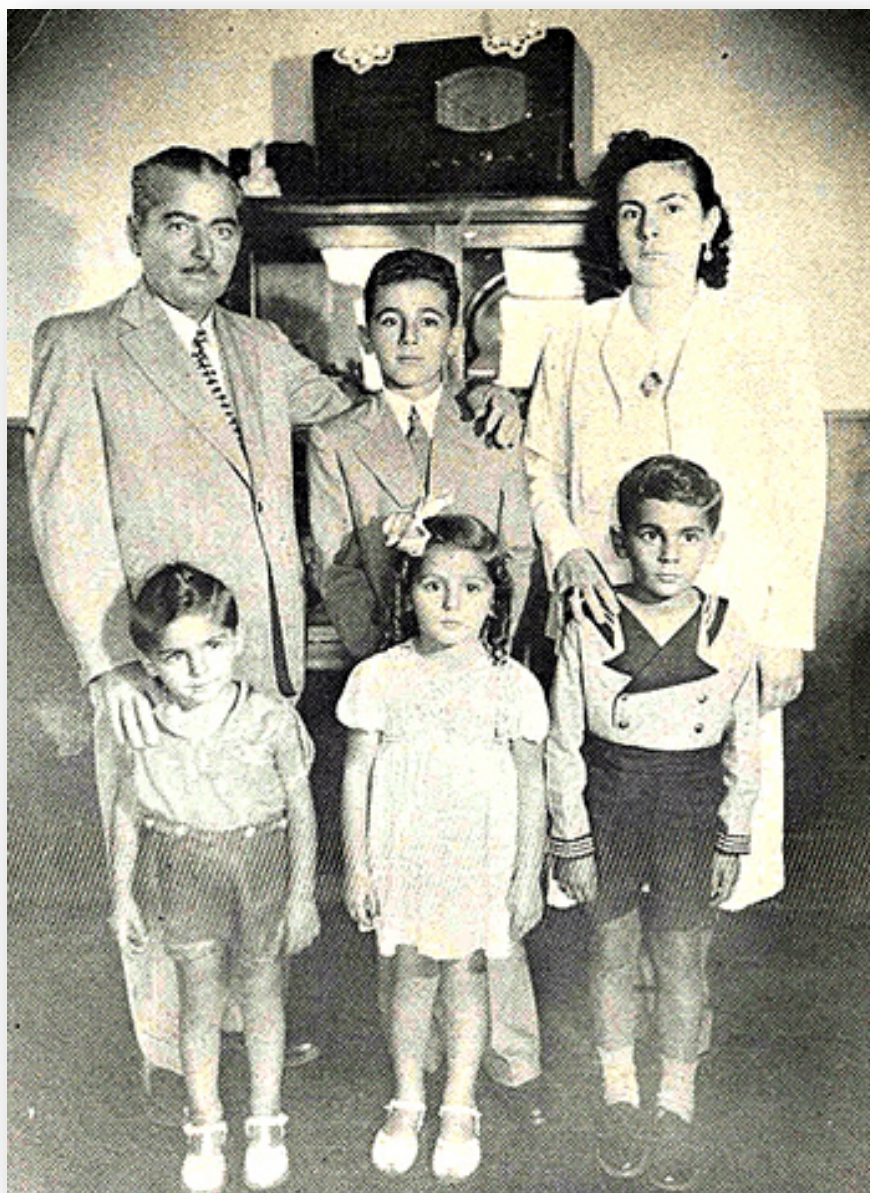


O Autor com familiares na igreja de Santa Sofia, em Saidnaia, Síria 1980.



AÍDA – FOTOS DA INFÂNCIA.





Aída, aos 4 anos, entre seus pais e irmãos. Em segundo plano, o irmão mais velho Nelson. À direita, Roberto, à esquerda, o autor.



Dª Jamila com Aída no colo. Vê-se, à sua direita, o filho mais velho Nelson; e, à esquerda, o Roberto.

I

QUANDO OS DESCAMINHOS DO MUNDO SÃO OS CAMINHOS DE DEUS...

Jovem ainda, meu pai veio para o Brasil. À semelhança de tantos filhos do Oriente que nas primeiras décadas do século XX aqui aportavam para tentar fortuna, ele abriu comércio.

Era natural de Saidnaia, aldeia cristã da Síria, e importante centro de peregrinação, a pouco menos de 30 quilômetros de Damasco. Lá se encontra, no topo de uma colina, um soberbo convento ortodoxo que atrai todos os anos milhares de peregrinos. Lá está também, no interior do santuário, o ícone popularmente considerado milagroso - a "Chagura" (que em siríaco quer dizer "Célebre"). É o ícone de Nossa Senhora de Saidnaia, cuja pintura é, pela lenda, atribuída ao apóstolo São Lucas.

Saidnaia é uma aldeia cristã perdida no meio de uma infinidade de aldeias muçulmanas. Divide-se a sua população entre ortodoxos e melquitas católicos. Nossa família pertence à Comunidade Católica Melquita, ramo da Igreja Católica no Oriente, portanto ligada ao Papa, e que segue o Rito Bizantino. Tivemos entre nossos ascendentes - mais precisamente nosso tataravô - um padre que foi pároco de Saidnaia. Chamava-se Khuri Botros. (Padre Pedro). Este fato explica o nosso sobrenome Curi - do árabe Khuri, que quer dizer padre-, sobrenome dado comumente nos países árabes aos que têm algum padre em sua ascendência direta. Diga-se de passagem que as Igrejas Orientais conservam até hoje um costume antigo da Igreja - o de ordenar padres a homens casados reconhecidos por sua religiosidade e probidade.

Nosso bisavô paterno que se chamava Mikhail assim como nosso avô Assaad foram prefeitos da pequena cidade de origem de nossos pais, ocupando este posto durante 40 anos. Este nosso bisavô Mikhail, além de prefeito de Saidnaia era membro do Tribunal Civil que funcionava na aldeia distante chamada Nabek. A ele nosso pai deve a sua bagagem cultural, pois o avô Mikhail fazia questão de levá-lo sempre consigo a fim de aprimorar seus conhecimentos e fazer dele um homem culto.

Sendo o prefeito de uma aldeia na Síria conhecido antigamente pelo nome de Cheikh el Balad - o ancião da cidade - ficamos sendo conhecidos até hoje pelo nome de Família Cheikh, "Beit Cheikh".

Meu pai, nascido em 2 de janeiro de 1896, era o mais velho de 14 irmãos e irmãs, tendo emigrado em 1913 para o Brasil.

Quando estive na Síria pela primeira vez, em 1962, ouvi dos anciãos da cidade que meu pai costumava cantar as missas em nossa igreja melquita católica de Santa Sofia. Nesta igreja fora pároco nosso tataravô e aí seria eu ordenado padre em 29 de agosto de 1965 por Dom Elias Coueter, primeiro bispo melquita católico do Brasil.

Estiveram presentes à cerimônia religiosa, além de minha saudosa mãe, chegada do Brasil, tios e tias (ainda estavam vivos 9 irmãos e irmãs de meu pai) assim como dezenas de parentes.

Nossa mãe, Jamila Jacob Curi, nasceu em 15 de setembro de 1910, na rua Bambina com dona Carlota, no bairro de Botafogo.

Alguns anos após a chegada de meu pai ao Brasil, foi-lhe apresentada, por parentes, Jamila Jacob, cujos pais eram igualmente de Saidnaia. As apresentações, através de parentes, ainda eram muito comuns àquela época nos ambientes árabes.

Foi na Igreja de Santana, no Rio, que se casaram, em 15 de agosto de 1925, ele - homem feito, com 29 anos, bem estabelecido comercialmente, com loja no Campo de Santana,

n. 86, ela – mocinha de apenas 15 anos incompletos. Não obstante a pouca idade, amadurecera precocemente porque, tendo perdido a mãe muito cedo, quando contava 12 anos, havia sido para os seus irmãozinhos segunda mãe.

O trabalho de meu pai ia relativamente bem. Havendo deixado o Rio, foi para Joaquim Felício, norte de Minas. Nesta cidade tinha uma casa e anteriormente ali abrira uma loja . Era proprietário da fazenda São Félix, a algumas léguas da Serra do Cabral. Nesta fazenda trabalhava com cristal de rocha, um ramo de negócio no qual estava sendo muito bem sucedido. Em Joaquim Felício, encontra-se, até hoje, o seu túmulo.

A partida imprevista de nosso pai em 12 de agosto de 1944, contando ele apenas 48 anos, foi a primeira provação de Deus para nossa família. Um recorte de jornal da época, encontrado entre os papéis de nossa falecida mãe, após noticiar a sua morte, enumera as suas qualidades: "A população local até hoje lamenta profundamente a morte de Gattás Assaad Curi, homem probo, chefe de família, caridoso e de um cavalheirismo ímpar".

Conservamos uma carta de um dos seus empregados, na qual dizia, dirigindo-se à nossa mãe: "... para mim, Dona Jamila, Seu Gattás era meu pai antes de ser meu patrão. Os anos não conseguem tirar de dentro de meu coração as saudades e a atenção dele para comigo, a confiança que em mim depositava. José Curi, seu irmão, foi meu companheiro de negócios. Não me esqueço também da amizade de vosso irmão Jorge Jacob. Dona Jamila, hoje vivo em Goiânia à rua P-35. N. 27 Setor dos Funcionários. Queira receber os pêsames do ex-empregado de vosso tão dedicado esposo. Sinto na alma o doloroso fato, a horrível tragédia ocorrida com vossa filha". Uberlândia, 22 de janeiro de 1960.

Raimundo Chaves

Aída veio ao mundo em 15 de dezembro de 1939. Morávamos, então, na rua Santos Dumont, 436, em Belo Horizonte. Aidinha - assim a chamavam - foi o terceiro dos cinco filhos, e seria a única menina.

Não faltavam a nossos pais, nessa época, recursos para atender às próprias necessidades.

Entretanto, a inopinada morte de nosso pai não lhe deixara tempo suficiente para providenciar uma segurança para nós, nem um mínimo sequer. Deixou-nos todos pequenos, o mais velho com 11 anos e o caçula com 2 meses e meio. Aída contava apenas cinco anos. Tinha um quê especial por ela. Costumava dizer com terno humor:

- Aidinha não deve se casar... Ficaré para cuidar de mim!

Disseram-nos que, agonizante, se referiu à mamãe e a nós: "Só tenho pena de deixar minha mulher e meus filhos!".

Aquele capítulo estava terminado. Eu tinha quatro anos. Eu nunca soube que ressonância tem a palavra "papai"...

Viúva, com 5 filhos pequenos, mamãe deixou Belo Horizonte e foi para o Rio. Viu-se obrigada a trabalhar por sofrer privações, necessitando mesmo desfazer-se do pouco que lhe sobrara, para nos sustentar. Relembra ela que, para saldar dívidas, até a bacia de dar banho foi vendida.

Depois, aconteceu o que já se poderia esperar: algum tempo na casa de uma tia, algum tempo na casa de outra. Apesar da hospitalidade generosa dos parentes, era constrangedor para mamãe chegar numa casa carregada de filhos.

No Rio, encontrou para nós, filhos homens, a Escola Moreira, localizada entre os bairros Rocha e Riachuelo. O estabelecimento não existe mais. Mantinha a referida

escola, naquela época, convênio com a Prefeitura. Por meio desta, mamãe conseguiu internar gratuitamente os meus dois irmãos mais velhos. E diante da situação lastimável em que mamãe se encontrava, a Diretora, penalizada, recebeu-a com os outros dois. Para não se afastar de nós, mamãe aceitou ficar trabalhando na mesma escola, exercendo as funções de enfermeira, costureira e assistente de alunos. A escola, dirigida por D. Alice Santos Moreira e sua filha Flora - por sinal, boníssimas educadoras e cheias de espírito cristão - tratou-nos sempre como a filhos.

Eu e mais dois irmãos seríamos encaminhados, mais tarde, pelas Diretoras para o Seminário dos Padres Salvatorianos, em Jundiaí (São Paulo). Meus irmãos não continuaram a carreira.

Faltava agora colégio para Aída; não pudera ficar na Escola Moreira, por ser esta somente para meninos. Tinha seis anos de idade quando entrou para o Educandário Gonçalves de Araújo, situado em São Cristovão, no Rio. É uma instituição gratuita, destinada a receber crianças órfãs. O Educandário é mantido pela Irmandade da Candelária e está sob a orientação das Irmãs Filhas de São José, congregação de origem espanhola e de espiritualidade segura. Com elas minha irmã passaria 12 anos.



O pai de Aída.



Mãe de Aída com seu primeiro filho Nelson.

II

PRIMEIROS *CLOSES* DA INFÂNCIA.

Aída chegou ao colégio levando consigo uma linda bonequinha preta. Imediatamente ficou rodeada por meninas da sua idade que lhe faziam festas. Perdeu-se feliz no meio da criançada. E nem se lembrou de se despedir de mamãe, que aproveitou o momento para ir embora, soluçando baixinho.

Depois, veio a primeira visita. Mamãe nunca pôde esquecer aquele dia: agarrou-se fortemente ao seu colo, beijando-a repetidas vezes. Anos seguidos, receberia a visita da genitora todos os meses. E quase todos os anos ganharia prêmio de férias em casa. Naqueles tempos, o regime do colégio no que se refere a saídas era rigoroso.

CABELOS COR DE FOGO.

Seus bonitos cabelos ruivos intrigaram as Irmãs. Tingir cabelos não se enquadrava dentro do Regulamento. Conduziram-na a um tanque, lavaram-lhe bem a cabeça. Mas a cor continuou viva. Nada havia de artificial. Dali por diante, as Freiras teriam um modo original de se referir a Aída, apresentando-a como modelo:

- Aída se distingue de vocês em tudo... até nos cabelos !

Lembra-se mamãe de outro fato acontecido poucos anos antes: "Um dia, fui com ela fazer compras nas Lojas Americanas. Aída tinha uns quatro anos. Uma das vendedoras, vendo-a com seus cachinhos louros, perguntou: esta é a Shirley Temple?"

Trata-se de uma criança artista da década de trinta conhecida por seus cabelos louros encaracolados.

PRIMEIRO TRABALHO DE OFICINA.

Da Irmã Maria José de Oliveira:

"Meu primeiro encontro com Aída foi no próprio dia em que, depois de vários anos de ausência, retornei ao Educandário Gonçalves de Araújo, onde, também eu, anos atrás fora educada. Era a despedida da Madre Superiora que embarcava para sua pátria. Chamou-me a atenção aquela pequenina de seis anos, cabelos cor de fogo e com rostinho de anjo. Logo soube quem era e conheci alguns detalhes de sua vida.

Teria Aída seus oito anos de idade quando comecei a lidar com ela diretamente, na oficina de trabalhos a "ponto de cruz", e recordei haver-lhe dado, como primeiro trabalho, uma enorme toalha de mesa, com seus 24 guardanapos, em linho cru. Ela, tão pequenina, quase desaparecia atrás da toalha. Trabalhava com gosto, capricho e asseio, e em tempo breve terminou a toalha, recebendo a seguir outros trabalhos que executava de igual modo."



Primeiro grupo de freiras do Educandário Gonçalves de Araújo.

III

RETRATO INTERIOR.

Os primeiros traços de seu perfil moral nos chegaram delineados por sua primeira professora, Lourdes Costa Leite:

"Realmente fui a primeira professora de Aída quando entrou no Educandário com 6 anos de idade. Era uma criança encantadora! Inteligente, obediente, meiga, humilde, enfim, era uma criança fora do comum. Com muita facilidade foi por mim alfabetizada. Todas as vezes que para ela olhava tinha a impressão de estar vendo um lírio desabrochando, aos poucos, no meio daquelas crianças que eu adorava."

A tranquilidade da infância a acompanharia durante toda a vida.

Não foi de alegria exuberante nem de tristeza ou depressões. Aparentemente havia certa melancolia no olhar; na realidade, porém, no íntimo era feliz. Seu semblante era afável, irradiando muita paz e serenidade.

Uma palavra talvez que a caracterizaria bem é interioridade.



No colégio, Aída (indicada com a seta),
e sua colega Marly Alves.

IV

DELICADEZAS QUE NÃO SE ESQUECEM.

Da Irmã Ignácia:

"Uma das meninas respondeu-me com um grave insulto. Não pronunciei palavra. Porém, no meu interior, causou-me tanta dor que, mesmo não querendo demonstrar, transpareceu em meu semblante esta mágoa interna.

Nossa meiga Aída, que ficava com as outras na sala, nada ouvira nem se apercebera do fato. Notando, entretanto, que algo havia acontecido, veio-me por detrás (pois eu me sentara à mesa com o rosto entre as mãos), e estendendo seus braços abraçou-me, sussurando-me ao ouvido palavras de consolo. Com esse gesto de bondade e compreensão minorou a minha dor."

D. Maria Antônia, cozinheira do colégio, nunca se esqueceu da ajuda espontânea de Aída, quando o trabalho apertava. E ao ver D. Maria zangada, Aída a abraçava carinhosamente, para acalmá-la.

"Gostava de me ajudar - diz D. Antônia - e às vezes eu precisava enxotá-la da cozinha para que fosse brincar".





Aída faz sua Primeira Comunhão: 8 de dezembro de 1946.



O Educandário Gonçalves de Araújo, onde Aída permaneceu por 12 anos.



Frente do Educandário.

V

QUALIDADES DE UMA NOVIÇA.

Havia um dia por semana, no colégio, em que a cozinha ficava sob a responsabilidade das alunas de Arte Culinária. Era a vez das alunas prepararem o almoço para as Irmãs e Professoras. O que sobrava era repartido entre elas. Muitas vezes acontecia que, quando todas se deliciavam com os doces e salgadinhos que haviam ajudado a preparar, Aída desaparecia da cozinha e ia sentar-se com as outras meninas. Irmã Laura confessa que muitas vezes ficou envergonhada intimamente pensando no exemplo que ela, religiosa, recebia de uma menina.

Disse-me uma vez a Irmã referindo-se àquele e outros fatos: - "Sabe, Aída tinha qualidades que mesmo uma noviça não possui!"

VI

"PERFUME DE CARIDADE".

Da Irmã Josefina:

"Atravessava, o Educandário, uma época difícil. Havia um grupinho de umas oito educandas rebeldes ao Regulamento e que com suas atitudes influenciavam outras meninas. Lutávamos incansavelmente, sem resultado. Eis senão quando Aída Curi, a melhor aluna, soma-se ao dito grupo. Estupefata, não entendendo a sua atitude, e como era minha aluna, resolvi chamá-la para repreendê-la.

Aída explicou-se dizendo que se unira às colegas rebeldes não para aumentar o número das mesmas, mas para convencê-las de que agiam erradamente, e aconselhá-las a serem boas e obedientes. Recebeu, então, um prêmio."



Aída aos 12 anos.



Entre as Irmãs do Educandário Gonçalves de Araújo.



Passeio ao Corcovado.



Com o uniforme do Educandário e o distintivo de melhor aluna.



Aída com a Madre Superiora Eusébia Garmêndia.

VII DEVOÇÃO.

Sempre que possível voltei ao colégio onde Aída estudou.

As Irmãs costumavam levar-me por todos os lugares da casa. Era sempre com certa comoção na voz que se referiam a Aída.

Das informações que sempre recebi nestas visitas, pude perceber o quanto de espiritualidade havia na vida de minha irmã e como, por esta razão, ela continuava sendo lembrada, apesar de tantos anos passados desde a sua saída daquele colégio.

Ainda hoje, parece-me ouvir as Freiras :

- Aqui é a capela. Este é o lugarzinho onde ela se ajoelhava. Era de um recolhimento que nos deixava admiradas. Nesta capela muitas vezes coroou Nossa Senhora no mês de maio. Uma vez foi escolhida para a coroação na Candelária.

Aqui é o dormitório. Era sempre a última a se deitar. Ficava durante muito tempo rezando ajoelhada ao pé da cama, olhando para uma estampa da Virgem que conservava à cabeceira. As meninas dormiam às 20 horas. Às vezes o relógio dava 21 horas e ela ainda lá estava ajoelhada. Todos os sábados era vista trazendo uma rosa do nosso canteiro e depositando a flor em frente à imagem de Nossa Senhora.

Mesmo após a saída do Educandário, continuaria Aída o seu hábito simples mas significativo: mamãe nos contou que Aída fazia suas orações ajoelhada na cama, olhos fitos num quadro do Jesus e Maria, tomava-lhe a bênção e só depois é que se deitava.

Levam-me a uma sala de aula onde está o retrato de Aída fazendo a primeira comunhão. E perguntam às meninas: - Quem é? E todas respondem em coro: - Aída Curi!

- Sabe, Pe. Maurício, quase todos os anos lemos a história de Aída para as meninas. Assim até as mais novas conhecem a sua história.

Quando, no ano de 1973, eu fui convidado para tomar parte nas festas comemorativas dos 40 anos da Congregação no Brasil, vi o retrato de Aída colocado discretamente em cima do piano, no salão onde se realizava a homenagem às Irmãs. Irmã Laura aproximou-se de mim e falou baixinho:

- Está vendo a nossa Aída? Ela é que está presidindo a nossa festa!

Afirmam as Irmãs que Aída levava a vida espiritual muito a sério. Pertenceu à Pia União das Filhas de Maria, ocupando por algum tempo o cargo de secretária e

elaborando as atas. Fazia parte igualmente do Apostolado da Oração bem como da Cruzada Eucarística. Os livros de sua preferência, em português ou espanhol, tratavam das virtudes de Nossa Senhora.



Nesta capela, Aída coroou Nossa Senhora, no mês de maio, várias vezes.

VIII

MARIA

De Marly Alves:

"A coroação de Nossa Senhora na Igreja da Candelária era muito mais bonita e mais interessante que a do Colégio, pois, além de ser coroada, Nossa Senhora recebia também um ramo de flores que era colocado em seu coração, no lugar de uma espada, que era retirada no mesmo ato. Aída dizia que desejava coroar Nossa Senhora, mas de modo algum tocar na espada, mesmo sendo um ato simbólico..."

Relembra D^a Jamila que, numa festa religiosa do Educandário, Aída se vestiu de Nossa Senhora.

De um escrito da própria Aída:

"Sendo Rainha, ela é muito poderosa e emprega este poder para nos fazer bem e dispensar-nos suas graças. Nada lhe pedimos que ela não nos possa dar. Basta pedirmos com confiança.

Também inspira-nos um grande amor. Ela é a Mãe do amor. Assim como dizemos que Deus amou tanto os homens a ponto de entregar seu Filho Unigênito ao mundo, podemos dizer que Maria nos amou tanto que consentiu que seu filho morresse crucificado por nós."

IX

UM SONHO.

Quando estudávamos no Seminário Salvatoriano de Jundiáí, Aída manteve conosco assídua correspondência.

Ao ter notícia de que um de seus irmãos havia deixado o Seminário, foi encontrada chorando. Guardamos em casa como uma relíquia a carta que ela lhe escreveu naquela ocasião, três anos antes de morrer. Uma carta é muitas vezes o retrato da alma; no caso de Aída sua correspondência o é sempre. Nesta carta reveladora percebe-se quão bem estava espiritualmente preparada para enfrentar os perigos de um mundo cruel e falso, de que um dia seria vítima.

"Querido irmão,

Eu fico um pouco triste quando penso que você saiu do Seminário.

Eu compreendo que você, não tendo vocação, deve sair, mas eu me entristeço, porque sei que agora você entrou num meio tão diferente, tão mau e falso: o mundo. Como eu detesto este mundo que, eu sei, não respeitará sua pureza e inocência.

Tenha, pois, cuidado. Reze muito e seja muito devoto de Maria; peça-lhe que o guarde sob seu manto a fim de que você não manche nunca a sua alma com o pecado. Evite os maus livros, maus cinemas e más companhias, que o demônio haverá de lhe propor, a fim de que deixe o bom caminho. Não lhe dê ouvidos.

Afinal, em vez de lhe falar, estou a dar-lhe conselhos. Mas acho que você os seguirá, pois que lhe são muito necessários. Quero vê-lo sempre bom e puro como quando deixou o Seminário. Aída."

Aída sempre nos estimulava a prosseguirmos na nossa vocação. Dizia na sua simplicidade que se tivesse nascido homem, com certeza seria padre...

Várias vezes perguntei-lhe se nunca havia pensado em ser religiosa. Ela respondia:

- Por enquanto não senti o chamado de Deus, mas se algum dia Deus me chamar para o Seu serviço, estarei pronta a ingressar no convento.

Suas colegas pouco nos dizem a respeito da sua vocação. Entretanto, Marly Alves lembra-se de algumas palavras de Aída referentes a este assunto. Foi quando apareceram no Colégio algumas freiras missionárias, que trabalhavam em favelas. Marly notou que Aída ficou bastante impressionada com a simplicidade dessas Irmãs. Recorda-se de que ela disse:

"Se algum dia eu fosse freira, gostaria de ser como essas Irmãs!"

Francisca Míriam Silva refere um curto diálogo que tiveram, quando ambas contavam 17 anos.

- Você vai para o Convento? - perguntou-lhe Aída.

- Se Deus quiser!

- Eu também - disse Aída. Mas quero primeiro viver um pouco fora para ver se tenho mesmo vocação...

Poucos dias antes de morrer, perguntou Aída à mãe:

- E se eu um dia vier a ser freira?...

- Falando de vocação, minha filha, você e seus irmãos têm carta branca...

E depois de uma pausa:

- E você gostaria de ser freira?...

- *Se Deus me chamar... eu irei!*

Somente depois de sua morte é que viemos a saber que, havia algum tempo, vinha pensando em se fazer religiosa. Até a Congregação já estava escolhida: pretendia entrar para o Convento das Servas de Maria, em Jacarepaguá. O testemunho é do próprio Cardeal Dom Jaime de Barros Câmara que, nos últimos anos de colégio, fora seu diretor espiritual. Retardara sua entrada para o convento, a fim de trabalhar um pouco e dar algum conforto à mãe; julgava-se, por dever filial de gratidão, na obrigação de aliviar-lhe os sacrifícios que suportara, após a morte de nosso pai, em prol de nossa educação.

Sua Eminência o Cardeal Dom Jaime convidou-me um dia para acompanhá-lo numa de suas visitas a este convento de Jacarepaguá. Durante a refeição, chamou a Superiora e perguntou: "Lembra-se que eu lhe disse uma vez que uma jovem ia ingressar em sua Congregação ? Este seminarista é seu irmão. "

Num de seus escritos - o "Caderno Mariano" -, que data de seus 14 anos, encontramos estas palavras:

"... para que a minha vida seja

Útil, Apostólica, para que conheça e siga minha Vocação..."



Aída com o lacinho, distintivo de melhor aluna.

X

APONTAMENTOS DE UM DIÁRIO.

Aída guardava, taquigrafados numa caderneta, apontamentos que fizera por ocasião de um Retiro Espiritual, pregado por Sua Eminência o Sr. Cardeal Dom Jaime de Barros Câmara, de 29 a 31 de maio de 1956. Ali anotava igualmente seus propósitos e atos espirituais. Sua professora de taquigrafia traduziu o que vai aqui transcrito:

"Quero fazer um sacrifício todos os dias.

Quero fazer minhas confissões, cada uma delas como se fora a última da minha vida.

Procurarei pensar todos os dias no Céu, na Morte e no Inferno.

Como estou contente! Que retiro maravilhoso! Fiz uma ótima confissão, pois o meu Pai me disse que eu havia feito uma boa confissão e que eu podia estar tranqüila.

Havia muito tempo que eu estava pedindo a Jesus que me enviasse um confessor espiritual em quem eu tivesse toda confiança, e a Bondade infinita, Nosso Senhor, enviou-me o próprio Sr. Cardeal. Eu estava disposta a pedir-lhe que fosse o meu diretor espiritual e, antes que eu pedisse, ele mesmo se ofereceu para ser meu Pai espiritual, visto eu o ter chamado de Pai.

Muito obrigada, meu Deus, mil vezes obrigada! Ajudai o meu paizinho e a mim também.

Pude fazer uma comunhão bem fervorosa no dia em que terminou o retiro, que foi o dia do Corpo de Deus.

Estou muito contente porque Jesus está no meu coração e minha alma está pura.

*Maria, ajudai-me a amar sempre a Jesus e ANTES MORRER DO QUE PECAR
(destaque do autor). Dia 31-5-56*

Dias do Retiro: 28-29-30

Dia em que me confessei: 30-5-56

Dia em que recebi a fita de Filha de Maria: 31-5-52.

Dia da Primeira Comunhão: 8-12-46

Dia em que comecei as nove primeiras sextas-feiras do mês: 1-1-56. Acabei em setembro.

Dia em que comecei os primeiros sábados de Nossa Senhora: 2-1-56. Dia em que acabei: sete de maio.

Ofertas que fiz no mês do Coração de Jesus no ano de 1956.

DIA

- 1. Não perderei tempo na aula e oficina.*
- 2. Hoje só beberei água nas refeições.*
- 9. Hoje farás nove vezes a Comunhão espiritual.*
- 10. Deixarás de comer algum doce, hoje.*
- 11. Hoje beberás água só no refeitório.*
- 12. Ficarás a missa inteira de mãos postas e sem olhar para trás.*
- 13. Quando bater o sino dirás baixinho: "Vou Jesus", ficando logo quieta no teu lugar.*

15. *Hoje farás nove vezes a Comunhão espiritual. (não fiz).*

24. *Ficarás de mãos postas durante toda a Santa Missa, sem olhar para trás.*

27. *Oferecerás a Comunhão de hoje pelos que sofrem. (não fiz).*

29. *Quando bater o sino direi baixinho: "Vou Jesus ", ficando logo quieta no meu lugar. (Não me lembrei).*

30. *Hoje farás nove vezes a Comunhão espiritual.*

No dia 26 de novembro tive a felicidade de mais uma vez confessar-me e abrir meu coração a meu paizinho espiritual.

Fiz minha confissão, desde a última vez que ele esteve aqui, isto é, no retiro. Dei-lhe conta dos propósitos feitos no retiro. Meu diretor mandou que eu renovasse todos os propósitos, mas com uma modificação: em vez de pensar no céu e no inferno, pensar na morte.

Oferta que fiz a Nossa Senhora na novena da Imaculada Conceição (Ano de 1956)

- Fazer uma visita a Nosso Senhor pedindo a conversão dos pecadores.

No dia 18 de junho tive a imensa satisfação de mais uma vez abrir meu coração a meu paizinho espiritual. Fiquei muito contente.

Perguntas a fazer a meu paizinho quando ele vier:

Como poderemos ser felizes no Céu se nossa mãe não está lá?

Que eu queria amar muito a Jesus.

Que faço minha Comunhão friamente e queria não fazê-la assim."

XI

DUAS CARTAS.

Numa carta que nos escreve quando estudávamos no Seminário de Jundiaí, Aída se refere mais uma vez ao retiro pregado por Dom Jaime.

"3 de junho de 1956.

Meus queridos irmãos,

Aproveito a ótima oportunidade da ida da mamãe a São Paulo, para enviar-lhes esta carta.

Vocês devem estar estranhando tanto a demora de minha carta em resposta à que me mandaram. Mas só agora é que me é possível escrever-lhes, pois muitos motivos impediram-me de fazê-lo antes.

Um deles foi o nosso Santo Retiro pregado por D. Jaime de Barros Câmara. Digo Santo Retiro, porque realmente o foi. Posso dizer-lhes, creio nunca ter feito um retiro melhor dentre os muitos que já fiz.

Não imaginam como fiquei alegre! S. Eminência ficou contentíssimo conosco porque todas fizemos um retiro muito fervoroso. Por admirável desígnio da Providência ficou encaixado entre a festa da Santíssima Trindade e a festa do Corpo de Deus. No dia da festa, S. Eminência, em prêmio a nossa boa vontade e fervor durante o

retiro, quis celebrar a Santa Missa aqui em nossa Capela. Ao entrar na Capela, as Cantoras entoaram o "Ecce Sacerdos". Durante a missa, o Sr. Cardeal dirigiu-nos um eloqüente sermão a respeito da Eucaristia.

Depois da missa mostrou-nos diversos quadros da vida de Cristo, conforme nos havia prometido no retiro. Oferecemos-lhe um bonito chapéu juntamente com um santinho de pergaminho e uma quantia para a celebração de uma missa em sufrágio da alma de sua falecida mãe.

Mas não lhes relatei o motivo da minha alegria.

Primeiramente, porque fiz um ótimo retiro, conforme eu disse acima. Fiz minha confissão geral no último dia, a qual me proporcionou grande alegria e tranquilidade de alma.

Havia muito tempo que eu vinha pedindo a Jesus que me desse um Pai Espiritual em quem eu tivesse confiança e que me pudesse guiar na vida espiritual. Mas, apesar dos meus rogos, Deus parecia dormir como na barca, na tempestade, segundo conta o Evangelho. Contudo, neste retiro mostrou Jesus que "Ele dorme, mas escuta tão bem como se estivesse acordado". Enviou, então, a pessoa do Sr. Cardeal, a quem agora passo a chamar de "meu Pai".

Estava disposta a pedir-lhe que fosse meu Diretor Espiritual, mas Deus foi tão bom que, mesmo antes de pedir, Sua Eminência disse-me:

- "De agora em diante eu serei o seu guia espiritual, minha filha, visto teres me chamado de Pai!". Como fiquei contente! Como Deus é bom! Assim é que agora tenho um bom paizinho em quem deposito toda a minha confiança!

Rezem muito para que eu progrida no caminho da virtude e rezem também pelo meu querido Pai.

Mando pela mamãe mais uns selos que me deu Irmã Vigária. Rezem por ela. Quero também pedir-lhes um santinho de S. Francisco de Assis. Aliás, eu queria que vocês mandassem uma porção de santinhos para mim, tá? Obrigada.

Eu ia lhes enviar aquela revista que comprei nas férias quando fomos à Cidade, Roberto e eu. Mas, infelizmente, desapareceu, e não sei como.

Mano, você cometeu tantos erros na sua carta em inglês! Vou corrigir alguns. Por exemplo: Graças a Deus é "Thank God" e não "Grace to God". Outra: nunca se diz "very thank". É o maior erro que se pode cometer. É assim: "thank you very much". Não fique sentido, que eu faço isso para o seu bem. Pode enviar-me outra carta em inglês.

Acho que não tenho mais nada para dizer-lhes. Envio, pois, o meu grande abraço e as minhas imensas saudades.

Rezem par sua irmã que os ama muito.

Aída."



Com sua mãe no Campo de São Cristóvão (Rio de Janeiro).

Rio de Janeiro, 13 de julho de 1954
O' Mãe Imaculada, eu tua filha
Para mostrar que desejo: Conhecer-te melhor
Amar-te melhor
Serrir-te melhor
Para festejar com toda a terra tua
Imaculada Conceição
Para obter que teu
Conceição Imaculado
reine sobre o mundo
Para que a minha vida seja
Útil, Apostólica
Para que conheça e siga minha
Vocação
Para que nunca pelo pecado renuncie ao teu amor
Começo hoje o meu "Caderno Mariano"
Com alegria e com amor, e enchê-lo-ei sob teu
materno olhar
Tua filha, para sempre
Aída Luri

A primeira página do "Caderno Mariano" de Aída

Sete dias antes da sua morte, Aída escreveu-me a sua última carta. Eu me encontrava no Seminário de Jundiaí, no segundo ano colegial.

"Rio, 6-7-58

Querido irmão Maurício,

Louvado seja Deus!

Há muito queria escrever-te, mas a escassez de tempo é sempre motivo que me impede de fazê-lo. Como sabes, estou estudando muito. Estou cursando o terceiro ano de inglês, na Cultura Inglesa, em Copacabana. Às terças-feiras, tenho aula das duas às três horas e, às quintas, das duas às quatro. Tenho uma ótima professora e estou fazendo grandes progressos com respeito a esta língua que acho maravilhosa. Estudo Português também em Copacabana, com uma de minhas colegas de inglês, que é uma senhora muito instruída. Finalmente, curso a Escola Remington, no mesmo bairro.

Como vês, é bem pouco o tempo que me sobra, isto é, só a parte da manhã, durante a qual fico na loja do Nelson. Não encontro, pois, tempo algum para despender em cartas. Entretanto, hoje, que é domingo, e me encontro em casa estudando para a prova de Inglês, que se realizará na próxima quarta-feira, fiz um intervalo nas lições para pegar da pena e dirigir-te algumas palavras.

Nós aqui vamos indo bem, graças a Deus, e por certo também devido às orações de dois seminaristas que não cansam de dirigir preces pelos seus entes queridos.

E vocês? Que nos contam de novo? Já iniciaram as provas de junho? Gostaria que me enviasses as tuas notas bem como as do Waldir. Eu, por minha vez, prometo enviar as minhas após as provas.

Tenho uma notícia triste para comunicar-te. Como já sabias, titio José (irmão do papai) esteve muito doente quando ainda te encontravas aqui. Pois bem, depois disso ele foi sempre piorando, até que foi levado para o hospital, onde faleceu no domingo passado. Felizmente, gozou da assistência de um sacerdote que lhe ministrou os últimos sacramentos, tendo ele confessado e comungado. Durante sua permanência no hospital, fomos várias vezes visitá-lo. Ele sempre perguntava por vocês dois, insistindo muito em querer vê-los. Falava sobretudo no Waldir. Peço-lhes que rezem pelo descanso de sua alma. Lembrem-se de que ele é irmão de nosso pai. Rezem, pois, como se fosse por papai.

Quando estavas aqui, disseste-me uma vez; "quando for mais ou menos julho ou agosto, vou receber a notícia do noivado de Aída". Mas creio que estavas completamente enganado. Ainda não apareceu nenhum "príncipe encantado".

Bem, Maurício, se continuar a escrever não terminarei de estudar esta lição um tanto difícil. Por isso quero dar-te um abraço afetuoso e enviar-te toda a minha saudade."

Tua irmã Aída.



Aída e seus três irmãos (Maurício, Waldir e Roberto).



Os três irmãos de Aída (Waldir, Maurício e Roberto),
seminaristas em Jundiaí, São Paulo.

XII

ALUNA NOTA 10.

Em carta enviada ao advogado Dr. José Valladão, para ser juntada ao "dossier" de Aída, escreveu a Madre Superiora do Educandário Gonçalves de Araújo, Madre Maria Casas:

"...desde pequenina manifestou grande pureza de alma e muita piedade, a par de viva inteligência e habilidade para qualquer trabalho intelectual, manual ou doméstico. Sempre foi aluna de conduta exemplar, conquistando, ano por ano, os melhores prêmios".

De fato, todos os prêmios que o Colégio costuma oferecer às melhores alunas, ela os obteve: o "Curso de Piano" foi talvez o que mais satisfação lhe causou.

Às meninas que se destacavam durante o período escolar, a Instituição concedia, no fim do ano, férias em casa. Este prêmio Aída sempre o conquistou, e mais de uma vez foi a única que gozou deste privilégio.

Irmã Ignácia dá-nos igualmente o seu testemunho a respeito da aluna Aída :

"Aída era uma moça excepcionalmente estudiosa e levava o estudo muito a sério. Nas vésperas dos exames explicava as lições às colegas mais fracas nos estudos. Depois dos 15 anos, tornou-se verdadeira auxiliar das mestras, ajudando na disciplina. Aída foi, durante um quarto de século, a melhor aluna que passou pelo Educandário".

Quando mamãe quis tirá-la do Educandário para que pudesse fazer o Curso Ginásial reconhecido pelo Governo, as Irmãs pediram com insistência que a deixasse ficar, pois "servia de exemplo para as outras meninas". Aída lá permaneceu, então, até completar dezoito anos.

"Na aula, na oficina - afirma Dalila da Conceição Costa, sua colega -destacava-se pela sua inteligência. Seus bordados pareciam feitos por mãos de fadas. Quando estava ao piano, parávamos para ouvi-la tocar".

Tinha predileção especial pela Língua Inglesa.

Sua colega Marly Alves, que saíra do Educandário um ano antes de Aída, recebeu dela, certa vez, uma carta. Nesta falava de toda a sua tristeza por haver a direção do Colégio decidido suprimir o estudo do Inglês. Escrevia-lhe:

"... Você não pode imaginar minha tristeza. Ah! Marly! Eu gosto tanto da Língua Inglesa!"

Nas férias, em casa, ocupava-se em pequenos trabalhos de utilidade prática, aplicando o que havia aprendido na escola. Trazia sempre consigo um caderno cheio de receitas de bolos, doces e balas. Bordava também, e aprendia com mamãe a fazer vestidos. Apreciava música clássica, mas gostava também de canções populares, sobretudo se cantadas em inglês, ou interpretadas por sua cantora favorita, Emilinha Borba. Seus programas de televisão preferidos eram ballet e teatro.

No Educandário, o jogo que mais apreciava era o vôlei, embora o praticasse raramente. Nesse gênero de esporte, era perita nas tiradas de "peixinho" (atirar-se na bola rente ao chão, para evitar o ponto do adversário), sendo por isso muitas vezes solicitada pelas colegas.

Durante os anos de colégio havia estudado diversas matérias: Taquigrafia, Inglês e Espanhol; aprendera ainda Corte e Costura e Arte Culinária. Esta aprendizagem devia habilitá-la para bons empregos, a fim de ajudar a mamãe - objetivo que nunca perdera de vista.

Em reportagem sobre o Educandário, intitulada "Dali saem prontas para a felicidade", publicada em 15 de agosto de 1953, no jornal "A Noite" do Rio de Janeiro, aparece uma foto de Aída ao piano. Contava, nessa oportunidade, 13 anos. No texto, lê-se o seguinte:

"Aída Curi é a melhor aluna do ano. O seu prêmio foi poder aprender piano. Este ano, e até o presente, Aída Curi é a aluna distinguida. Ostenta no peito um pequeno distintivo. E, todas as tardes, sobe à cabine onde estão os instrumentos. Quando o leitor passar por ali e ouvir pedaços repetidos de Schubert ou de Gounod, é ela, com a sua bolsinha e o seu avental branco, dedos jovens e firmes, estudando.

Prepara-se para a vida. E sobretudo para a Arte."

Conservaria sempre um profundo sentimento de gratidão às freiras, e prometera levar-lhes o primeiro salário que recebesse de seu trabalho. A última vez que as visitou foi no Dia das Mães, em maio. Dirigiu-se à Madre Superiora nos seguintes termos:

- Não foi para oferecer-lhes o meu primeiro salário que vim hoje, mas para abraçar a todas as Irmãs no Dia das Mães, pois as considero minhas segundas mães.

Rio 6-5-57.

Querido hermano mio.

My dear brother
Only now I can eng
letter. Certainly you can.
But I explain it to you

Hasta ahora estuve esperando una cartita tuya y todavia
no he recibido ninguna. Por eso tengo a escribirte algunas
palabritas, y desta vez en la preciosa lengua castellana,
que como sabes, estoy estudiando.

Rio, 4-23-57.
Nelly
Istration of affection you
I do not want to let you
you have always given
not forgetting me. So,
'e same proof of friendship.

I have an English
have much to study. This
letter before.

Se que no sera una cartita perfecta, pero, servira
para mostrarte mis pequenos progresos en dicha lengua.
Sei la carta que escribiste a mamá, en la cual me
pedias para enviarte sellos. Tengo algunos que los envio
junto con esta carta. Cuando tenga más te los manda-
re.

As you know I was very
t at home. I walked very
they are. E indomável
was that which I liked
de todo, e 23 passos da
sciência e O garçao
I like to assist pictures
id what they spoke in

Had you? etc
already done your proves?

Como estás en los estudios?
Estoy estudiando mucho este año, que como sabes,
es el último que paso en el colegio, y quiero prepararme
bien para tener una buena educación, y así ayudar a
nuestra querida mamá. Solo faltan ocho meses y
es muy poco, no es verdad?

me about: Whatever will
I liked it. I heard many
sahol) Meu Penquinhos by
no (translated into the
ra.

I am waiting for
Study English well in ora
come.

Recibi una cartita de Waldir y ahora que se
aniversario está próximo le escribiré una carta felicitando
le.

about Emilinha and
interested much but.

About the looking-
it willn't break until
I don't need of it, becau
room. But even so, I w
it.

Espero pronto una cartita tuya.
Recibe un apretado abrazo de tu hermana
Nelly

me about: Whatever will
I liked it. I heard many
sahol) Meu Penquinhos by
no (translated into the
ra.

I have a sad m:n
Jose (Chile's) died last Suma
I mean for his soul.

Espero pronto una cartita tuya.
Recibe un apretado abrazo de tu hermana
Nelly

me about: Whatever will
I liked it. I heard many
sahol) Meu Penquinhos by
no (translated into the
ra.

My time is very
I ask you not to leak
Remembrances to all the p

Espero pronto una cartita tuya.
Recibe un apretado abrazo de tu hermana
Nelly

me about: Whatever will
I liked it. I heard many
sahol) Meu Penquinhos by
no (translated into the
ra.

Suas cartas, escritas em inglês e espanhol.

Educandário Gonçalves de Araujo
DEPARTAMENTO FEMININO
CONDUTA MENSAL DA

Educanda AÍDA CURI

Aplicação em aula:

Dactilografia..... 10
 Taquigrafia..... 10
 Inglês..... 10
 Curso de religião 10
 Artes aplicadas.. 10
 Corte e costura... 10

Aproveitamento em oficina 10
 Conduta geral..... 10

Rio de Janeiro, Novembro 1927
[Assinatura]
 Diretor

SIGNIFICAÇÃO DAS CLASSIFICAÇÕES
 0, péssima; 3, má; 5, regular; 7, boa; 10, ótima.

Obs.: A reincidência durante 6 meses, na classificação "péssima" será motivo suficiente, para exclusão do Estabelecimento.

Educandário Gonçalves de Araujo
DEPARTAMENTO FEMININO
CONDUTA MENSAL DA

Educanda AÍDA CURI

Aplicação em aula:

Dactilografia..... 10
 Taquigrafia..... 10
 Inglês..... 10
 Curso de religião 10
 Artes aplicadas.. 10
 Corte e costura... 10

Aproveitamento em oficina 10
 Conduta geral..... 10

Rio de Janeiro, setembro 1927
[Assinatura]
 Diretor

SIGNIFICAÇÃO DAS CLASSIFICAÇÕES
 0, péssima; 3, má; 5, regular; 7, boa; 10, ótima.

Obs.: A reincidência durante 6 meses, na classificação "péssima" será motivo suficiente, para exclusão do Estabelecimento.

Educandário Gonçalves de Araujo
DEPARTAMENTO FEMININO
CONDUTA MENSAL DA

Educanda AÍDA CURI

Aplicação em aula:

Dactilografia..... 10
 Taquigrafia..... 10
 Inglês..... 10
 Curso de religião 10
 Artes aplicadas.. 10
 Corte e costura... 10

Aproveitamento em oficina 10
 Conduta geral..... 10

Rio de Janeiro, dezembro 1927
[Assinatura]
 Diretor

SIGNIFICAÇÃO DAS CLASSIFICAÇÕES
 0, péssima; 3, má; 5, regular; 7, boa; 10, ótima.

Obs.: A reincidência durante 6 meses, na classificação "péssima" será motivo suficiente, para exclusão do Estabelecimento.

Educandário Gonçalves de Araujo
DEPARTAMENTO FEMININO
CONDUTA MENSAL DA

Educanda AÍDA CURI

Aplicação em aula:

Dactilografia..... 10
 Taquigrafia..... 10
 Inglês..... 10
 Curso de religião 10
 Artes aplicadas.. 10
 Corte e costura... 10

Aproveitamento em oficina 10
 Conduta geral..... 10

Rio de Janeiro, dezembro 1927
[Assinatura]
 Diretor

SIGNIFICAÇÃO DAS CLASSIFICAÇÕES
 0, péssima; 3, má; 5, regular; 7, boa; 10, ótima.

Obs.: A reincidência durante 6 meses, na classificação "péssima" será motivo suficiente, para exclusão do Estabelecimento.

O último semestre de Aída no Educandário: nota 10 em todas as matérias.

XIII

O TESTEMUNHO DA COLEGA.

No Colégio, Aída travara profunda amizade com Elenira Pereira dos Santos, uma colega de curso. Esta entrou para o Educandário no mesmo ano que Aída, tornando-se ambas, desde então, boas amigas. Mesmo após a saída do Educandário, Elenira procurou continuar a amizade, encontrando-se de vez em quando com Aída, para trocar impressões sobre as novas experiências, relembrar os tempos passados no colégio, e "poder ainda ouvir os seus conselhos". Pela amizade sincera e intenso convívio entre ambas, até as vésperas da tragédia, muito vale aqui o testemunho de Elenira:



Elenira Pereira dos Santos

"Eu conheci Aída profundamente, pois era minha confidente. Eu a admirava muito e sei que ela nunca seria capaz do menor gesto de leviandade.

Freqüentemente me aconselhava sobre os perigos que existem fora do Colégio. Lembro-me que, certa vez, fiz-lhe comentários acerca de rapazes, tendo obtido a seguinte resposta dela:

- Cuidado, Elenira. Não vá na conversa dos rapazes. Mostre-se indiferente e não dê o seu carinho a eles, pois cada um tem o seu truque..."

Aída pedia sempre a Nossa Senhora que a conservasse pura; tinha até uma oração muito bonita, da qual guardo, até hoje, a cópia que ela me deu. Lembro-me perfeitamente do dia em que se retirou de um grupo onde havia baixado o nível da conversa, e das ocasiões em que procurava, por hábil estratagem, desviar nossos olhos de cartazes escandalosos.

Aída era uma menina pura, meiga, querida de todos que a cercavam, preferida das Irmãs, que tinham admiração por ela.

Quando eu estava para resolver um problema (falo de matemática), recorria a ela. A respeito de outros problemas, também os sabia resolver da melhor maneira possível, deixando-me sempre aliviada.

A princípio, eu era um pouco rebelde ao regime do Internato, e Aída sempre me dava conselhos. As Irmãs apontavam-na como um modelo a ser imitado. Diziam: "Sigam o exemplo de Aída ". Frequentemente a encontrávamos na capela, rezando sozinha. Pediu-me várias vezes que lhe fizesse companhia. Não foi raro acontecer ficar apenas Aída comungando durante a semana. Era um verdadeiro exemplo de criatura."

Perguntada sobre um possível "flert" na vida da colega, Elenira não titubeia em negar o fato peremptoriamente. Em carta de 11 de setembro de 2004, esta sua amiga íntima até às vésperas do crime, deixa consignada a sua convicção sobre o comportamento exemplar de Aída. Eis o texto da carta:

Revm. Monsenhor Maurício Curi,

Em resposta à sua pergunta sobre a correspondência epistolar entre nós, devo declarar o seguinte: até um dia antes da morte trágica de sua irmã Aída, eu a via e com ela conversava na loja de seu irmão Nelson na rua da Carioca, nº. 45, duas ou três vezes por semana, quando eu saía do curso de Taquigrafia na Cinelândia. Houve igualmente uma correspondência epistolar em taquigrafia e isto quando eu visitava parentes em São Paulo e ali permanecia alguns dias. Devo dizer – lhe que jamais Aída me falou de um namoro ou mesmo de um simples "flert". A referência a rapazes nestas cartas jamais significaram algo de sério, nem de minha parte nem da parte de Aída. Isto declaro para esclarecer e responder à sua pergunta a respeito de referências a rapazes que são citados nesta correspondência. Respeitosamente. Elenira Santos de A. Campos.

Esta carta parece-me de extrema importância. Inúmeras vezes a sua virtude foi colocada em dúvida, visto terem sido encontrados, em sua agenda de endereços, nomes e telefones de rapazes. Com estes se havia encontrado seja na escola, ou casualmente, ou ainda em lotações que a conduziam em suas idas e vindas para a escola ou para casa. Seria um julgamento temerário supor qualquer intenção menos nobre e correta nas conversas de uma jovem que tinha todo o seu pensamento unicamente voltado para Deus e para o bem, para o estudo e o trabalho na loja de seu irmão. Pediríamos mesmo a estas pessoas, cujos nomes se encontram em sua agenda, que sinceramente nos dessem o seu testemunho. Não tenho a mínima dúvida de que estes novos depoimentos sobre minha irmã serão honrosos e dignificantes, colocando ainda mais em relevo a sua encantadora e cândida personalidade.

XIV

TRECHOS DA ENTREVISTA DE MARÍLIA ALVARENGA, COLEGA DE AÍDA NO EDUCANDÁRIO, CONCEDIDA AO IRMÃO DE AÍDA, NO FACEBOOK, EM JANEIRO DE 2012.



Marília Alvarenga

Marília Alvarenga: Ela gostava muito de cantar. Ela fazia parte do coro da Igreja da Candelária. Cantava todos os domingos, na missa de 12h. Ela fazia a segunda voz

E cantava também nas missas da igreja do Educandário.

No Educandário, era um padre da Igreja de São Cristóvão que celebrava a missa.

Na Igreja da Candelária, não estou lembrada, mas, às vezes, era o Arcebispo Dom Helder Câmara. Às vezes também era o cardeal Dom Jaime de Barros Câmara.

Maurício: Esse padre, que se chamava Fajardo, era espanhol e escreveu uma carta sobre a Aida para o processo. O outro, também espanhol, uma vez me disse que um dia dava a comunhão para as meninas, e não sabe como a hóstia saiu da mão dele e foi direta para a Aida. Ele só fez a ligação do fato quando soube da morte heroica de Aída, a quem ele admirava muito e pensava até que o Cardeal Dom Jaime devia começar um processo de canonização. Eu falei ao Cardeal sobre este desejo do padre

espanhol e o Cardeal, que era conhecido pela sua prudência, não fez nenhum comentário.

Marília Alvarenga: Às vezes, ela ia dormir chorando. Nas nossas orações, antes de dormir, ela orava sempre por vocês, irmãos. Aída não deixava nunca de dormir sem fazer as orações.

A cama de Aida era a primeira e a minha era a segunda da fila, perto do banheiro. Certa vez, nós brigamos por causa da janela, que estava fechada, pois ela tinha muito medo de morcego e eu morrendo de calor. No dormitório, entrava morcego.



Dormitório do Educandário Gonçalves de Araújo, onde Aída dormia.

Nunca vi Aida levantar a voz pra nenhuma de nós. Sempre muito doce. Eu pedia desculpas, às vezes, quando entrava em atrito, e ela sempre calada, e eu sentia até vergonha.

O senhor sabia que nós as alunas tínhamos número? O numero da Aida era 90 e o meu era 104.

Na entrada do colégio, na portaria, havia um quadro com o nome das melhores alunas, e Aída estava sempre em primeiro lugar, com um distintivo que era um lacinho

vermelho, que trazia no peito. Esse distintivo só as melhores é que recebiam e Aída sempre usou. Ela era demais como exemplo de aluna, sempre com notas máximas.

Aída era: educadíssima, delicada, dedicada, amorosa, tudo que um ser humano pode ter de melhor. No temperamento, ela ficava furiosa quando uma aluna respondia mal às Irmãs. Ela chamava logo a atenção da colega. Mas sempre com muita educação. Ela nunca respondia às Irmãs, recebia qualquer admoestação sempre de cabeça baixa.

Aída, era mesmo muito especial. Ela sempre fazia retiros, comungava todos os dias e sempre se confessava. Uma das coisas de que ela não gostava muito era fazer parte dos teatros. Mas gostava muito de cinema. Nós tínhamos cinema no EGA. Ela nunca perdeu um filme. Para assistir a um filme, só quem tirava notas boas e Aída era uma delas.

Um mês antes da ser assassinada, ela nos fez uma visita. E nós até comentamos da tristeza que se estampava no rosto dela. Parecia que ela já estava sentindo algo estranho.

E ela não tinha sardas. Geralmente as pessoas de cabelos vermelhos têm sardas no rosto. Ela tinha uma pele branquinha.

Aída gostava muito de pular corda. Na hora do recreio, ou ela ficava no banco do pátio lendo um livro, ou pulando corda. E ela dizia: Marília, vamos pular corda para crescermos.

Ela dizia que era descendente de sírios. E pela cor dos cabelos, nós a apelidamos de siriazinha.

Um dia eu peguei, na horta, uns figos e cenoura para comer de noite. Então Aída escutou o barulho, e me perguntou: Você está comendo alguma coisa? Sim. Mas você pegou onde? E eu respondi que tinha sido da horta e ela disse que ia dar queixa à Irmã Laura. Então eu falei: vai lá, bate na cela e pergunta à Irmã Laura se ela não quer um pedaço! Aída caiu na gargalhada.

Numa madrugada, Aída me acordou dizendo ter perdido o sono. Eu perguntei se ela estava bem, se estava sentindo alguma coisa, ela respondeu que estava tudo bem. Disse ter tido um sonho, e eu já imaginando que ela havia sonhado com morcego, falei para ela que a janela estava fechada. E ela logo foi falando que não era nada daquilo. Contou-me que havia sonhado com vários anjos em sua volta e que eles estavam com muita fome e ela foi até à despensa e deu de comer aos anjos. Quando eles terminaram de comer, eles pediram sobremesa, mas ela disse a eles que não tinha a chave da despensa de sobremesa. Ela pediu a chave à Irmã responsável, mas a Irmã disse que não podia dar a chave, pois as colegas iriam ficar enciumadas, e os anjos começaram a chorar e ela acabou lavando os pratos que os anjos sujaram. Ela me disse que eram muitos anjos. Perguntei quantos e ela me respondeu que eram **14**. E ficamos um bom tempo conversando sobre sonhos até pegar no sono outra vez.

Maurício: Só a título de conversa, sem nenhuma base científica sobre sonhos, eu veria nos anjos as criaturas de Deus que ela mais admirava, pois, diariamente, com Marília Alvarenga, recitava a "Oração dos Anjos" antes de dormir: "Santo anjo do Senhor, meu zeloso guardador, já que a ti me confiou a piedade divina, sempre me guarde...". E sobre o número **14** (a quantidade de anjos no sonho), eu diria que foi justamente no dia **14** de julho de 1958 que os anjos vieram buscar para estar definitivamente com eles, em torno da Trindade Santa.

Marília Alvarenga: Sabe qual a cor que Aída gostava? Do Azul. Ela dizia que a cor azul era a cor do manto de Nossa Senhora das Graças.



XV

PRESSÁGIO.

Irmã Oliveira, numa carta enviada a nossa família, relata-nos um fato curioso:

"Quando, em certa manhã de julho de 1958, soube o que havia sucedido a Aída, fiquei parada, sem ação... Pouco depois, eu refletia sobre uma de suas pequenas confidências. Seria em outubro de 1957, já no término de sua vida colegial. Apenas três ou quatro alunas estavam na aula de Taquigrafia por ser dia de Confissão.

Notei uma certa preocupação em Aída, mesmo durante o ditado "de rapidez" que lhes fazia. Ao terminar este, perguntei-lhe o que a preocupava ou entristecia: se já estava cogitando no emprego que, em breve, teria que arranjar... Sorriu e disse com uma expressão no olhar como se estivesse vendo longe:

- Não estou triste... Estou pensando que não viverei muito tempo... Alguma coisa me diz que eu vou morrer cedo...

- Mas, por quê? Você está doente?

- Não, mas acho que não poderei viver muito...

Sorriu novamente e calou-se. Não quis fazer-lhe mais perguntas e resolvi não tomar a sério suas palavras."

Fato semelhante é o narrado por sua Professora Lúcia Cerne Guimarães Corona. Conta-nos que, na véspera de embarcar para a Europa, numa viagem de passeio – semanas antes da morte de Aída – esta lhe dera um lindo lenço bordado.

D. Lucia, brincando, agradeceu-lhe dizendo:

- Este lencinho é para enxugar as lágrimas das saudades que vou sentir longe de vocês, minhas colegas e alunas!... Em outubro já estarei de volta para abraçar a vocês todas.

- *O futuro a Deus pertence!*... – exclamou Aída.

- Você está pessimista – retrucou a Professora – é tão nova ainda, tem muito para viver... Se alguém há de faltar, então serei eu, que já vivi muito mais que você...

Aída sorriu e deixou-se ficar pensativa, ouvindo uma música.

D. Lúcia receberia, na Europa ainda, a notícia da morte de sua aluna.

Santa Maria Goretti

A família Goretti tinha sempre a imagem da Santa Virgem na cabeceira da cama da mãe e da filha. Todos os sábados a enfeitavam com flores frescas. Era a imagem preferida da mãe e também a de sua filha Maria. Sob os olhares maternos de Maria a menina aprendeu as orações e o catecismo. Cada sábado Maria trazia flores frescas; cada sábado, menos um: o dia em que Alexandre Serenelli a fechara em sua casa e lhe dera a morte. Esse dia foi privada de trazer-lhe as flores.

"Mãe, disse agonizante, levanta-me do chão...
Coloca-me na cama em baixo de N. Sra."

Assim a Santa Virgem teve o seu nome de flores de sábado. Estava ela, uma pequena imagem, colada.

XVI

MARIA GORETTI, MÁRTIR DA CASTIDADE.

(1890-1902).



Maria Goretti habitava a aldeia italiana de Ferrieri di Conca, a dez quilômetros da cidade de Nettuno (Italia). Um dia viu-se atacada por Alexandre Serenelli, jovem de vinte anos que trabalhava com a família Goretti. Tomado de paixão violenta pela menina de apenas doze anos, Alexandre tentou desonrá-la. Maria resistiu lutando.

Pela última vez diz-lhe Alexandre:

- Cede ou morrerás!

E a pequena heroína responde-lhe:

- Antes morrer que pecar!⁽³⁾

⁽³⁾ Estas mesmas palavras foram escritas por Aída, dois anos antes de morrer, em seu Diário (cf. Capítulo X).

Furioso, o rapaz vibra contra aquele corpinho inocente nada menos que 14 punhaladas.

Antes de expirar, perdoou a menina mártir ao assassino. Sua mãe Assunta, mais tarde, faria o mesmo. Muitos anos depois do crime, vai Alexandre a Corinaldo, onde morava a mãe da vítima. Pede-lhe perdão. E D. Assunta responde:

- Como não hei de te perdoar, se ela já te perdoou?!

No dia seguinte, véspera de Natal, juntos recebem a comunhão. Durante o processo canônico, Alexandre conta às autoridades eclesiásticas toda a verdade. Após haver expiado o seu crime na prisão, Alexandre vai, como empregado, para o Convento dos Padres Capuchinhos de Áscoli no Piceno (Itália), ali exercendo os ofícios de porteiro e jardineiro até sua morte.

Recorda-se a reação da mãe Assunta: "A morte de minha filha foi para mim causa de dolorosa e extrema comoção; muito mais, porém, teria eu sofrido se ela tivesse cedido".

Maria Goretti, martirizada a 6 de julho de 1902, é santa da Igreja Católica, canonizada em 1950 pelo Papa Pio XII.



O autor, na Itália, na frente da casa onde Maria Goretti foi martirizada.

XVII

CONHECIA MARIA GORETTI...

Aída, desde que assistiu ao filme "Céu sobre o pântano", no qual é narrada a história da santa italiana, tornou-se sua admiradora. Elegeu-a até para sua padroeira, atestam suas colegas, tendo sempre em seu armário uma estampa da mártir. Maria da Glória Souza lembra-se bem que, no último ano em que estiveram juntas no Educandário, Aída lhe emprestou o livro da vida da santinha italiana.

Mesmo depois de sair do Colégio, conservou esta devoção. Prova disto é o fato de ter sempre em casa, até o dia de sua morte, um quadro de Maria Goretti, colocado em seu criado-mudo.



O quadro de Maria Goretti, na mesinha de cabeceira de Aída.

Eis aqui também o relato de nossa tia.

Rio, 22-10-1977

Querido sobrinho Maurício,

Sabendo por Jamila do interesse que você tem por todos os fatos da vida de sua irmã, relato aqui uma das conversas que ela teve comigo numa das vezes em que passou alguns tempos com seu tio José, meu marido, aqui em nossa casa. Pude constatar a grande devoção que Aída tinha pela menina mártir da Itália, Santa Maria Goretti. Uma vez ela me disse que, se chegasse um dia a ter uma boa posição financeira, havia de fazer uma capelinha dedicada a esta santinha por quem tinha tanta veneração, e ofereceria este grande presente ao Educandário, onde estava sendo educada e sempre bem tratada por todas as freiras, professoras e empregadas.

Por gostar tanto das freiras, procurava imitá-las aqui, nas brincadeiras com as crianças da vizinhança. Ela as reunia e fazia de professora, sendo sempre enérgica e meiga, dependendo do comportamento de suas pequenas alunas.

Esperando, Maurício, que isto lhe traga algum consolo, queira receber um abraço da tia

Eliza Curi

XVIII

"...EU FARIA O MESMO!"

Testemunho valioso o de Maria da Glória Souza. Recorda-se que, após terem visto o filme, exibido no colégio, sobre o martírio da santa, comentaram ambas a bravura da mocinha italiana e, daquela conversa, conservou bem gravadas na memória as palavras espontâneas de Aída:

- ...Eu faria o mesmo! Jamais envergonharia minha família! A pureza é a maior riqueza que possuímos. Se coisa semelhante acontecesse comigo, eu morria mas não deixava que me tocassem! Acho que Deus dá forças para a gente lutar; caso contrário, como Maria Goretti pôde lutar tanto?!

XIX

"ANTES A MORTE!"

De Terezinha Maria do Carmo:

"Estávamos comentando uma prática que Monsenhor Magalhães nos fizera sobre Maria Goretti (freqüentemente ele nos falava sobre esta santa). Indagaram-me as colegas qual seria a minha reação se comigo acontecesse coisa semelhante ao que sucedera a Maria Goretti. Eu respondi que talvez eu não reagisse da mesma maneira porque tenho horror à dor física. Uma facada!... Deus me livre!... Foi então que Aída, fitando-me com o seu olhar puro (olhar que me marcou até hoje), exclamou:

- Ah! Terezinha, você não cederia não, nunca!... Com a formação moral que nós temos, você nunca cederia!...

Seguimos para a aula de Inglês e ela foi a caminho da capela. Perguntei-lhe depois onde fora, e ela com o seu jeito angelical corou e disse:

- Fui rezar por você!...

Eu tinha nessa ocasião uns 17 anos e ela podia ter uns 12."

D. Maria Antônia, a cozinheira do Colégio, contava-lhe, às vezes, casos de mocinhas que haviam sido infelicitadas ou que haviam caído em alguma cilada de jovens desorientados. Aída – lembra-se D. Maria – costumava então manifestar-se desta maneira: *- Que infelicidade!... Eu teria preferido morrer!...*

XX

UM CORAÇÃO INTEIRO.

Da própria Aída:

"Se eu fosse casar, olharia mais para as qualidades morais e religiosas do meu pretendente do que para a sua aparência externa. E a ele gostaria de dar um coração inteiro, e não dividido."

XXI

A ALUNA DA "CULTURA INGLESA".

Merece destaque o testemunho de Francisco Melado, um rapaz que a conheceu na Cultura Inglesa de Copacabana. É um atestado de valor sobre Aída fora do Educandário, em seus últimos meses de vida. A carta que apresento demonstra que se conservara em toda a sua pujança moral e espiritual mesmo após ter deixado as Freiras.

"Rio, 31 de outubro de 1959

Dona Jamila,

Conheci sua filha e parece-me que ainda estou vendo seu rosto de criança a deixar transparecer a candura de seu coração, a alegria de sua alma cristã. Admirava Aída pelas virtudes morais que indicava sem ostentação. Sentia-se o calor de sua formação religiosa, sem que isso apresentasse o aspecto de "sermão" para os menos religiosos.

Sabia eu de seus planos para o futuro, sua justa ambição de conseguir um ótimo emprego, estudando para isso Inglês na Cultura Inglesa (onde a conheci) e fazendo estudos preparatórios para Concurso. Era uma moça que queria vencer somente com a ajuda de Deus e seu próprio esforço.

É por tudo isto, Dona Jamila, que eu a admirava e me considerava um amigo seu. Sua filha era a meiguice em pessoa. Sua filha era um esmero de educação. Sua filha era virtuosa, como poucas jovens o são.

Se lhe escrevo esta carta, é para reafirmar a inesquecível conduta moral de sua filha, uma moça linda de corpo mas, sobretudo, belíssima de alma.

Com o mais profundo respeito

Francisco A. Melado."



Aída com seu irmão Roberto na Cinelândia.

Aída no Centro do Rio.



Passeando com seu irmão Roberto – Carnaval - Fevereiro 1958.

Querida M^{te} da Glória

Ofereço-lhe esta fotografia como
recordação minha. Vendo-me
assim vestida, certamente pensa-
rão que fui uma "folhãzinha"
neste carnaval. Mas assim não
foi. Lá passei, mas não brin-
quei. Estou acompanhada de
meu irmão Roberto. Foi tira-
da lá na Dinlandia.

Com todo o afeto desta sua
amiga saudosa

Opida Curi

Com 19-2-58

XXII

"NÃO! EU NÃO VOU!"

Carta revela inocência de Aída... desde o princípio. Rio de Janeiro, 11 de junho de 1976

Prezado Padre Maurício Curi,

Escrevo-lhe esta para comunicar-lhe o que eu soube a respeito do caso de sua irmã Aída Curi.

Ouvi de uma amiga de muitos anos, pessoa de bem e de integridade moral comprovada, católica praticante, de comunhão freqüente, o seguinte fato:

Esta senhora ia passando, na noite do crime, em frente ao Edifício Rio Nobre, onde se deu o fato trágico de sua irmã, quando dois rapazes negavam a uma moça algo que eles tinham nas mãos e que ela supunha ser a carteira desta moça. A moça pedia o tal objeto com as palavras: - "*Me dá*", "*Não*", "*Eu não vou*", "*Me dá*"! (Alguma coisa assim). E eles insistiam em tom de brincadeira: - "Eu te dou aqui, vem aqui que eu te dou".

Um ia mais do lado do elevador, e o outro do lado da moça. Essa senhora me afirmou que a moça era muito bonita.

Quando se aproximaram do elevador, um abriu a porta do mesmo e entrou, enquanto o outro a forçou um pouco a entrar. O primeiro, que já estava dentro do elevador, pegou a mão da moça e a puxou para dentro, enquanto esta fez menção de recuar, tentando fugir; nada adiantou.

Foi fechado o elevador e esta senhora nada mais viu. Pensou na ocasião tratar-se de uma brincadeira. Pelo traje, modo de agir, percebeu que era moça de família e não pôde suspeitar de segundas intenções deles. Somente depois, digo, depois de vê-la morta na rua e reconheceu nela a mesma mocinha que relutava com eles, negando-se a

acompanhá-los, eis que teve ímpetos de gritar de dor.

Esta senhora morava próximo ao edifício do crime.

Eis o que eu ouvi da minha amiga.

Sou mãe de família, católica praticante, de comunhão freqüente e pertenço a uma associação religiosa.

Ditei esta carta para minha filha escrever, pois tenho a vista um pouco fraca.

Atenciosamente.

Maria do Céu Rodrigues

Rua Visconde de Pirajá, Nº 287, apt. 501, Ipanema – Rio de Janeiro.

O mesmo fato relatado na carta de D^a Maria do Céu Rodrigues é lembrado por D^a Flora dos Santos Moreira em correspondência a mim dirigida. D^a Flora era subdiretora da Escola Moreira, onde nós, irmãos de Aída, estudamos o primário. D^a Flora tornou-se grande amiga de nossa família.

Embora com outras palavras e versão um pouco diversa nos detalhes, a sua carta revela substancialmente o mesmo fato da violência para levar Aída para dentro do prédio.

D^a Flora estava em companhia de mamãe no dia do julgamento dos réus quando, saindo do tribunal, foram abordadas por uma senhora que disse ter acompanhado o caso desde o início, e desejava revelar-lhes algo que ouvira dias depois do crime: "Disse que se dava muito com uma senhora que tinha uma amiga que morava no prédio ao lado e vira tudo como aconteceu no princípio. A senhora que nos falava disse que a testemunha do fato estava na janela e, vendo a insistência da mocinha pedindo os óculos ao rapaz, ficou prestando atenção. Demoraram-se um pouco no – "me dá os óculos" e o rapaz - "vem buscar aqui"; em seguida a moça dizia – "anda, quero ir embora" e o rapaz ia recuando cada vez mais e respondia – "toma, apanha, está aqui, venha cá". Vendo que a moça correu para apanhar os óculos pensou que estivesse tudo acabado. Dias depois quis falar mas o marido não deixou, alegando que não queria

complicações com a polícia. Jamila sabe disso. Hoje eu vim a saber que existiu realmente esta senhora que, com medo, deixou de falar".

Flora dos Santos Moreira.

De fato, o prédio que se situa à direita do edifício do crime, o "Rio Nobre", tem uma fachada em pequena curva para fora, permitindo portanto a quem estivesse à janela ver facilmente o que se passava e mesmo ouvir tudo. Foi pensando nesta cena que nossa mãe tirou as suas conclusões : "Aída dizia à sua colega da escola de datilografia que a chamava : "espera, irei quando ele me der a bolsa". Ali estava tudo, até o dinheiro da passagem para voltar para casa. Nisto o porteiro estava com a porta do elevador aberta e rapidamente dois rapazes a levaram em dois segundos para o elevador" (De suas anotações pessoais).

XXIII

SUBIU À FORÇA E AOS GRITOS.

Outras Testemunhas.

Nas anotações de nossa mãe, uma página escrita de seu próprio punho fala de mais 3 testemunhas do mesmo fato:

"Um senhor ia passando de carro, e viu quando dois rapazes iam levando uma moça à força para dentro do edifício. A moça que me contou isto era sobrinha deste senhor. Ela se chamava Ester e a sua mãe Eliza. Eram moradoras da rua Voluntários da Pátria, 459 apt. 701. Mudaram-se para São Paulo.

Ouvi também de uma senhora que *ela ouviu uns gritos no elevador*, mas não falou nada porque o marido disse que a deixaria se ela falasse. Esta senhora não tem filhos, mas chorava muito quando falou.

Lembro-me ainda que, quando eu lá cheguei e vi o corpo de Aída na calçada, uma senhora vestida de preto, me parecia ser empregada, disse assim: eu ouvi os gritos da moça".



O autor com sua mãe no dia da sua Primeira Missa no Brasil,
celebrada na Escola Moreira, Riachuelo, em 1966.

XXIV

QUEM ERA AÍDA?



A mãe de Aída, acompanhada do Dr. José Valladão, advogado da família, em visita ao Cardeal Dom Jaime.

Pessoas que a conheceram dão seus testemunhos.

O falecido Sr. Cardeal Dom Jaime de Barros Câmara, então Arcebispo do Rio de Janeiro, enviou ao Dr. José Valladão uma carta-depoimento. Nela o Sr. Cardeal, além de externar sua convicção sobre a inocência de Aída, revela o seu íntimo desejo de tornar-se freira. Transcrevo:

"Em atenção ao seu pedido pessoal, na audiência de sábado último, no Palácio São Joaquim, venho declarar o que sei e posso dizer sobre Aída Curi.

Prefiro referir-me à sua vida, e não à sua morte ocorrida quando me achava em Roma.

Nem tencionava manifestar-me sobre o assunto, embora tenha minhas convicções sobre a inocência da vítima.

Uma vez, porém, que me solicita uns esclarecimentos sobre a pessoa de Aída Curi, afirmo ter-lhe conhecido o foro interno, em direção espiritual, no último ano que ela passou no Educandário "Gonçalves de Araújo", onde preguei o retiro às alunas mais de uma vez.

Aída Curi pretendia entrar no Convento das Servas de Maria, em Jacarepaguá. Só retardou a execução de seu plano a fim de trabalhar primeiro, em prol de sua progenitora, cujos sacrifícios Aída queria aliviar por gratidão e sincero afeto. Respeitando sua liberdade, como era meu dever, concordei com o adiamento relativo à sua vocação religiosa.

É baseado nesse conhecimento íntimo de sua bela alma que julgo ter sido a moça colhida de surpresa no fato que lhe cortou a existência terrena."

Ao ter notícia da morte de sua aluna particular e colega da Cultura Inglesa, D. Lúcia Corona excursionava pela Europa. D. Lúcia sofreu um trauma tão grande que abandonou o Magistério para se dedicar exclusivamente à Orientação Educacional. Inscreveu-se para cursar esta disciplina imediatamente após a morte da aluna e ocupou o cargo de Orientadora Educacional no Colégio Pedro II, na cidade do Rio. Eis a carta que a professora enviou à mãe:

"Amsterdam, 5-8-1958

Minha cara senhora,

Acabei de receber carta do Rio, na qual meu marido relata o funesto acontecimento da morte de Aída.

Embora sem a conhecer de muito tempo, os poucos meses, quatro ou cinco talvez, de convívio na Cultura Inglesa, onde éramos colegas e, depois, tornando-se minha aluna particular de Português, fizeram-me admirar sua filha, de tal maneira que passei a citá-la

como modelo da mocidade.

Inteligente e bela, nunca se revelou vaidosa. Dedicava-se às aulas com um entusiasmo e aplicação que eu jamais vira em jovens de sua idade.

Simples e dedicada, conquistou suas colegas da Cultura Inglesa, e eu, que a pude apreciar melhor, admirava-a e estimava-a.

Minha excursão à Europa separou-me das colegas e dos alunos, e agora sinto tê-los deixado, pois se aí estivesse, tal fato não teria acontecido.

Lastimo não tê-la conhecido antes de meu embarque.

Aída falava-me sempre do desejo que tinha de que nos conhecêssemos. Infelizmente meus afazeres e o preparo para a viagem impediram isso. Assim que chegar ao Rio em outubro irei vê-la.

Eu, como sua colega e amiga, sinto ver cortada sua existência tão pura e ver por terra tanto esforço, tanta confiança no futuro.

Ela era tão bem intencionada nos seus planos de vida! Eu sempre lhe dizia: "Aída, você é um milagre de moça!" Ela sorria com modéstia quase como a pedir desculpas de ser como era.

Sei que ela está no Céu com sua coroa de virgem mártir e nos olha compassiva. Tinha apenas 18 anos!

Em Bruxelas, o Padre que nos acompanhava rezou uma missa em sua intenção.

Dois dias antes de meu embarque recebi de Aída um lindo lenço que guardarei para sempre. Tenho-o poupado das minhas lágrimas.

Mais uma vez, aceite um abraço triste daquela que hoje se sente honrada em ter sido professora de sua filha.

Lúcia Cerne Guimarães Corona."

O testemunho desta Professora é talvez o que de mais preciso nos chegou às mãos. Tanto mais que foi alguém que lidou com Aída quase que diariamente até o dia

15 de junho, um mês apenas antes do crime.

Em outras oportunidades ainda, D. Lúcia externou seu pensamento sobre Aída:

"Eu a conheci, com seu ar de garota, sua conversa ingênua, seu passo tranquilo, seu sorriso puro, tão puro! Com ela convivi durante quatro meses a fio.

Lembro-me dela hoje como se ainda a visse na minha sala de estudos, como aluna de Português, com seus cabelos cor de cobre soltos nos ombros, apurada, curvada sobre os livros, a tentar decifrar, tenazmente, o pensamento de Camões em certos versos dos Lusíadas. Lembro-a desdobrando as "orações reduzidas", encantada e feliz da vida quando achava as conjunções adequadas e o sentido exato na "desenvolvida correspondente". Lembro-me ainda, como minha colega, nas aulas da Cultura Inglesa, a querer traduzir as expressões idiomáticas em formas corretas de nossa língua. E foi sempre assim que ela se revelou a meus olhos. Surpreendentemente inteligente e aplicada. E era tal a minha admiração e tal a minha surpresa, ao vê-la em todo o esplendor de seus dezoito anos, simples, modesta, pura e tão bela, que lhe disse um dia - Aída, você é um milagre de moça!"

Madre Eusébia Garmêndia que fora, durante muitos anos, Superiora do Educandário, e se achava, na época do crime, em Barcelona, escreveu a seguinte carta:

"Barcelona, 8-12-1959

Minha boa e querida D. Jamila,

Meus parabéns!!!

Sim, meus parabéns, pois lhe coube a felicidade de ser mãe de uma mártir... disto eu não tenho a menor dúvida. Aída foi um modelo de educanda e continuará sendo um modelo verdadeiramente exemplar para as mocinhas do meu saudoso Brasil; este mundo miserável não merecia possuir uma criatura como ela, e Deus a levou, depois de demonstrar como ajuda, dando a coragem necessária até ao heroísmo para vencer as dificuldades e conseguir o cumprimento de nobres ideais. Sinto-me feliz de ter convivido com a sua boníssima filha e minha angelical e dedicada Aída Curi.

O abraço amigo de

Madre E. Garmêndia."

Colhemos também o testemunho de Frei Florentino Garcia, da Ordem dos Recoletos de Santo Agostinho, que esteve por algum tempo encarregado da Capelania do Educandário Gonçalves de Araújo. Confiou-nos seu depoimento, que vai resumido nestas palavras escritas embaixo de seu nome:

"... Na ocasião, encarregado da Capelania do Educandário Gonçalves de Araújo, onde atendeu e administrou a Sagrada Comunhão, vendo sinais do agrado de Deus-Jesus Cristo naquela alma de predileção divina."

Perguntei-lhe um dia sobre estes "sinais do agrado de Deus" a que se referia. Respondeu-me Frei Florentino que preferia ser discreto no tocante a este particular.



Irmã Inácia, professora de Aída, fala ao repórter do "Diário da Noite" (4 de agosto de 1958), sobre o sentido da morte da sua aluna: "Conforta-nos pensar que, ganhando a coroa do martírio, a nossa pequena Aída alcançou também a Glória. Que seu exemplo, meditado pelos pais e demais responsáveis pelo destino da juventude, seja o início de uma nova era".

XXV

"UMA IRMÃ DE MARIA GORETTI".



Dom Hélder Câmara.

Em plena Copacabana, surge uma irmã de Maria Goretti (D. Hélder Câmara).

"Comove-me pensar que em nossa cidade, em plena Copacabana, no nosso século, nos nossos dias, tenha surgido uma irmã de Maria Goretti" – afirmou S. Exa. Revma. Dom Hélder Câmara, então Bispo Auxiliar do Rio de Janeiro.

Foi-lhe formulada pela Imprensa a seguinte pergunta:

"É certo ou errado, absurdo ou cabível, aproximar o nome de Aída Curi de Maria Goretti?"

"Parece-me – respondeu Dom Hélder – pelas razões que apresentarei a seguir, que é perfeitamente possível a aproximação dos dois nomes.

Não se trata, é claro, de proclamar a identidade das duas figuras, das duas vidas e das duas mortes. Ainda menos de proclamar a santidade de Aída, quando se sabe que a

canonização é processo privativo da Santa Sé. Mesmo admitindo que, no caso da estudante brasileira, tenha havido imprudências (e em que medida existiram não é fácil apurar: fácil é acusar quem já não se pode defender), é indiscutível e se tornará cada vez mais patente que não vacilou em perder a vida (ou em linguagem cristã: ganhá-la!) para salvar a sua virtude."

Dom Hélder faria ainda uma análise do ocorrido, em plano social:

"Mais uma vez se comprova que os jovens delinquentes são consequência tanto da miséria extrema como do superconforto (...) São eles vítimas de um clima que ajudamos a criar ou que não ajudamos a modificar, realmente. Todas as marcas no corpo de Aída (da mártir, poderemos dizer) revelam o que dão a saturação e a supersaturação sexual em que se movimentam a infância e a adolescência das grandes cidades. Se o doloroso aviso da morte de Aída servir para abrir os olhos de todos nós, responsáveis, abençoado o holocausto da jovem mártir".

No dia em que foi celebrada, no Educandário, a missa de 30.º dia por alma de Aída, a turma de cantoras de que Aída fizera parte, entoou o cântico de que ela mais gostava. Rezava assim:

Na noite tão sombria / do mundo enganador,

Não outra luz me guia / senão meu Deus, amor.

Minha alma quanto almeja / que o sol divino veja,

No eterno resplendor, / Jesus é meu amor.

Após a Missa, foi exibido aos presentes o "Caderno Mariano" de Aída, preciosa coletânea de dados e escritos sobre a Virgem Maria. Em seguida suas colegas leram a seguinte mensagem:

- "Aída! Tu partiste muito cedo deste mundo e nos deixaste muitas saudades. Ficamos acabrunhadas, sensibilizadas com a notícia da tua morte. Quando soubemos do ocorrido, levamos um choque tremendo, porque podíamos esperar que tudo acontecesse,

menos isto. Saíste, há sete meses somente, deste colégio, onde estudaste doze anos. Eras inocente, simples, não conhecias o mal. Esperavas encontrar a felicidade ao lado da mãezinha. Eras um anjo de candura, um lírio de pureza. Eles não conseguiram roubar a tua pureza, não macularam a brancura do lírio que ora viceja no jardim do Céu. Isto nos conforta no meio da tristeza que invade as nossas almas. Foste verdadeira mártir, grande heroína, uma segunda Maria Goretti. Já debes ter recebido a palma do martírio. Aída, pede a Deus que proteja tuas coleguinhas que ainda estão no Educandário preparando-se para as lutas da vida."

D.^a Flora Santos Moreira, que sempre esteve ao lado de mamãe nos momentos mais dolorosos bem como ao lado de Aída, reafirmando a sua inocência, sempre que necessário, deixou-nos o seu testemunho:

"Eu era diretora do colégio onde os irmãos de Aída estudaram. Pude conviver com Aída todas as vezes que para lá ia passar as férias que lhe eram concedidas no fim do ano. Já moça, poucos dias antes de morrer, fez-me uma visita, podendo eu assim apreciar, como sempre, a sua candura, sua inocência e pureza quase angelical."

O Pároco da Gávea, Pe. Sérgio Sampaio, fez a seguinte declaração:

"Sabedor de um movimento em favor de Aída Curi, e desejando cooperar para que se fixe um justo conceito acerca da vida de Aída Curi, venho declarar o seguinte:

1- Aída Curi foi-me apresentada pela primeira vez, na Matriz da Gávea, por um dos seus irmãos, após a Missa Dominical. Tratando-se de família piedosa e honesta, com dois filhos candidatos ao Sacerdócio, tive dela a impressão de jovem bem formada.

2- Esta impressão fortaleceu-se ao vê-la todos os domingos assistindo à Missa e comungando. Era Filha de Maria do Educandário Gonçalves de Araújo, e não se transferiu para a Paróquia da Gávea com receio de, estudando e trabalhando, não poder cumprir todos os compromissos de uma Filha de Maria.

Estas declarações eu as faço na qualidade de Pároco de Nossa Senhora da Conceição da Gávea, onde mora a família Curi, ferida ainda pela dor, mas consolada pela certeza de ter dado ao Brasil uma Maria Goretti, mártir da Pureza.

Rio de Janeiro, 14 de julho de 1959 (no primeiro aniversário da morte de Aída Curi)."

A história de Aída já está publicada em Portugal. Um sacerdote passionista, Padre Faustino de S. Domingos, incluiu-a num livro intitulado "Lírios no Charco" ou "Santa Maria Goretti e suas Imitadoras" (Tipografia Editorial Franciscana – Braga. 1969).

No Líbano, um resumo de sua vida e de sua morte foi publicado pelo Padre Georges Fakhoury, na revista melquita católica "Al Maçarrat".

Seu nome está imortalizado em uma rua de Jacarepaguá (Taquara) no Rio de Janeiro.

"Como homenagem da cidade à memória de Aída Curi, o prefeito Sá Freire Alvim assinou decreto dando oficialmente à antiga rua Projetada o nome de rua Aída Curi. A referida artéria começa na estrada de Beriguara e termina em Jacarepaguá."

("O Jornal", Rio, 17-2-59).

Outras duas ruas têm o seu nome no Brasil: uma na Bahia (Cidade de Ipirá) e outra em São Gonçalo (Niterói).

XXVI

"CONHECI MUITO BEM A SUA ALMA".

(Depoimento de FREI JAIME FAJARDO, Capelão do
Educandário Gonçalves de Araújo e Professor de Aída.)

Rio de Janeiro, 28 de dezembro de 1959.

Exmo. Sr. Advogado

Dr. José Valladão,

Move-me a escrever-lhe o desejo imenso que tenho de fazer alguma coisa pela bom nome de Aída Curi, a quem muito conheci.

Como Capelão e Professor do Educandário Gonçalves de Araújo, estive em contato contínuo com essa menina mártir, mártir da pureza da alma e do corpo, que ficou conhecida em todo o Brasil e, conforme constatei pessoalmente na Espanha e Argentina, fora das fronteiras do País.

É triste observar com quanta dificuldade aceitam certas pessoas que uma moça possa ser virtuosa, pura, limpa de coração e de corpo. Aída era realmente moça pura, casta, virtuosa, verdadeiro modelo para a juventude atual. Isto não é literatura: é a fiel expressão da verdade.

Conheci Aída em 1952. Chamou minha atenção o modo delicado de agir junto das companheiras. Depois, comentando as atitudes da menina com as Religiosas da Comunidade do Educandário, ouvi das mesmas que Aída era, sem dúvida, a melhor aluna do referido estabelecimento escolar. Observando sempre de perto o

comportamento de Aída, o bom conceito que dela formara foi subindo cada vez mais. Achando no sacerdote um amigo e um conselheiro, passou a menina a fazer consultas espirituais e morais, expondo seu modo de pensar e agir. Sempre sincera e precisa nas exposições, surpreendia pela sua maturidade espiritual. Nada escondia, manifestando sempre o desejo firme de conhecer e seguir o bom caminho. Conquistou em luta contínua verdadeira virtude, mantendo sempre seu espírito tenso para poder melhorar e avançar no caminho do bem.

Conheci muito bem a sua alma e posso afirmar, sem medo de errar, que era uma alma de escol. Tenho em tal conceito a virtude dessa menina maravilhosa – nunca conheci outra igual ou melhor – que, considerando sua vida e seu martírio, julgo-a verdadeiramente santa e a ela encomendo as minhas dificuldades, lutas e êxito do meu apostolado, rezando todos os dias, como poderia rezar a Santa Maria Goretti, sua irmã heróica na pureza, ou a qualquer outro santo. Sei que não sou o único devoto de Aída: há muitos.

Aproveito o ensejo para dizer a V.S.^a que, quando aconteceu a morte de Aída, eu estava na Espanha. Falei com Aída por última vez no mês de abril de 1958, pouco antes do fato. No mês de abril fui à Europa. Aída era a mesma menina pura e boa, santa mesmo, preocupada com os seus estudos. Poderia mudar fundamentalmente em tão curto espaço de tempo até o dia da morte? Não, nunca.

Sr. Advogado, estrangeiro que sou, não soube exprimir tudo quanto sinto e sei. Na minha língua teria sido outra coisa.

Desejando ser útil a V.S.^a declaro-me servidor certo.

Frei Jaime Fajardo – S.P. dos Ag. R., Secretário Provincial dos Agostinianos Recoletos do Brasil e Capelão do Educandário Gonçalves de Araújo.



* 15-12-39 † 14-7-58

"QUERO FAZER UM SACRIFÍCIO TODOS OS DIAS... FAREI MINHAS CONFISSÕES COMO SE FÔRA A ÚLTIMA DE MINHA VIDA... ESTOU MUITO CONTENTE PORQUE JESUS ESTÁ EM MEU CORAÇÃO E A MINHA ALMA ESTÁ PURA... PROCURAREI PENSAR TODOS OS DIAS NO CÉU, NA MORTE E NO INFERNO".

"MARIA, AJUDA-ME A AMAR SEMPRE A JESUS E ANTES MORRER DO QUE PECAR".

(DOS APONTAMENTOS DA FALECIDA AÍDA).

AIDA CURI

NASCEU EM 15 DE DEZEMBRO DE 1939 EM BELO HORIZONTE, ESTADO DE MINAS GERAIS. INTERIOU-SE AOS 6 ANOS NO EDUCANDÁRIO GONÇALVES DE ARAUJO, DIRIGIDO PELAS ABNEGADAS IRMÃS FILHAS DE SÃO JOSÉ. DESDE O SEU PRIMEIRO ANO SOBRESSAIU-SE DE SUAS COLEGAS COMO A MELHOR ALUNA.

A NOTA 10 ACOMPANHOU-A DURANTE SEUS 12 ANOS DE COLÉGIO. ERA QUERIDA E AMADA POR TÓDAS AS IRMÃS E COLEGAS QUE NÃO CESAVAM DE TECER ELOGIOS À SUA ALUNA-MODELO.

EIS QUE NA FLÔR DE SUA IDADE: 18 ANOS, DEUS ESCOLHEU-A PARA DAR UM EXEMPLO CABAL PELA NOSSA JUVENTUDE, PREFERINDO A MORTE À DESHONRA.

SENHOR,

RECEDEI AS NOSSAS PRECES PELA ALMA DE VOSSA SERVA "AÍDA", PARA QUE OCUPE UM LUGAR NO SEU REINO E GLORIFICADA GOZE DE PERPÉTUA ALEGRIA.

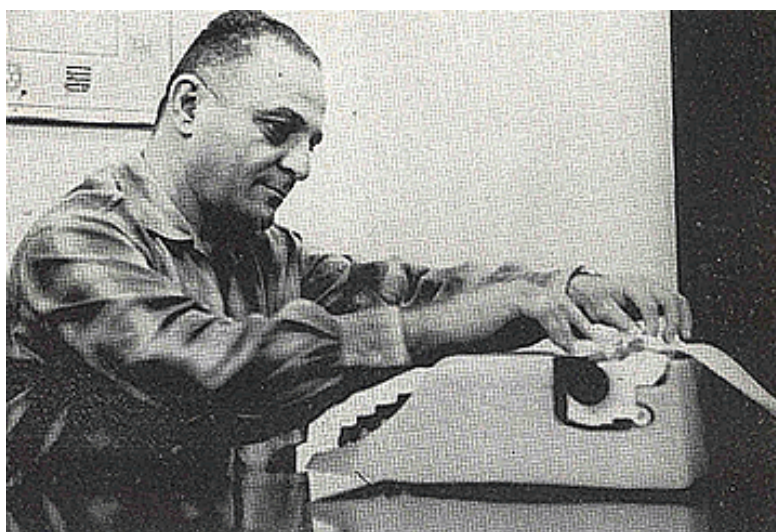
*

SANCTA VIRGO VIRGINUM,
ORA PRO NOBIS.

Uma recordação da Missa de 7º Dia.



Mãe de Aída visita o túmulo, com seu filho Maurício.



David Nasser, jornalista que defendeu a virtude de Aída.



O féretro é carregado por colegas do Educandário. Vê-se à direita a Professora Flora dos Santos Moreira, Vice-Diretora da Escola Moreira.



À esquerda, Monsenhor Elias Coueter (mais tarde Bispo dos Católicos Melquitas), e, à direita, Monsenhor Elias Jarawan.



Os quatro irmãos de Aída, Nelson, Roberto, Maurício e Waldir, na missa de sétimo dia na igreja melquita católica de São Basílio, no Rio.



Missa de sétimo dia – À esquerda, a mãe de Aída, em seguida sua madrastra, *Dona Filomena Jacob*, e *Dona Alice Santos Moreira*, diretora da Escola Moreira, em que estudaram os irmãos de Aída.



A mãe de Aída ao centro. À sua direita, Dona Badia Curi, prima de seu marido. E, à esquerda, sua madrasta, Dona Filomena Jacob.

XXVII

"EU FUI COLEGA E PROFESSORA DE AÍDA"

“NUNCA VI UMA MENINA

PURA E INTELIGENTE

COMO AÍDA CURI".

(LÚCIA CERNE GUIMARÃES CORONA, Orientadora Educacional do Pedro II,
e do Estado.)

(Reportagem de VICTOR MARIANO - "Diário da Noite" –
Rio, 31-3-1959)

Dois valiosos depoimentos foram divulgados pela imprensa, na semana passada. Um deles, o da Superiora do Educandário Gonçalves de Araújo, Irmã Maria Casas; o segundo, o do Cardeal – Dom Jaime de Barros Câmara – ambos confirmando o ótimo

caráter da menina atraída à cilada do Edifício Rio Nobre.

Estava faltando, todavia, alguma coisa, neste assunto. Tanto Dom Jaime como a Irmã Maria Casas se referiram a Aída Curi ainda aluna interna de um colégio de religiosas. Nada, entretanto, nem uma linha ou uma palavra, sobre o procedimento da jovem no período em que, havendo terminado o curso, voltou à companhia da genitora. Vale dizer, assim, que, dos seis meses que Aída viveu fora da escola, entre janeiro e julho de 1958, pouco se sabe realmente, ao menos do seu procedimento fora de casa, longe da vista dos seus familiares.

Como teria sido Aída, realmente, nessa ocasião?

Teria continuado pura, digna, decente, como durante os doze anos que passou no Educandário?

Ora, suprimindo a falta existente, vamos publicar, agora, o que nos relatou D. Lúcia Cerne Guimarães Corona, catedrática da Escola Técnica Nacional e professora de Português no curso comercial que funciona à noite na Escola Argentina. Graduada em Pedagogia e Jornalismo pela Faculdade Nacional de Filosofia, autora de valiosos trabalhos sobre ensino, é a conhecida educadora a mais categorizada pessoa para falar sobre Aída Curi, por ter sido sua mestra, justamente no período em que a mocinha estudava na Sociedade Brasileira de Cultura Inglesa.

Dona Lúcia Corona conviveu com ela quase diariamente – e intimamente – nos seis derradeiros meses de vida de Aída.

DONA LÚCIA CONHECE AÍDA CURI.

- Conheci Aída Curi – é a educadora quem depõe – em janeiro de 1958, na

Cultura Inglesa. Muito embora fosse grande a diferença de idade, éramos colegas, pois eu ali fazia um curso de aperfeiçoamento e ela aprendia Inglês. Por indicação de uma de suas professoras, Aída me procurou a fim de que eu lhe desse aulas particulares de Português, pois pretendia inscrever-se num concurso visando obter emprego público. Até 15 de junho, foi ela, assim, pessoa com quem lidei quase diariamente. Saíamos juntas da Cultura Inglesa e vínhamos até minha casa, a pé.

Na segunda quinzena de junho, viajei para a Europa. Estava de malas prontas com destino a Londres quando meu marido me escreveu, relatando a morte de Aída.

Sofri tão grande comoção que passei mais de um dia com febre de quarenta graus, na capital britânica. E desde que voltei ao Rio ainda não me refiz do abalo que sofri. Tanto assim que suspendi as aulas particulares em minha residência, pois mal posso olhar a salinha em que ela estudava.

ERA UMA MENINA PURA.

- Se a senhora conviveu intimamente com a menina, entre janeiro e junho de 1958, talvez possa opinar sobre o caráter dela. Certo?

- Sem dúvida. Vou mais longe: posso dizer-lhe que jamais conheci uma menina igual a Aída. Era um caráter puro, de uma candidez que chegava a comover em nossas palestras; a maior parte do tempo falava na genitora, contando-me as lutas e os sofrimentos de Dona Jamila para educar os filhos. Como estudante, foi exemplar em tudo. Nunca faltou, nunca chegou atrasada a uma aula.

Fui sua amiga e sua mestra. Era, sem dúvida, uma jovem recatada, serena, comedida nos modos e no falar. Inteligência acima do comum. Modesta, sim. E tanto que eu só soube que tirava as notas mais altas na Cultura Inglesa quando a professora me informou.

A zona sul, nos dias atuais, oferece perigos sem conta para jovens puras como foi Aída Curi. Eu, que a ouvia falar pelo telefone com suas colegas do Educandário Gonçalves de Araújo, que pude inteirar-me em pouco tempo da sua moral sem defeitos, cheguei a preocupar-me. Aída era uma jovem clara, alta, com cabelos avermelhados, muito bonita.

Se tinha defeito, era justamente a sua beleza, se isto pode ser dito assim. Costumávamos vir juntas até minha casa, andando e conversando. Chamava a atenção de todo mundo. Mas, e isto é importante: não se dava conta do interesse que despertava. Disse-lhe muitas vezes que se acautelasse. Ela me convidou a ir ao seu lar, conhecer sua mãe. Aída, porque estudava em mais de uma escola, nem tempo tinha de almoçar. Aqui comigo, quando terminávamos a aula de Português, tomava café com biscoito. Não a deixava sair em jejum. Seu dia-a-dia era controlado no relógio. Acha o senhor que sendo, como sou, professora há quase vinte anos, tendo lidado com várias centenas de alunas de toda classe social, de todo nível de educação, iria enganar-me? Aída era muito decente e muito ciosa da própria personalidade.

NÃO SABIA DANÇAR.

- Não soube de qualquer namorado que tivesse?

- Não. Em palestra com as suas amiguinhas do Educandário Gonçalves de Araújo, perguntavam-lhe se já tinha muitos candidatos a noivo. Aída ria e retrucava que quando algum aparecesse ela diria. Escusava-se de ir a festas familiares, porque, conforme me contou, não sabia dançar. Mesmo um namoro ingênuo não havia em sua vida.

UM LENCINHO E UM RETRATO.

Mostra-nos, a essa altura, um lenço e um retrato.

-Vê este lençinho? Foi Aída que me deu, à véspera do meu embarque para a Europa.

Disse-me nessa ocasião: *"Quando tiver saudades e chorar por mim, seque neste lenço as suas lágrimas"*. Mal sabia que estava sendo profética, pois suas palavras se cumpriram. E este retratinho, veja, é dela! Semblante plácido, beleza plácida... Beleza de uma santa, o senhor sabe?

UM ANJO OU UMA SANTA.

- Depois que Aída Curi saiu do Colégio, ninguém, a não ser sua mãe, conviveu com ela mais do que eu. Admirei-a pelas suas qualidades: inteligência, educação, virtude, equilíbrio – nada lhe faltava para vir a ter, na vida, um futuro feliz. Aída era um anjo ou uma santa. Nunca vi uma menina igual a ela!



D^a Lúcia Cerne Guimarães Corona , professora de Aída, fala de seu conhecimento da vítima aos repórteres. Vê – se, em segundo plano, o irmão de Aída , Waldir, e seu tio materno, Jorge Jacob.

XXVIII

SONHOS E PENSAMENTOS SOBRE AÍDA CURI.



Jamila Jacob Curi, mãe de Aída.

11 de outubro de 1958.

O primeiro sonho que tive com minha filhinha foi na noite em que recebi a visita da Professora de Português, Dona Lúcia Cerne Corona, juntamente com seu esposo. Deles recebi como presente uma imagem de Nossa Senhora de Fátima para me consolar e me dar forças para resistir ao tremendo golpe que recebi. Nesta mesma noite sonhei com Aída. Ela estava viva perto de mim, e eu bem contente. Eu estava dizendo às pessoas conhecidas: minha filhinha voltou. Ela pertinho de sua mãezinha para me consolar. No mesmo instante ela se tornava uma criança de 8 anos e estava tão risonha, jogando bola e eu a gritar: Aída, vamos embora. No mesmo instante, ela se tornou moça

e eu vinha tão contente por Deus ter devolvido a minha filha. Mas isso foi apenas um sonho. Se fosse realidade que bom seria!

12 de outubro de 1958.

Isto foi em pensamento. Que eu tinha ido ao cemitério, e lá estavam várias pessoas. E eu lhes disse: Esperem que ela virá. E o povo queria chegar mais perto do túmulo. Eu lhes dizia que ficassem lá onde estavam, que ela viria. A tampa devagar foi-se abrindo, e ela veio andando muito séria, sem olhar para ninguém. Eu fui para junto dela até ao portão. Chamei um táxi e fomos para casa. Chegando lá, deitou-se na cama pois estava muito cansada. Eu fui então à janela, pois o povo em massa queria falar com Aída, e levantei as mãos como em prece e disse-lhes: Pelo amor de Deus, não façam barulho, pois amanhã todos os que a procuram serão atendidos. Isto foi como se eu estivesse vendo mesmo, e porque eu queria muito que ela voltasse.

15 de outubro de 1958.

Sonhei que entrei em um lotação à procura de minha filhinha. Perguntei ao chofer se viu uma moça passar por ali. Ele abaixou a cabeça, apontando para Aída estendida no chão e disse-me que se ela não se resolvesse a ceder aos desejos dos malvados teria que morrer ali de fome. Perto dela vi um homem escuro e dois claros. Olhei para minha filha, e ela virou os olhos para mim, mas não podia dizer nada, muito triste. Eu queria fazer alguma coisa, mas também não podia. Fiquei ali sem poder dizer nada. E tudo acabou.

Mês de junho 1959.

Fui para dormir. Fechei os olhos, quando vi distintamente Aída vestida de azul celeste e os cabelos cor de fogo. Ela estava satisfeita, contente. Logo abri os olhos e nada mais vi. Tudo foi como se fosse num conto de fadas.

Ainda no mês de junho de 1959.

O que eu queria dizer pela televisão, mas não me deram esta chance, era o seguinte: dizer que tudo acabou para mim, e para Aída também tudo, tudo terminou. Quem a perdeu para todo o sempre fui eu, sua mãezinha, a quem ela queria tanto. Queria falar ao público que agora para Aída eu não poderia pedir coisa alguma. Queria sim pedir às mães mineiras (pois Aída nasceu em Minas, na Avenida Santos Dumont, 436, em Belo Horizonte) e às mães de todo o Brasil que cuidassem bem de suas filhinhas, pedissem ajuda e garantia de vida para suas filhinhas, proteção às autoridades, para que nunca mais suceda o bárbaro crime de que foi vítima minha filha. Cuidem bem de vossas filhas, pois o que tenho passado é uma grande e negra dor, Mães, vós sois felizes, tendes as vossas filhas perto, podeis dar-lhes conselhos, alertar contra o mal e a maldade humana...

Dia 9 de novembro de 1960.

Minha filha Aída, sonhei contigo, hoje quarta-feira. Fui ao cemitério fazer-te uma visita. Chegando lá, já estavam guardando os caixões. Eu reclamei que queria fazer uma visita à minha filha Aída. A moça que tomava conta ficou penalizada. E mandou que eu fosse ver abrir o caixão. E ela, querida filhinha, luz dos meus olhos, logo olhou para mim, ria, e depois pôs-se a chorar, beijou as minhas mãos e disse: mãezinha, suas mãos

estão geladas, e eu sorrindo disse-lhe: engano, filhinha, as tuas é que estão geladas. E tudo acabou, foi apenas um sonho. Se fosse realidade, seria sublime. Seja feita a vontade de Deus!

13 de agosto de 1962.

Meu filho Maurício deu-me a notícia da sua ida para Jerusalém onde, durante 4 anos continuará seus estudos. A princípio fiquei triste pois iria separar-me de meu filho, mas como ele estava contentíssimo, eu também fiquei. Nesta noite fechei os olhos, fiquei pensando tanto, triste, e vi o rostinho de minha filha Aída olhando para mim como quem diz: não fique triste, mãezinha, estou a teu lado. Assim é a vida: ninguém é de ninguém. Se pudéssemos compreender bem isto, ninguém sofreria. Seja tudo a vontade de Deus!

24 de maio de 1964.

Hoje, assistindo à televisão muito sozinha, comecei a chorar. Lembrei-me tanto de você, minha filha Aída ! Se você estivesse aqui pertinho da mãezinha, quantos abraços, quantos beijos eu te daria! Trocáramos ideias: isto fica bem, isto não serve... De quantos planos para seu futuro falaríamos! Como tudo seria tão lindo, tão belo, tu que eras uma flor maravilhosa, teu coraçãozinho tão puro e limpo, como um lírio branco sem mancha, porque tu eras pura, meu amor, luz dos meus olhos! Se as saudades matassem, eu já estaria morta há muito tempo, mas Deus vai aliviando o nosso coração, de uma tal forma que nós mesmos não compreendemos. Que seja tudo por amor a Deus e a Maria Santíssima.

27/8/69.

Ouvi o "Diário de um repórter". Era uma quarta-feira. A emoção foi grande. Queria chorar mas não desceu uma só lágrima. Obrigada, David Nasser, por mais uma vez lembrar o caso de minha filha. David Nasser disse tudo, cansou, nada mais tem a dizer. Arriscou a sua própria vida. Que Deus o abençoe, David Nasser!

4/12/1969.

Era um dia chuvoso. A neta do senhorio veio entregar o recibo. Tocou a campainha. Quando abri a porta, ela, com os seus olhos cheios de encantos, me olhou e disse: vovô mandou entregar o recibo. Pareceu-me ver Aída. E não me contive, pus-me a chorar e depois tive que parar porque nem chorar mais posso. Senti um nó na garganta. Tive que tomar um pouco de água a fim de parar de chorar. Não posso ficar em casa, pois lembro-me tanto da minha filha. Sinto muitas saudades porque ela era uma filha exemplar, não tinha defeito.

22/6/1972, quinta feira, às 2,20 horas.

Irmã Francisca do Educandário Gonçalves de Araújo, onde Aída esteve, passou perto da loja do Roberto, entrou e disse que me viu e veio fazer-me uma visitinha. Irmã Francisca me fez lembrar muito de Aída. Eu queria chorar em voz alta, gritar, mas me contive, tendo que fingir de forte. Irmã Francisca contou-me que uma aluna estava doente com leucemia, e o médico não deu mais um dia de vida. Irmã Francisca disse que pediu a Aída que desse um jeito para que a mãe da menina que estava longe pudesse vir para estar perto da sua filha. Era coisa impossível, pois ela morava muito longe e sem dinheiro não podia vir. De repente a mãe recebe um telegrama e, no dia seguinte, veio para estar perto da sua filha. Até hoje Irmã Francisca tem a certeza que foi uma graça que recebeu por intermédio de Aída. Ela já recebeu várias graças de Aída. Tudo o que Irmã Francisca pede, recebe.

24/6/1972, Sábado.

Quem sabe curar a saudade?! A saudade é amarga e negra, é dor e tristeza. Hoje, na loja, tive muitas saudades de minha filha. Procuro me conter para não chorar, mas hoje não agüentei. Chorei, chorei, Por que os culpados escondem a verdade ? Eles agüentam tanto remorso dentro de si ? 14 anos são já passados. O porteiro está sendo protegido. Digo a quem o protege: faça o porteiro se entregar, tire este peso de sua consciência. Meu filho, Padre Mauricio, está preparando a terceira edição do livro de Aída, "a jovem Heroína de Copacabana". Queríamos colocar neste livro uma infinidade de verdades, mas resolvemos quase que só falar sobre a vida de Aída. Tudo está entregue a Deus. Eu tenho certeza de uma coisa: o caso de minha filha Aída ainda vai ter muitas reviravoltas. Deus quer prestação de contas, muito sérias.

28/4/70.

Sonhei com Aída, minha filha, que estava tão feliz! Abracei-a, beijei-a tanto, e chorando não queria que ela percebesse que eu estava chorando para que ela não ficasse triste. Sonhar com a única filha que eu tenho! Isto deixa uma grande saudade. Que pena, tudo foi apenas um sonho. Meu Deus, fazei-me compreender, ajudai-me por favor, eu queria tanto Aída perto de mim!

9 de dezembro de 1972.

Foi o dia em que telefonei para a Irmã Superiora do Educandário, perguntando em que dia iriam celebrar a festa no Educandário. Respondeu-me uma Irmã novata que seria a festa no dia 10 de dezembro. Eu chorei muito no telefone e disse-lhe que talvez não fosse, porque não teria coragem... Ela, a Irmã, me consolou dizendo: Dona Jamila, a sua filha está no céu, não chore. Eu lhe disse muito obrigada e desliguei o telefone. Daí a alguns minutos o telefone toca. Fui atender e era a Madre Superiora falando comigo: D^a Jamila, disse-me ela, eu poderia ter-lhe mandado um convite especial para a senhora vir. Seria um grande prazer para nós. Eu respondi agradecendo e disse que talvez não fosse porque eu não ia agüentar, pois tantas recordações me fazem sofrer. Chorei e parecia que os três que maltrataram minha filha haviam me dado uma surra

pois meu corpo estava doído. Cansada, não tive coragem para ir. Queria muito mas não fui. Passei o dia todo triste e ainda o Nelson, meu filho, notou e disse-me: não sei o que a senhora tem hoje, parece muito cansada.

15 de dezembro de 1972.

Sexta feira, dia bonito de sol. Aída Curi, minha filha, completou 33 anos (idade de Cristo).

Neide Borges Curi, minha nora, mandou celebrar missa por alma de Aída, por uma graça recebida.

Dia 7 de janeiro de 1973.

Sonhei com Aída. Que todos os fiéis estavam na igreja Nossa Senhora do Paraíso, em São Paulo. De repente, Aída aparece toda vestida de branco perto do altar. O povo assim que a viu se dirigia depressa para perto dela. Eu gritei: Esperem, não é assim, esperem um pouco! E assim acabou este lindo sonho. Meu amor, minha vida, que saudades! Penso tanto em você. Por que os culpados não falam a verdade?

26 de setembro de 1975.

Passei um domingo com meu filho Padre Maurício, em São Paulo. Saímos, foi no mês de setembro de 1975. Fomos visitar umas moças do Movimento dos Focolares. O Maurício disse –lhes: eu gostaria que minha mãe desse o perdão, assim como eu dei o meu de coração. Eu respondi: eu darei um dia, quando sentir que devo dar. Neste dia viajei para o Rio. Em casa conversando com meu filho Waldir a esse respeito, ele me perguntou: a senhora não dá o perdão? Eu respondi: para dizer que dou e não sentir no coração, não vale a pena. Fui abrir a loja do Roberto. No ônibus pedi a Deus com muita fé que desse um toque no meu coração para perdoar. À tarde, eram 3 horas e 15 minutos, eu estava tomando café, quando de repente senti um toque no meu coração.

Eu queria explicar melhor para que todos me compreendessem, quando estremei e falei : o perdão! Dei então o perdão. Que seja tudo por amor a Deus. Sei que Deus está bem comigo. Pedi a Deus e Ele me ouviu. O perdão de todos os meus filhos também.

19 de agosto.

Fechei os olhos. Não estava dormindo não. Vi através dos meus olhos os olhos de minha querida filhinha Aída olhando para mim, com doçura e ternura. Parecia que ela estava com muita pena de mim. Virei os meus olhos para o outro lado, o seu olhar sempre me acompanhando. Agora ela me apareceu com a metade do seu rosto, e com ternura olhava para mim. Logo a seguir vi distintamente a imagem de Jesus, isto é, a metade do seu corpo com um olhar tão meigo, olhando para mim. Demorou um pouquinho para desaparecer. Isto foi tão lindo que não há palavras para decifrar a visão que eu tive. E em volta do rosto de Jesus uma luz deslumbrante, nunca vista. Realmente, gostei tanto! Muito obrigada, meu Deus, agradeço-lhe muito, muito mesmo.



Desolação extrema da mãe de Aída, petrificada e desfigurada pela dor, pouco depois de ver a filha morta na calçada da Avenida Atlântica. Está sendo assistida no local por uma enfermeira amiga da família.

Ela era a pérola mais preciosa de minha vida.

Ela era todo um encanto

Ela era todo um amor

Ela era linda

Ela era bela de corpo e de alma

Isto posso dizer e afirmar.

Eu me sinto tão só
Sem o seu amor,
Sinto falta do seu carinho,
E como sofro a sua ausência!
É bem negra a minha dor.
Todos os três foram culpados.
Ela a lhes pedir: deixem-me ir embora,
Sou virgem!
Mas eles batiam mais e diziam:
Você tem que ceder!
A luta foi feroz,
Mas a glória de que muitos falam...
Ela preferiu que jogassem o seu corpo do alto
A manchar o seu nome de menina moça.
Peço que todas as mães me compreendam:
A pérola mais linda que possuía, eu perdi!

JAMILA JACOB CURI

XXIX

PERDÃO DE MÃE. *Outubro de 1975.*



A mãe de Aída comunga das mãos de seu filho, no dia da ordenação sacerdotal em Saidnaia (Síria), em 29 de agosto de 1965.

A leitura deste livro terá sido decepcionante para quem nele esperava encontrar um relato pormenorizado sobre o Crime que, no ano de 1958, abalou a Sociedade brasileira, ou um documentário sobre o Processo, objeto de manchetes em toda a Imprensa nacional.

O meu único objetivo foi apresentar a figura admirável e impoluta de minha irmã.

No que se refere ao Crime e ao Processo, considero, a partir de hoje, capítulos definitivamente encerrados para mim.

E a todos aqueles que se viram envolvidos, de uma maneira ou outra, na morte de Aída, e às suas famílias que tanto sofreram em todo este Caso, deixo aqui um apelo cristão, profundamente evangélico. Repito hoje as mesmas palavras escritas na quarta edição, em 1975. Era o Ano Santo, Ano do Grande Perdão e da Reconciliação. Naquela oportunidade, convidei a todos a darmos juntos um passo, a irmos além de tudo o que sucedeu, a passarmos uma esponja sobre tudo o que aconteceu. q

Que seja uma reconciliação incondicional, colocando-nos todos assim na dimensão da misericórdia de Deus, conforme pede Jesus no Evangelho:

"Sede misericordiosos, como vosso Pai é misericordioso".



Jamila Jacob Curi, mãe de Aída.

"Felizes aqueles que Vós escolhestes e chamastes para habitar em Vossos átrios, Senhor. Aleluia!"

Tocou-me profundamente este "Canto da Comunhão" do Rito Bizantino daquele dia em que eu celebrava a Missa de corpo presente pela minha mãe. Senti tal participação dos presentes naquela missa que era mais um clima de Paraíso que propriamente de morte. No dia 2 de dezembro de 1977, com 68 anos de idade, em conseqüência de um derrame cerebral, mamãe partiu para a Eternidade.

As Irmãs da Visitação de São Paulo enviaram-me, dias depois, significativa mensagem:

"Ela passou da transitoriedade do tempo à Vida Eterna... Passou ao Coração de Deus, à Comunhão dos Santos, e, que maravilha! Veio-lhe ao encontro aquela virgenzinha Mártir, gloriosa e imortal que se chamou a Aída de seus amores maternos..."

Quis Deus conceder à mamãe uma graça enorme, coisa humanamente bastante difícil. É que realmente o perdão é divino! Pouco mais de dois anos antes de morrer (era o Ano Santo de 1975), havia me enviado do Rio (eu me encontrava em São Paulo) uma carta em que dava o perdão para todos os que se viram envolvidos na morte de Aída.

Rio, 29-9-1975

Queridíssimo filho Maurício,

O que você queria tanto chegou: o perdão!

Perdão para os assassinos e todos aqueles que contribuíram para a morte de minha filha! Pedi tanto a Deus, com muita fé, e bem do fundo do meu coração, que me desse

força e coragem para sinceramente perdoar. Senti uma coisa estranha, difícil de explicar. Primeiro uma pontada forte no coração e a seguir, senti uma coisa no meu corpo, que abalada comecei a chorar. Como se eu estivesse adormecida, e o toque no coração me despertasse. Chorei tanto, sentindo de dentro de mim sair o perdão que você tanto desejava.

Emocionada eu não estou sabendo explicar como foi. Foi a fé tão grande com que pedi a Deus forças para perdoar. Agora eu sei o que é um milagre. É uma coisa maravilhosa! Sei que estou bem com Deus. Ele me ouviu. Quando se dá o perdão de coração não há explicação.

Eu queria que o mundo inteiro soubesse da pureza de Aída. Cabe-me este direito. Mas não tem importância. Já dei o meu perdão de verdade mesmo.

De sua mãe abraços e muitos beijos

Jamila Jacob Curi

E no seu Diário, com data de 26 de setembro de 1975, encontrei esta página, sob a epígrafe "Perdão de Mãe":

Dia 26-9-1975, sexta-feira. Quando eu vim de ônibus para abrir a loja, eram 7 horas e meia. Pedi a Deus que fizesse com que eu sentisse em mim a vontade de perdoar os assassinos de minha filha Aída. Surgiu o milagre de Deus. Agora eu sei o que é sentir um toque no coração, quando se pede com fé. É isto que a humanidade deve ter: a grande fé da vida.

Eram 3 horas e 15 minutos do dia 26-9-1975, dia meio frio, querendo chover. Senti um toque em meu coração, uma coisa estranha. Falei espontaneamente: O Perdão! E logo em seguida foi como se uma alma, um espírito se desprendesse de dentro de mim. E falei: Chegou a hora para eu perdoar os assassinos de minha filha Aída. Senti

uma emoção tão grande! Chorei muito mesmo.

Padre Maurício Curi, meu filho, sempre me dizia: gostaria que a senhora desse o seu perdão, porque eu já dei o meu de coração. Depois de 17 anos e dois meses da morte de Aída, senti o toque para perdoar.

Com o perdão de todos os meus filhos

Assinado

Jamila Jacob Curi

O seu perdão não se limitou a esta atitude heróica aqui relatada. Nossa mãe continuou a rezar por um dos implicados e por sua genitora. Os leitores poderão avaliar a sua nobreza e o seu sentimento de mãe sofredora mas que - somente apoiada por uma força divina - sabe ir além da sua própria dor!...

"Foi na Ordem Terceira quando eu estava doente. Só Deus compreenderá as minhas palavras puras de verdade.

Dia 27-28 de outubro de 1976.

A Irmã como sempre de costume vem nos dar a hóstia. Eu pedi de coração que perdoasse a R. pois ele já sofreu muito, e a sua santa mãezinha está sofrendo mais. Isto digo do fundo do meu coração. São palavras de sentimento de mãe, que sofreu e sente profundamente a dor da mãe de R. Que Deus o perdoe. Jamila Jacob Curi."

Refletindo no gesto sublime de minha mãe, lembrei-me do célebre dito de um pagão, Libório, mestre de São João Crisóstomo, Santo do Oriente falecido em 438. Referindo - se à mãe deste Padre e Doutor da Igreja, dirigiu - se ao auditório, que tinha

diante de si, elogiando-a com estas palavras:

- "Que senhoras respeitáveis existem entre os cristãos!"



Dª Jamila é confortada por Dª Flora dos Santos Moreira,

Vice-diretora da Escola em que estudaram seus filhos.



O jornalista David Nasser visita a mãe de Aída.



Mocinhas da idade de Aída dão os pêsames a D^a Jamila na missa de sétimo dia.



Mãe de Aída com professoras da filha.



Dª Jamila visita o túmulo da filha.

XXX
À MINHA IRMÃ.

Aída! tu que gozas là no Céu
E ora nos vês no mundo inda sofrendo,
Para os teus que deixaste pede a Deus
A glória que alcançaste padecendo.

Tu eras uma flor intacta e bela,
Plena de viço e de eternal fulgor.
Tu do mundo penetras nesta tela
Para um exemplo ao mundo pecador.

O mundo tua inocência contemplou,
E viu pura nascer, pura morrer,
A virgem dando o sangue ao Deus que amou,
E te fêz o martírio merecer.

A virtude, da infância cultivaste.
Em mãos tiveste o vaso da inocência,

E dele com carinho tu cuidaste
P'ra Deus pura entregar a consciência.

Por que para tão longe te afastaste
E dum modo tão trágico, tão triste?
Talvez no eterno Céu então pensaste
E co'o martírio a sua porta abriste.

Por que tão cedo foste assim embora
Sem gozar a alegria do viver?
É que entreviste o Ser que a alma implora,
Dádiva augusta após o teu sofrer.

Por que não desfrutaste as vãs venturas
Deste mundo, na tua trajetória?...
É que foste encontrar lá nas alturas
O eterno Bem, felicidade e glória.

Foi em noite de lutas e martírio
Que rolaste nos ares combalida;

Como ao vento da haste cai o lírio

Tu caíste impoluta na avenida.

A morte para ti foi uma aurora

Que irrompeu da mais negra escuridão.

Copacabana ainda hoje chora

O baque ouvido em triste solidão.

Aída! do áureo trono de beleza

Onde sentada estás do Esposo ao lado,

Manda u'a chuva dos lírios da pureza

Que recebes do Cristo, teu Amado.

Aos Céus voou tua linda e pura alma,

Os sofreres levaste de vencida;

Conquistaste os louros e as palmas,

Buscando a morte, tu encontraste a Vida!

Ovelhinha inocente e desditosa,

Escapaste do Único redil,

Alcatifa de lírios e de rosas,
Templo de melodias e de árias mil.

E um dia, mediante un sacrificio,
Tu retornaste à pátria original
Onde só lá se vê local propício
Para sentir-te em casa... afinal!

Monsenhor Maurício Curi

Rio - 1959

- Poesia publicada na 1ª edição deste livro – Edições Paulinas 1959 São Paulo (Capital).

XXXI
APÊNDICE.

Prefácio do Cardeal Dom Jaime de Barros Câmara (falecido) para a primeira edição das Edições Paulinas S.P.



Havendo examinado os originais dos traços biográficos da virtuosa e heróica donzela Aida Cúri, declaramos nada ali encontrar que, por parte da Igreja, obste à sua publicação.

Jaime Cardinal Câmara
Arcebispo do Rio de Janeiro

Rio de Janeiro, 26 - VII - 1959

Apresentação de Sua Eminência o Cardeal Dom Eugênio de Araújo Sales (falecido),
para a terceira edição do livro de Aída Curi.



Arcebispo de São Sebastião
do Rio de Janeiro
Guanabara - Brasil

APRESENTAÇÃO PARA A 3a. EDIÇÃO
DO LIVRO DE "AIDA CURTI"

A primeira edição do Livro "AIDA CURTI" teve de D. Jaime de Barros Câmara uma carta a título de prefácio.

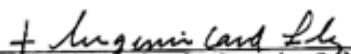
Hoje, para terceira edição dessa obra, seu autor pede ao atual Arcebispo do Rio de Janeiro uma apresentação.

Em um mundo eivado de erotismo, todo exemplo de luta pela virtude e pela pureza merece destaque especial. O Pe. Maurício Curi alinha uma série de argumentos em favor de sua irmã na defesa de sua virgindade. A leitura, portanto, é útil e mostra o caminho do Bem.

Sem qualquer intuito de julgamento, é reconfortante constatar, de um lado a veneração fraterna, demonstrada pelo irmão sacerdote, e de outro, uma vida em que os valores morais gozam de merecido relevo. Alguém pode discordar de uma ou outra interpretação na tragédia que abalou a opinião pública nacional. Todavia ninguém tem o direito de menosprezar o sacrifício em defesa da virtude.

Alegremo-nos pelos bons exemplos que sobrevivem em nosso mundo atribulado.

Rio de Janeiro, 6 de dezembro 1972


Card. Eugênio de Araújo Sales
Arcebispo do Rio de Janeiro

MC.



SECRETARIA DE ESTADO

N.297.340

VATICANO, 5 de Fevereiro de 1976

Reverendo Padre,

Teve o gesto de delicadeza de oferecer ao Sumo Pontífice um livro da sua autoria, no frontispício do qual, com a indicação do assunto versado, quis exarar devota dedicatória a Sua Santidade, explicitando os sentimentos de veneração e homenagem que lhe teriam ditado o gesto para com o Vigário de Cristo.

E-me grato vir expressar-lhe o reconhecimento do Santo Padre pelo preito, que Lhe mereceu apreço; outrossim, de transmitir-lhe os Seus votos de que desçam sobre a sua pessoa e actividades sacerdotais as graças divinas, para um fecundo ministério; a corroborar tais votos, conceda-lhe Sua Santidade a Bênção Apostólica.

Aproveito o ensejo para afirmar-lhe protestos de consideração atenta em Cristo Senhor.


(+ J. Benelli, Subst.)

Rev.do Senhor
Pe. Maurício Curi
Rua do Paraíso, 21

SÃO PAULO

ABERTURA PARA A QUARTA EDIÇÃO.

Num misto de confiança e timidez, decidi reeditar, no ano de 1975, a biografia de minha irmã Aída. Estando a segunda edição esgotada desde o ano de 1966, não me era possível prever que efeito poderia ter uma nova publicação, sobretudo tratando-se de um fato acontecido tantos anos atrás.

O número considerável de cartas que recebi de Cardeais, Bispos e Sacerdotes bem como as centenas de pedidos de diversos Estados fizeram-me compreender que Aída continua sendo mensagem, mesmo muitos anos após a sua morte.

A procura e o êxito animaram-me a lançar esta 4.^a edição, agora revista e ampliada, tendo como ponto alto a carta, escrita por minha mãe, que vai aqui intitulada "PERDÃO DE MÃE".

Considerava ela este fato do perdão, não como uma vitória de seu espírito magnânimo, mas fruto da força da oração e da graça de Deus. Desejava tanto ela ver esta sua carta publicada! Entendia, na sua característica simplicidade e sinceridade que, se dera o perdão, era para todos saberem! Não receio declarar que seu gesto foi totalmente desinteressado e generoso, sendo, portanto, agradável a Deus.

Não teria ela o prazer de ver esta nova edição. Maiores consolações lhe estavam, porém, reservadas. Aproveite aos Céus que, no momento em que este seu escrito viesse a lume, já estivesse junto à sua e nossa Aída...

Com o rico acréscimo desta homenagem póstuma à minha mãe, alma nobre e temente a Deus, acredito que este livro possa cumprir plenamente a sua finalidade: que seja para todos os que o lerem uma mensagem de Amor e Perdão.

O AUTOR - 14 de julho de 1978 - (no 20.^o aniversário da morte de Aída)

XXXII

ELAS SÃO MUITAS!

ELAS SÃO A GLÓRIA DA IGREJA!

"Vi uma grande multidão que ninguém podia contar, de toda nação, tribo, povo e língua: conservavam-se em pé diante do trono e diante do Cordeiro, de vestes brancas e palmas na mão. (...) Então um dos anciãos falou comigo, e perguntou-me: "Esses, que estão revestidos de vestes brancas, quem são e de onde vêm?" Respondi-lhe: "Meu Senhor, tu o sabes". E ele então me disse: "Esses são os sobreviventes da grande tribulação; lavaram as suas vestes e as alvejaram no sangue do Cordeiro".

(Apocalipse, Capítulo 7, Versículos 9, 13 e 14.)

No dia 16 de janeiro de 1972, antes de rezar o Ângelus com os peregrinos reunidos na Praça de São Pedro, Paulo VI pronunciou as seguintes palavras sobre a virgem e mártir romana, Santa Inês:

"Queremos recordar aos romanos, e também a todos os fiéis da Igreja latina e grega, que esta semana, precisamente no dia 21, é celebrada a festa de Santa Inês, jovem romana, uma das mais ilustres e veneradas santas da Igreja, que sofreu o martírio em defesa da sua castidade (Agné, em grego, significa exatamente casta, pura), no início do século IV, ou talvez antes. E foi tão grande a impressão causada pela morte desumana desta simples e frágil adolescente, vítima da sua fortaleza e da sua pureza, que este trágico fato não só mereceu as honras do culto – um dos mais antigos, pois em meados do século IV já figurava no calendário filocaliano, com a indicação do seu túmulo na Via Nomentana –, mas também foi digno do elogio, famoso e magnífico, de Santo Ambrósio (em 375-376) e, depois, de uma recordação em mármore, atribuída ao Papa São Dâmaso, e da introdução do seu nome no cânon da missa.

O que agora pretendemos recordar é o fato da popularidade desta santa, uma jovem de apenas 12 anos, mas já consciente da sublimidade e da mesquinhez que pode assumir a palavra amor; mártir para se conservar virgem e, depois, modelo e exemplo de uma fileira interminável de jovens puras, e flor simbólica de uma austera e delicada tradição, que defende e cultiva a beleza cristã.

Dizemos tudo isto, com a amargura, comum a todos, causada pelos recentes fatos que sensibilizaram a opinião pública, ofendendo gravemente o pudor da juventude feminina e, em geral, a dignidade da mulher; também deploramos a licenciosidade que, através da moda, da imprensa e dos espetáculos públicos, destrói o sentimento de reserva exigido ciosamente por um dos mais elevados valores da pessoa humana.

Gostaríamos que o exemplo de Santa Inês fosse recordado e o seu culto celebrado, especialmente em Roma, dado que esta jovem mártir constitui uma das suas glórias, dignas de poesia e do fervor que durante séculos a celebraram.

Nossa Senhora, a Virgem Puríssima, convida-nos a estas confortadoras e serenas reflexões."

("L'Osservatore Romano", 23-1-1972)

Maria Goretti é conhecida como a "Inês do século XX". À imitação de Inês e Goretti muitas foram as jovens que neste século chegaram ao sacrifício supremo da vida para salvaguardar a sua honra. Na sociedade doente deste nosso século, brotam flores que honram a juventude. Provavelmente o século XX será conhecido como o século das virgens mártires.

Relacionamos a seguir alguns nomes conhecidos de moças que deram a vida pela própria honra.

XXXIII

IMITADORAS DE MARIA GORETTI.

Os dados são colhidos do livro "Lírios no charco" - R. P. Faustino Barcenilla (passionista) Tip. Editorial Franciscana, Braga, Portugal, 1969, e do livro "Lírios sobre o pântano" – Aury Maria Azeglio Brunetti C.M.F. 1960 – Editora "Ave Maria" Ltda. – Caixa Postal 615 – São Paulo.



Albertina Berkenbrock

ALBERTINA BERCKEMBROCK – S. Luís da Vargem do Cedro, diocese de Florianópolis, município de Imaráí, Estado de Santa Catarina. 12 anos de idade. Assassinada por Manuel Palhoça (Maneco), que morre, anos depois, arrependido. O Processo de Beatificação de Albertina, tendo começado no ano de 1952, em Roma, foi concluído. *Sua Beatificação deu-se no Brasil, em outubro de 2007.*

MARIA VIEIRA DA SILVA – Açores – 14 anos – 1940.

RENATA SCHMYK – Berlim, Alemanha – 14 anos.

D. VIRGÍNIA DAS MERCÊS – Esposa mártir, 28 anos. Mãe de dois filhos. Durante a Segunda Guerra Mundial. Província Portuguesa Ultramarina de Timor – 1943.

MARIA HELENA AVELAR CARDOSO – 17 anos – Fiães, Portugal.

CECÍLIA CIOLIN – 22 anos. Filha de Maria. Brasil – 1946.

DOLORES SAUMELL SAN AGUSTIN – 14 anos – Villafranca del Panadès, Espanha
– 1966.

ANA MARIA BRACCI – 13 anos. Roma, Itália – 1950.

NASIBECO – Moça de cor. 16 anos. Moçambique.

ANA ROSA VALENTE DA SILVA – 11 anos – Portugal.

MARIA ÂNGELA ALEIXO – Nascida em Porto, Portugal. Assassinada em Newark
(U.U.A.) – 1951.

MARIA AURORA MASTORATAS – 29 anos – Lourenço Marques – 14 de março de
1958.

OLGA GUEDES TAVARES – 19 anos. Filha de Maria – 1931 – Brasil.

MARIA DANIELA SIKONGOU – 16 anos. Outra Goretti africana - 1955.

IRMÃ MARIA CLEMENTINA (AFONSINA ANWARITE) – Religiosa Congolesa –
1964.

ANGELA – Goretti negra de Uganda – 1927.

REGINA COGINI – Brasil.

JOAQUINA DUARTE – Freguesia da Barreira – Diocese de Leiria, Portugal – 16 anos
– 1928.

ROSALINA MARINI – 17 anos. Filha de Maria. Brasil. 24 de outubro de 1958.

JOSEFINA VILASECA ALSINA – Catalunha, Espanha. 12 anos. Processo canônico para reconhecimento de sua virtude heróica já em andamento. O Sanatório de Manresa onde expira a menina está a cargo das Religiosas Filhas de São José, a mesma Congregação que se ocupa do Educandário Gonçalves de Araújo, onde estudou Aída. 1952.

CORPUS SOLA VALÊNCIA – Navarra, Espanha – 1943.

FILOMENA CARDOSO – Província de Timor português. De origem chinesa – 20 anos e mãe de um menino.

LAUDELINA MEDRANO Y MERINO – Espanha – 1959.

MARIA GRIMM – Ulm, Estado de WÜRTTEMBERG, Alemanha – 13 ANOS – 1922.

HORTENSIA LÓPES GÓMEZ – México – 1952.



ISABEL CRISTINA MRAD CAMPOS – Barbacena, Minas Gerais, Brasil, 1962 – Juiz de Fora, Minas Gerais – 1982.



SANTA SCORESE – Bari, Itália – 6 de fevereiro de 1968 – 16 de março de 1991. Morre com a idade de 23 anos, após violenta agressão de um jovem desequilibrado, que a seguia há três anos. Suas últimas palavras foram de perdão para o seu assassino. Santa fazia parte do movimento GEN dos Focolares. A Igreja a declarou “serva de Deus” em 1999. Website: http://www.santascorse.it/Pr_Scorese_ER.html

Aí estão as imitadoras de Inês e Goretti. E quantas outras não existirão desconhecidas!

E quantas, se não chegam ao martírio físico, são vítimas de situações angustiosas e vexames indescritíveis por causa de sua honra! Perseguições, humilhações, ataques morais e físicos, calúnias, tudo suportam para salvaguardar sua integridade física e moral!

Todas estas, quer passem por martírio físico quer por martírio moral, são o orgulho dos cristãos, glória da Igreja.

E como é igualmente avultado o número de mocinhas que nos impressionam por sua inflexível dignidade!

"Graças a Deus, são ainda numerosas – mais numerosas do que talvez se supõe e se diz, porque não fazem alarde da sua seriedade e das suas virtudes, como outros ostentam a sua leviandade e a sua desordem – as jovens que, educadas por pais cristãos, passam serenas e alegres, mas modestas, nas ruas da cidade, nos caminhos dos campos, para irem aonde as chamam os deveres domésticos, profissionais, escolares e

caritativos, que fazem amar a sua graça sorridente, mas ao mesmo tempo respirar a sua inflexível dignidade.

Elas são muitas, sem dúvida (...), e seriam ainda mais numerosas se houvesse, da parte dos pais, mais vigilância e afetuosa bondade, e, da parte dos filhos, mais confiante docilidade."

(Palavras de S. S. o Papa Pio XII, por ocasião da Beatificação de Santa Maria Goretti, 30 de abril de 1947).

Palavras inesquecíveis foram ainda pronunciadas pelo mesmo Pontífice, por ocasião da canonização da santinha italiana. A praça de São Pedro, literalmente tomada por uma enorme multidão (300 mil peregrinos, entre os quais o próprio Presidente da Itália), tornou-se um grande santuário aberto ao céu. Vinda de todos os países a multidão ali se apinhava para ouvir a exaltação do nome da menina Goretti, de Corinaldo. E a voz do Papa encheu a praça numa calorosa conclamação, ao mesmo tempo que perguntava:

"Ó jovens, ó amados filhos e filhas, pupila dos olhos de Jesus e de nossos próprios olhos, falai! Estais firmemente resolvidos a resistir a qualquer tentação que outros se atrevam a fazer contra a vossa pureza? E vós, pais e mães, que contemplais com esta multidão a imagem adolescente que com sua pureza imaculada arrebatou o coração! (...) Estais dispostos a cumprir a solene promessa de velar por vossos filhos e filhas até onde seja possível, para defendê-los contra os grandes perigos que os cercam, e mantê-los afastados dos lugares que preparam a senda da impureza e da perversão moral?"

XXXIV
APRECIACÕES
DAS EDIÇÕES ANTERIORES.

(Tradução.)

18-9-1976

Caro Padre,

Voltando a Damasco há três dias, aí encontrei seu livro "Aída Curi". Eu lhe agradeço de todo coração. Embora não sabendo ler o texto, eu pude perceber que se tratava de sua irmã, dada como modelo a seus semelhantes.

Que o Senhor abençoe seus esforços e seu apostolado

+ Maximos V

Patriarca

Maximos V Hakim

Patriarca Greco-Melquita Católico

Damasco – Síria

Porto Alegre, 31-5-76

Ao prezado Pe. Maurício Curi

Agradeço a amável oferta da brochura "Aída Curi – O preço foi a própria vida!" e felicito a família pela filha e irmã de admirável grandeza interior. Atenciosamente.

Cardeal Vicente Scherer – Arcebispo Metropolitano de Porto Alegre.

" Agradeço o livro que enviou e que guardarei com o carinho que o inspirou" –
Salvador, 2 de junho de 1976.

+ Avelar, Cardeal Brandão Vilela – Arcebispo de São Salvador da Bahia, Primaz
do Brasil.

Em 12.03.1979.

Revmo. Mons. Maurício Curi

Recebi de sua autoria o livro "Aída Curi" , fazendo votos para que a obra continue
seu proveitoso apostolado junto à mocidade brasileira. O agradecimento cordial.

Aloísio Card. Lorscheider

Arquidiocese de Fortaleza

Dom José Newton de Almeida Baptista – Arcebispo de Brasília saúda em Cristo o
prezado Sr. Padre Curi, e agradece o riquíssimo presente de Aída Curi – o testemunho
de que mais precisa o nosso tempo. Parabéns!

Brasília 28/5/76

Belo Horizonte, 14 de março de 1979

Prezado Monsenhor,

L. J. XTUS!

Recebi e agradeço de coração o exemplar que me mandou da 4ª edição de seu
livro "Aída Curi – o preço foi a própria vida", história maravilhosa que já fez tanto bem
e maior bem fará ainda. Já li imediatamente os dois novos interessantes capítulos que
enriquecem muito a publicação. São coisas impressionantes dos caminhos de Deus:

num mundo tão enlameado pela corrupção, surge o exemplo desse lírio tingido pelo sangue do martírio. Os tempos de Inês e o de Maria Goretti não terminaram no mundo. A força de Deus continua a dar coragem para os mártires de hoje!

Um abraço

Do servo e amigo

Dom João Resende Costa

Arcebispo de Belo Horizonte

12-1-77

Prezado Pe. Maurício Curi

Em minhas mãos o livrinho sobre sua santa irmã. Com que enlevo o li! É um livro que faz bem à gente. Dou-lhe os parabéns sinceros pela publicação feita com alto espírito cristão e com simplicidade evangélica. Creio que ainda irá, já nesta 3.^a edição, promover a estima pela pureza entre nossos jovens. Faxit Deus! – Com afetuosa bênção.

Dom Manuel Pedro da Cunha Cintra – Bispo de Petrópolis.

Campinas, 15 de junho de 1976

Meu caro Pe. Maurício,

Quero agradecer-lhe, muito de coração, o envio do seu mimoso livrinho sobre a sua irmãzinha-mártir, a nunca esquecida Aída Curi.

A leitura veio renovar em minha mente e em meu coração a imagem graciosa e gentilíssima da irmãzinha de S. Maria Goretti, em nossa terra, e mostrar a beleza daquela alma que o Senhor quis junto de Si, - um lírio cândido de corola repleta de seu próprio sangue martirizado...

Que ela nos acene, lá do Alto, para que tenhamos, à imitação dela, a formosura de alma que encante o Senhor!

Agradecidamente

Dom Antônio Maria Alves Siqueira – Arcebispo de Campinas.

(Tradução.)

17/02/1978

"Agradeço o livro que V. Revma. consagrou à doce memória de sua santa irmã Aída. Fez bem em revelar ao público as amáveis e fortes virtudes, humanas e cristãs, que ornavam a alma de sua irmã, e também em apresentá-la como um modelo a ser seguido.

Não pretendo falar de condolências, visto que a morte de uma jovem tão santa é causa de alegria nos céus, onde ela entra como em sua própria casa, e causa de alegria também para a Igreja, cujo seio fecundo produziu tão bela flor, e honra a família e o povo aos quais pertence. Esta é a palavra de consolação que desejo exprimir.

Mgr. Pierre K. Medawar

Patriarcado Melquita Católico, Cairo, Egito

(Tradução.)

17/02/1978

Agradeço o livro sobre sua irmã, vítima heróica da pureza. Li com emoção este livro, impregnado de amor fraterno. Os testemunhos são emocionantes assim como o quadro que oferece da alma transparente de sua irmã e o itinerário que descreve de sua

adolescência em direção a Deus. Mas os caminhos do Senhor não são os nossos; assim é que diante da beleza de sua alma, Jesus quis que a palma do martírio da castidade fosse a sua sorte, à semelhança da menina italiana que ela amava, Maria Goretti, e em circunstâncias semelhantes.

Ficará ela sendo um símbolo de pureza para todas as jovens brasileiras do seu País e da sua cidade. Passaram-se muitos anos, mas o sacrifício de Aída permanece na memória das pessoas, e lá do céu, ela poderá vir em auxílio a todas aquelas que a invocam.

Mgr. Neophytos Edelby

Metropolita de Alepo (Síria)

Bondoso Padre Maurício,

(São Paulo, 27/07/1975)

Paz e Bem!

Li, com muito interesse, as preciosas páginas que Vossa Revma. escreveu sobre sua prendada irmãzinha-mártir, Aída Curi. Foi Deus quem a escolheu para tão difícil missão. O mesmo Deus há de fortalecer muitas jovens a fim de serem corajosas como ela.

Continue também Vossa Revma. seu apostolado junto à Juventude e Família. Seu Paulo Evaristo Cardeal Arns – Arcebispo de São Paulo.

"É um livro escrito sem ódio, sem orgulho, sem acusações, sem sensacionalismo e pretensões humanas. Vai fazer grande bem às nossas famílias e à juventude da nossa Pátria. Seu livro, despretensioso e bem escrito, é uma bela mensagem..."

Dom Raimundo de Couto Silva – Arquidiocese de Fortaleza

"Agradeço-lhe ter tido a inspiração de escrever sobre Aída".

Dom Benedito de Ulhoa Vieira – Arcebispo de Uberaba MG.

"...desde que li a vida de sua irmã, escrita com carinho de irmão e mesura de imparcial historiador, tinha desejo de escrever-lhe (...)

A vida de sua irmã a passo a muitas pessoas e sobretudo às moças, e parece-me que com grande fruto, e é uma forma de fazer apostolado."

(25-1-69 – Pe. Faustino de S. Domingos – Barroelas – Minho – Portugal).

(...) Agora o irmão dela lança um livro. E o faz com nobreza de cristão e sacerdote. Seu intuito não é promover a irmã como santa e os assassinos como criminosos. Muito pelo contrário! Neste Ano Santo ele novamente responde aos seus inúmeros amigos o que pensa daquele acontecimento: continua perdendo e pedindo que todos perdoem. Para ele o fato já passou. O importante é não relegar ao esquecimento o fato de que, um dia, uma jovem colegial, tendo que escolher entre o erotismo, a degradação e a sua própria dignidade, escolheu a dignidade, com todas as conseqüências advindas de sua escolha.

(...) Faça um favor aos jovens que o cercam. Conte-lhes a história de Maria Goretti, ou de Aída, sem levá-los a odiar os assassinos. Eles também tiveram o seu drama a curtir. (...) Depois recomende o livro do Padre Curi a respeito de sua irmã. (...)

De vez em quando é preciso relembrar pessoas como Aída, para que não acabemos numa civilização de autômatos e objetos.

(Do Artigo "Um memento por Aída Curi" – Pe. Zezinho SCJ – Outubro de 1975).

"O que mais me agradou no seu livro foi não ter usado sombras para dar relevo à figura de Aída. Sim: o capítulo O PERDÃO, a gente não sabe se deve ser prefácio ou epílogo. Pessoalmente acho que é o livro todo."

Pe. Paulo J. de Souza, SJ.

"Aída Curi alcançou uma maturidade plenamente humana e cristã pela vivência do Evangelho: construiu em Deus a sua vida como casa sobre a rocha. A sua figura mostra às novas gerações como é preciso, para sermos cristãos autênticos, termos a coragem de colocar Deus acima de tudo nas nossas vidas, e de ir contra a corrente. Irradiaremos assim alegria, paz, pureza, bondade, misericórdia e amor, frutos do Espírito Santo."

São Paulo, 2 de maio de 1974.

Pe. Enrico Pepe e Pe. Francisco Manunta

Prezado Senhor Diretor da Livraria "Ave Maria" 1/12/75

Temos o prazer de acusar o recebimento da publicação abaixo mencionada, que estamos enviando à Library of Congress, em Washington, D. C.

Curi, Maurício, Pe. - "Aída Curi, o preço foi a própria vida!" 3.^a edição, 1975 (2 ex.).

Cordialmente

Rodney G. Sarle

Field Director – The Library of Congress Office, Brazil - Rio de Janeiro.

"Um episódio como este, que abalou a opinião pública, não poderia deixar de ser devidamente documentado, como verdadeiramente o foi, através desta obra."

William Habib – Cônsul do Líbano em São Paulo.

"...está fielmente descrita a personalidade de Aída; naquelas palavras lapidares encontra-se exuberante a formação moral da Maria Goretti do Brasil (...). Este trabalho magnífico expressa duas verdades: a virtude de Aída e a saudade de seu irmão."

(13-2-60 – Rio de Janeiro – José Valladão – Advogado da família neste processo)

É preciso aceitar que, se os tempos mudaram, nem por isso o ideal cristão de pureza deixa de encontrar abrigo em almas eleitas, capazes de doar a vida em quaisquer circunstâncias para resguardá-la. E outra verdade ressalta da leitura do livro: é quase sempre de um lar cristão, como o de Aída Curi, e de uma educação viril e motivada que saem as vidas que nos impressionam pela sua doação heróica."

(Alfredo Mattar – professor secundário e pai)

"Uma tristeza enorme invadiu meu coração, quando comecei a ler o seu livro. Eu me coloquei no lugar de sua irmã, e faria o possível para conservar a minha honra. Uma jovem de apenas 18 anos sacrificou-se para conservar a sua honra e a da família. Hoje, resta a saudade de seu irmão e a admiração pelos pensamentos, pela pureza de sua alma, sua fibra e sua personalidade. Pelo amor de Deus valeu seu sacrifício. Nestes dias, ainda, ouvem-se comentários sobre Aída Curi."

Bairro do Paraíso, São Paulo, 21 de maio de 1975.

Aliçar Chammas – 15 anos.

"É, inegável, perante a Verdade Objetiva, não só a virgindade física de Aída, mas e sobretudo a sua integridade moral e espiritual. Assim sendo, somente iluminada pela Luz Superior – DEUS, que sempre a conduziu, somente tendo escolhido DEUS como seu tudo, se compreende a sua opção totalizante por Ele, através do Martírio. Foi o que concluímos da leitura do livro "Aída CURI, o preço foi a própria vida!"

São Paulo, 19 de abril de 1973.

(O casal Munir Cury – Promotor Público e Afife Lemes Kaial Cury –Advogada).

(...) Fiquei contente com o livrinho Aída Curi, cuja sorte, tão semelhante à de S. Maria Goretti, me comoveu tanto que coloquei Aída no meu coração como alma santa inspiradora e protetora.



Iginio Giordani

11-2-1977 Roma – Itália – escritor e ex-deputado do Parlamento italiano.

"Grazie del suo libro e dell'occasione che mi ha dato di conoscere Aída".
(Obrigada pelo seu livro e pela ocasião que me proporcionou de conhecer Aída).



Chiara Lubich

Chiara Lubich (Prêmio Templeton 1977 para o Progresso da Religião) 1-00040 Rocca di Papa-Itália.

O AUTOR.



Monsenhor Maurício Curi.

Monsenhor Maurício Curi, nascido no Brasil, em Pedro Leopoldo, Minas Gerais (11/11/1940), é de origem da cidade de Saydnaya, na Síria. Seus pais pertenciam à Igreja Melquita Católica, de rito Bizantino. Estudou durante os primeiros anos de Seminário com os Padres Salvatorianos, na Piedade (Rio) e em seguida em Jundiáí.

Cursou Filosofia no Seminário de São José, no Rio Comprido, Rio de Janeiro (1960-1962). Foi em seguida mandado por

seu bispo, Dom Elias Coueter, o primeiro bispo melquita do Brasil, para estudar a Teologia em Jerusalém com os Padres Brancos, Missionários da África (1962-1965).

Em 1965 foi ordenado sacerdote na cidade de seus pais em Saydnaya (Síria), seguindo depois para São Paulo, onde trabalhou durante 13 anos como Vigário Cooperador na Catedral Melquita de Nossa Senhora do Paraíso.

Trabalhou como voluntário na Associação de Assistência à Criança Deficiente (A A C D). Foi Assistente Religioso Substituto, durante 2 anos, da Associação das Filhas de Maria da Arquidiocese de São Paulo.

Em 1977 recebe o título de Arquimandrita (que corresponde mais ou menos ao título de Monsenhor no Rito Latino).

Desde a segunda metade de 1979 se encontra fora do Brasil. Frequentou a Escola de Espiritualidade para Sacerdotes, iniciativa do Movimento dos Focolares, na Itália,

em dois períodos: em Frascati, de 1979 a 1980 e anos depois em Loppiano, perto de Florença, em 1986.

Foi pároco de duas igrejas melquitas na Síria (Kafarbo e Yabrud) durante 6 anos (1980 - 1986). E após esta época passa 5 meses na África, entre a República dos Camarões e a Costa do Marfim. Hóspede de seus amigos, sacerdotes focolarinos, faz ali uma experiência pastoral.

Em meados de 1986 chega ao Egito, servindo a Igreja Melquita do Cairo, primeiramente como Vigário Cooperador da igreja da Imaculada Conceição e a partir de setembro de 1989 como Pároco.

No Cairo foi Juiz Assessor do Tribunal Eclesiástico de Primeira Instância para os Melquitas Católicos (1993 - 2000), e atualmente é Defensor do Vínculo do mesmo Tribunal.

É autor de cinco livros: em língua portuguesa "Maria Rosa, o Dom de Consolar", e "Aída Curi, o preço foi a própria vida" (Este livro, publicado e reeditado 4 vezes pelas Edições Paulinas e Editora Ave Maria, em São Paulo, há muito se encontra esgotado); no Egito, publicou em francês e árabe "Catecismo para a Primeira Comunhão", e em francês uma biografia sobre um leigo melquita do Egito, Dr. Boutros Cassab.

Por ocasião do 80º Aniversário de Sua Santidade Bento XVI, publicou um livro em francês: "Deux Papes, Une seule devise : Amour et Vérité".

Em preparação: "Crianças Brasileiras" Tudo vence o Amor-com "Poesias do Autor".

Além destes livros, colaborou com artigos e poesias de cunho social e religioso para o jornal "O São Paulo" da Arquidiocese Latina de São Paulo, e escreve atualmente para o jornal de língua francesa e árabe "Le Messenger", o único jornal católico do Egito.

ÍNDICE.

- Prefácio – Munir Cury e Afife L. Kaial Cury.....	4
- O caso Aída Curi.....	6
- O fato criminoso.....	9
- O contexto social da época.....	14
- As incógnitas do crime.....	15
- Suicídio ou Homicídio?.....	18
- “Um mar de lama”.....	25
- Um apelo.....	27
- 14 de julho de 1958.....	29
- A cilada.....	35
- O chaveiro.....	36
- Os óculos e a aliança.....	36
- A bolsa.....	38
- As manchas de sangue no livro.....	38
- Ficou forçada ou porque quis?.....	39
- A procura do local.....	40
- A agressão e a resistência.....	40
- A denúncia.....	43
- Pronunciamento da Justiça.....	47
- O Parecer do Curador Cordeiro Guerra sobre a Impronúncia.....	48
- Acórdão da Primeira Câmara Criminal.....	50
- Esclarecimento importante.....	52
- A virtude acima de todos os valores.....	53

- À minha irmã, com carinho.....	55
I – Quando os descaminhos do mundo são os caminhos de Deus.....	63
II – Primeiros <i>closets</i> da infância.....	69
III – Retrato interior.....	71
IV – Delicadezas que não se esquecem.....	73
V - Qualidades de uma noviça.....	76
VI – “Perfume de caridade”.....	76
VII – Devoção.....	79
VIII – Maria.....	82
IX – Um sonho.....	83
X – Apontamentos de um Diário.....	87
XI – Duas cartas.....	90
XII – Aluna Nota 10.....	98
XIII – O testemunho da colega.....	103
XIV – Trechos da Entrevista de Marília Alvarenga.....	106
XV – Presságio.....	110
XVI – Maria Goretti, Mártir da Castidade.....	113
XVII – Conhecia Maria Goretti.....	115
XVIII – “...Eu faria o mesmo!”.....	117
XIX – “Antes a morte!”.....	118
XX – Um coração inteiro.....	119
XXI – A aluna da “Cultura Inglesa”.....	119
XXII - "NÃO!", "EU NÃO VOU!".....	124
XXIII - SUBIU À FORÇA E AOS GRITOS – Outras testemunhas.....	126
XXIV – Quem era Aída?.....	128
XXV – “Uma irmã de Maria Goretti”.....	134

XXVI – “Conheci muito bem a sua alma.”.....	138
XXVII – “Eu fui colega e professora de Aída”. “Nunca vi uma menina pura e inteligente como Aída Curi”.....	144
XXVIII – Sonhos e Pensamentos sobre Aída Curi.....	149
XXIX – Perdão de Mãe – Outubro de 1975.....	159
XXX – À minha irmã.....	167
XXXI – Apêndice.....	171
XXXII – Elas são muitas! Elas são a glória da Igreja!.....	175
XXXIII – Imitadoras de Maria Goretti.....	177
XXXIV – Apreciações das edições anteriores.....	182
O AUTOR.....	192
ÍNDICE.....	194

O Autor esclarece que sua família nunca recebeu direitos autorais nem auferiu lucros de nenhuma publicação – livros ou revistas – sobre Aída.

E quanto a este livro, declara que qualquer lucro reverterá em benefício de obras de caridade.

Um agradecimento especial aos jornais e revistas pelas fotos
gentilmente cedidas ao autor deste livro.
